



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Elmar Rosa de Aquino

**Que Reino é esse? - estratégias de interdiscursividade em Edir
Macedo**

Rio de Janeiro
2009

Elmar Rosa de Aquino

**Que reino é esse? – estratégias de interdiscursividade em Edir
Macedo**

Dissertação apresentada, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Língua Portuguesa

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Darcilia Marindir Pinto Simões

Rio de Janeiro

2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

A657 Aquino, Elmar Rosa de.
Que reino é esse ? estratégias de interdiscursividade em Edir
Macedo / Elmar Rosa de Aquino. – 2009.
119 f.

Orientadora: Darcilia Marindir Pinto Simões.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Letras.

1. Análise do Discurso – Teses. 2. Intertextualidade – Teses. 3.
Igreja Universal do Reino de Deus – Teses. 4. Persuasão (Retórica) –
Teses. 5. Hermenêutica (Religião) – Teses. I. Simões, Darcilia
Marindir Pinto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto
de Letras. III. Título.

CDU 82.085

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Elmar Rosa de Aquino

**Que reino é esse? – estratégias de interdiscursividade em Edir
Macedo**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Língua Portuguesa.

Aprovado em 27 de março de 2009

Banca Examinadora: _____

Prof.^a Dr.^a Darcília Marindir Pinto Simões (Orientadora)
Instituto de Letras da UERJ

Prof.^a Dr.^a Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu
Instituto de Letras da UERJ

Prof.^a Dr.^a Cláudia Nívia Roncarati de Souza
Instituto de Letras da UFF

Rio de Janeiro
2009

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, pela educação que me proporcionaram.

AGRADECIMENTOS

À Darcilia Simões, minha orientadora, pelo carinho, firmeza e dedicação.

Às professoras Cláudia Nívia Roncarati de Souza e Maria Teresa Tedesco Vilaro Abreu, pelas contribuições para uma melhor qualidade da minha pesquisa.

Às professoras Vania Lúcia Rodrigues Dutra e Aira Suzana Martins, pela disposição em ajudar na revisão deste trabalho.

Aos meus familiares e amigos, pela paciência e compreensão nos momentos de ausência.

Aos colegas do curso de mestrado que incentivaram o meu trabalho.

Quem deseja e espera alguma coisa, se o que estiver para acontecer for à medida dos seus desejos, não só lhe há de parecer que tal coisa acontecerá, como até será uma coisa boa; mas para o insensível e para o mal-humorado passa-se exatamente o contrário.

Aristóteles

RESUMO

AQUINO, Elmar Rosa de. *Que reino é esse?* – estratégias de interdiscursividade em Edir Macedo. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Estudo das estratégias de persuasão no discurso religioso por meio da interdiscursividade e da intertextualidade. A partir de uma visão semiótico-discursiva, estabelece-se uma forma de leitura dos textos religiosos com base na teoria da iconicidade verbal de Darcilia Simões, combinada com a Análise de Discurso, de linha francesa, apoiada nos estudos de Eni Orlandi, sobre as condições de produção textual. Recorre-se aos estudos desenvolvidos pelas ciências sociais, psicanálise e filosofia da linguagem para efetivar uma forma diferenciada de interpretação dos textos religiosos, com foco no discurso neopentecostal, representado, neste trabalho, por textos de autoria do líder da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD – o Bispo Edir Macedo. A análise atesta que existe uma tendência à leitura monossêmica induzida pelo enunciador sobre a interpretação das Escrituras Sagradas que, neste caso são os pastores da IURD, descartando qualquer possibilidade de contestação por parte do leitor/ouvinte (o fiel, ou potencial fiel), o que caracteriza a ilusão da reversibilidade de papéis imposta pelos discursos autoritários.

Palavras-chave: Análise de discurso. Semiótica. Discurso religioso. Leitura e produção textual

ABSTRACT

Study of the persuasive strategies in the religious speech through the interdiscursivity and intertextuality. From a semiotic-discursive vision, a way of reading religious texts is established based on the Darcilia Simões' theory of verbal iconicity, combined with the Discourse Analysis, of French orientation, supported upon studies of Eni Orlandi on the conditions of textual production. Support is sought on studies developed by the social sciences, psychology and philosophy of language to accomplish a different way of interpretation of religious texts, with focus on neopentecostal speech, represented in this work, the leader of the Igreja Universal do Reino de Deus — IURD - Bishop Edir Macedo. The analysis demonstrates a tendency to monosemous reading induced by holding the power over the interpretation of the Holy Scripture by the IURD pastors, discarding any possibility of challenging from the reader/listener (believer or potential believer), which characterizes the illusion of role reversibility imposed by the authoritarian speeches.

Keywords: Analysis of discourse. Semiotics. Religious discourse. Reading and textual production

SINOPSE

Análise de Discurso: interdiscursividade e intertextualidade. Condições de produção e contexto sócio-histórico. Polifonia e dialogismo no discurso religioso. Intersubjetividade e intersemiotividade. Ideologia e estratégias de persuasão. Seleção lexical. Campos semânticos, âncoras textuais e isotopias. Sentido literal e sentido metafórico. Leitura crítica e leitura autônoma. Sócio-cognitivismo interacional. Potencial icônico do signo linguístico. Fabricação de referentes. Ensino de leitura e produção textual. Interdisciplinaridade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A ESTRUTURAÇÃO DO TEXTO RELIGIOSO.....	19
1.1 A relação entre o sujeito e o Sujeito.....	19
1.2 As condições de produção do texto religioso judaico-cristão.....	20
1.3 A leitura dos textos bíblicos pelos “olhos” da Igreja Universal do Reino de Deus	24
1.4 A seleção vocabular como objeto de tensão entre Deus e o homem.....	27
1.5 O poder icônico-indicial das palavras.....	29
1.6 A intertextualidade e a polifonia.....	31
2 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO.....	34
2.1 A relação homem-divindade-dinheiro – Teologia da Prosperidade.....	34
2.2 O contexto histórico-político-social.....	35
2.3 A palavra como instrumento de dominação.....	36
2.4 A seleção dos argumentos.....	39
2.5 Os processos de <i>fabricação</i> de referentes.....	40
2.5.1 <u>A base textual</u>	44
2.5.2 <u>Os conhecimentos partilhados</u>	46
2.5.3 <u>A coerência</u>	47
2.5.4 <u>A cooperação</u>	48
2.5.5 <u>A abertura textual</u>	49
2.5.6 <u>A base contextual</u>	49
2.5.7 <u>A determinação tipológica</u>	50
2.6 A retórica neopentecostal.....	51
3 ANÁLISE DO CÓRPUS.....	53
3.1 Algumas considerações sobre o livro-cópus.....	53
3.2 A busca pela intertextualidade.....	53
3.3 As quatro subdivisões do <i>Apocalipse</i> de João.....	55
3.4 A iconicidade estilística.....	58
3.5 Os campos semânticos explorados por Edir Macedo.....	61

3.5.1	<u>O místico/mítico</u>	64
3.5.2	<u>O problema</u>	67
3.5.3	<u>O mal</u>	69
3.5.4	<u>O medo</u>	71
3.5.5	<u>O poder</u>	75
3.5.6	<u>A guerra</u>	82
3.5.7	<u>A redenção</u>	85
3.6	A combinação dos campos semânticos em quatro isotopias.....	90
3.7	Os comentários do autor.....	91
4	CONCLUSÃO	98
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
	ANEXO – Carta à Igreja em Tiatira	109

INTRODUÇÃO

Esta dissertação resulta do estudo dos mecanismos de persuasão implicados em processos de seleção vocabular que revelam intenções comunicativas conativas (de mobilização do enunciatário). A pesquisa foi orientada pelos estudos de Eni Orlandi (1983) acerca do discurso religioso com foco no cristianismo de linha católica, pelas recentes discussões acerca do ensino religioso nas escolas públicas, e pela Teoria da Iconicidade Verbal de Darcilia Simões (2007). Partimos de nossos estudos dos mecanismos de persuasão presentes nos textos de autoria do Bispo Edir Macedo, por nós iniciados no curso de pós-graduação *lato sensu* documentados na monografia final². Buscamos então fazer, no Mestrado, uma análise da tipologia discursiva praticada pelo líder da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD. Além disso, procuramos tecer algumas considerações relativas ao aspecto doutrinário do estilo com que o autor elabora suas teses, com vistas a persuadir os seus interlocutores a fazerem uma leitura monossêmica dos textos bíblicos.

O livro *Estudo do Apocalipse*, de autoria do Bispo Edir Macedo – identificado pela sigla EM neste trabalho – no qual o religioso procura atribuir uma visão de cunho doutrinário a um dos textos mais polêmicos da Bíblia, o *Apocalipse* de João, serviu de *córpus*³ para a realização deste trabalho. Procurando confrontar as propostas de leitura apresentadas pelo autor com outros trabalhos publicados por teólogos, filósofos da religião, analistas de discurso e historiadores, traçou-se um paralelo entre as diversas áreas do conhecimento evocáveis pelo texto e as possibilidades de leitura dos textos religiosos.

A princípio, gostaríamos de esclarecer que o presente trabalho não pretende esgotar todas as possibilidades de análise semiótico-discursiva, tendo em vista que os textos de cunho religioso apresentam uma série de fenômenos que podem servir como base para estudos de ordem multidisciplinar. Considerado o prazo exíguo de conclusão de um mestrado (dois anos) nos bastamos com o que ora se apresenta e reservamos outras lucubrações para uma futura tese de doutorado.

Como nosso objetivo é apenas verificar os mecanismos sócio-cognitivo-interacionais

² *As estratégias de convencimento no discurso persuasivo da Igreja Universal do Reino de Deus*, Monografia apresentada no curso de Especialização em Língua Portuguesa, orientada pela Prof.^a Dr.^a Darcilia Simões, UERJ, 2007.

³ Seguimos Simões no apontuguesamento da grafia de *corpus* (lat.) para *córpus*, uma vez que tal vocábulo se adapta ao padrão silábico português

envolvidos nos processos de leitura e produção textual que tomem por viés teórico os conceitos desenvolvidos pela Análise de Discurso (Orlandi/Pêcheux), combinados com a Teoria da Iconicidade Verbal (Simões/Peirce), para a formação dos campos semânticos com intenção conativa, propomos uma metodologia de análise dividida de acordo com as intenções comunicativas do autor do livro-cópus.

Também não temos a pretensão de analisar todas as ocorrências de cada aspecto levantado, dada a extensão do cópus. Para tanto, selecionamos apenas alguns exemplos em que os fenômenos se nos apresentam com maior evidência. Cabe aqui ressaltar que nosso objetivo é analisar o texto produzido por Edir Macedo, e não os textos bíblicos que aparecem sob forma de intertextos, a não ser que haja divergências de pontos de vista entre nossa leitura e a leitura produzida pelo pastor-autor, considerando-se nossos conhecimentos acerca da contextualização sócio-histórica e seus reflexos na iconicidade textual.

Na leitura crítica do texto, parece haver no estilo do autor um *eu*, narrador implícito, direcionando suas palavras para um *tu*, narratário implícito, que apresenta algum tipo de problema relacionado à vida sentimental/conjugal, dificuldades financeiras, saúde física/mental. O leitor é levado a crer que o autor está imbuído da tarefa de trazer-lhe a solução para qualquer que seja seu problema e conduzi-lo à salvação, através da “ilusão da reversibilidade” (ORLANDI, 1983; FONSECA, 2005). Assim, “*Narrador e narratário implícitos, subjacentes ao ator, definem-se pela totalidade de seus discursos*” (DISCINI, 2004, p. 41-42). Desse modo, o locutor (e enunciador) passa a ser considerado pelo leitor/fiel como o porta-voz da divindade, aquele que tem a autoridade e o poder dados por Deus para decifrar os enigmas do texto bíblico.

A partir das análises propostas neste trabalho, podemos verificar que o conhecimento da contextualização sócio-histórica, por meio da Análise do Discurso, bem como dos mecanismos dialógicos e polifônicos, ajudam, em muitos aspectos, na produção de sentidos múltiplos para os textos que se nos apresentem.

Citelli (2005, p. 40) afirma que

junto com as lutas sociais, com os embates pela afirmação de interesses de grupos e classes, desenvolvem-se os conflitos discursivos, e entre eles a vontade de afirmar a dominância de um discurso sobre o outro. Sabe-se, ademais, que sendo maior a produtividade persuasiva, mais intensa será a possibilidade de construção dos discursos que se pretendem hegemônicos.

Sob esse aspecto, entendemos que uma leitura crítica e autônoma, com base nas estratégias apontadas no presente trabalho, conduz o leitor por caminhos diferenciados dos

que o discurso dominante pretende inculcar.

Hodiernamente, é de suma importância que os docentes tenham consciência de que as áreas do conhecimento estão todas interligadas ao ser humano e que este é capaz de combiná-las, com o objetivo de compreender os fenômenos que o cercam e aprimorar seu relacionamento com o meio. Segundo Simões (2006, p. 105), “a interdisciplinaridade articula o conhecimento sem dissolver a especificidade dos campos do saber nem negar as disciplinas escolares” e “a contextualização reinsere o conhecimento específico no âmbito da vida, gerando significado, transformando definições em conceitos” e, sob esse aspecto, conduzimos nossos estudos na tentativa de identificar como alguns formadores de opinião promovem um retorno à ideologia medieval, em que o conteúdo religioso não se misturava com o científico.

No entanto, ainda existem algumas instituições que têm o interesse de, cada vez mais, distanciar o pensamento humano das conquistas científicas, transmitindo aos seus “associados” uma sensação de segurança e esperança de uma vida melhor. Dentre essas instituições, destacam-se as que seguem os parâmetros estabelecidos por uma ideologia conhecida como Teologia da Prosperidade (cf. FERRARI, 2007) – como a IURD – as quais exploram os medos e desconfortos do mundo moderno, usando como subterfúgio para enfrentá-los a adesão aos princípios da fé. Induzindo o fiel a supervalorizar a aquisição de bens materiais como recompensa pela obediência à divindade.

Sobre esse aspecto, Ferrari (2007, p. 46) afirma que

[...] o fenômeno religioso tem uma linguagem característica que envolve e extrapola o convencional. Engloba o imaginário, projeta para além da “plataforma” comum do uso das palavras. Vai do objetivo ao subjetivo, usando termos que extrapulam a historicidade humana: expressões com metáforas, paradoxos, imagens, parábolas, mitos, tonalidade poética, ambiguidades.

Daí a busca constante do autor do livro-cópus por itens lexicais que atinjam os leitores em seus pontos mais vulneráveis, remetendo aos problemas comuns da sociedade moderna, combinando-os com outros que transmitam a ideia de que a IURD é o “porto seguro”, capaz de proteger e salvar quem seguir suas orientações, independentemente do modelo de vida vivido até abraçar a doutrina neopentecostal difundida por Edir Macedo e seus correligionários.

Dentre os princípios básicos da interdisciplinaridade, encontram-se o “diálogo constante dentro de cada área de conhecimento e a contextualização, concebida como a vinculação do conteúdo ao social” (SIMÕES, 2006, p. 106). E esse diálogo entre as diferentes

áreas do conhecimento humano gera uma polifonia discursiva (cf. BAKHTIN, 2002; BLIKSTEIN, 2003; SIMÕES, 2006 e 2007) capaz de tecer a rede intersemiótica e intersubjetiva para a produção dos sentidos do texto.

Acerca do dialogismo discursivo, Barros (2003, p. 1) nos diz que “o texto é considerado hoje tanto como objeto de significação, ou seja, como um ‘tecido’ organizado e estruturado, quanto como objeto de comunicação, ou melhor, objeto de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sócio-histórico”. Portanto, não há como proceder a uma leitura crítica e autônoma sem considerar esses fatores.

Segundo Blikstein (2003, p. 45),

Suportado por toda uma intertextualidade, o discurso não é falado por uma única voz, mas por muitas vozes, geradoras de muitos textos que se entrecruzam no tempo e no espaço, a tal ponto que se faz necessária toda uma escavação “filológico-semiótica” para recuperar a significação profunda dessa polifonia. Cabe, então, a essa “filologia-semiótica” detectar toda a rede de isotopias que governam as vozes, os textos e, finalmente, o discurso.

A partir desses conceitos, propomos uma leitura baseada no contexto sócio-histórico, para que possamos entender as condições de produção do texto religioso e os efeitos que uma leitura avessa ao aspecto epistemológico, ou seja, às fontes e à validade do conhecimento, possa provocar no comportamento humano e nas relações interpessoais, gerando conflitos ideológicos. O que vai ao encontro do que nos diz Orlandi (1983, p. 104-141), ao afirmar que “a tipologia deve dar conta da relação linguagem/contexto, compreendendo-se contexto em seu sentido estrito (situação de interlocução, circunstância de comunicação, instanciação de linguagem) e no sentido lato (determinações histórico-sociais, ideológicas, etc.)”.

A Análise do Discurso francesa (na linha de Pêcheux) ajuda-nos na tarefa de entender como a relação de poder influencia na leitura dos textos sagrados. O pastor, que tem um lugar privilegiado no parlatório, investido da autoridade sobre os assuntos bíblicos, impõe uma leitura que deverá ser aceita pelo fiel, para que o mesmo possa ser considerado cristão e obtenha as graças prometidas pela divindade, libertando-o das garras do demônio. Leitura essa totalmente descontextualizada.

O projeto comunicativo do autor do livro-cópus leva em consideração o potencial expressivo dos vocábulos que remetem aos campos semânticos por ele explorados. E essa expressividade é conseguida por meio das associações entre os diversos elementos que compõem os objetos-de-mundo na construção dos objetos-de-discurso (MONDADA e DUBOIS, 2003).

As relações entre os objetos-de-mundo que, por um processo de semiose, geram os objetos-de-discurso perpassam a tríade signo-objeto-interpretante, bem como o caráter triádico do signo, sendo entendido como ícone, índice e símbolo. A Semiótica de extração peirceana ajuda-nos a entender os mecanismos de leitura do texto religioso por meio da teoria da iconicidade verbal (SIMÕES, 2007). Sendo assim, os campos semânticos são organizados pelo autor do livro-cópus de forma a ativar na memória discursiva do fiel os elementos que vão compor o universo cognitivo conveniente à aceitação das teses do enunciador. Por meio dos *representamens* selecionados, chega-se ao efeito de sentido pretendido pelo projeto comunicativo: a submissão à divindade.

Para Peirce (2005, p. 29), *termo* é “um signo que deixa seu Objeto, e ‘a fortiori’ seu Interpretante, ser aquilo que ele pode ser”. Por essa concepção, podemos entender os processos de “fabricação dos referentes” por meio das metáforas que permeiam tanto o texto bíblico, quanto o próprio texto do livro-cópus, pois “qualquer coisa é capaz de ser um Substituto para qualquer coisa com a qual se assemelhe” (id., ib., p. 64). Ainda, segundo Peirce, as metáforas são “hipoícones que representam o caráter representativo de um representâmen através da representação de um paralelismo com alguma outra coisa” (id., ib.).

Complementando esse conjunto semiótico-discursivo, Araújo (2004, p. 9-10) assevera que “o processo de semiose não se restringe a que algo (como um signo ou sistema de signos) substitua algo para alguém. A linguagem não é uma tradução automática das coisas, o significado não é um substituto do objeto”, mas uma combinação de três elementos: o significado, o signo e a coisa, que pode ser uma entidade física, uma ação ou um sentimento.

Segundo Simões (2004, p. 15), para a melhor compreensão do texto, o leitor “deverá usar as pistas que o próprio discurso oferece mais a sua experiência pessoal para, através de uma cognição complexa, efetuar o desvelamento do significado”. E, partindo desse pressuposto, todo texto tem seu sentido construído, tanto pelo escritor/falante como pelo leitor/ouvinte, por meio dos conhecimentos partilhados.

Nessa linha de raciocínio, desenvolvemos um estudo da iconicidade textual, considerando todo o texto como uma representação icônico-indicial, em que deixaria de ser um conjunto de palavras organizadas sintático-semanticamente e passaria a configurar um objeto: o objeto-de-mundo. E esse objeto-de-mundo é construído a partir de uma associação de sentidos que se vão combinando, ao longo do texto, pelas escolhas lexicais adequadas à isotopia pretendida pelo produtor, tornando-se assim objeto-de-discurso. Portanto, “a

depreensão num texto de dados extralinguísticos está intimamente ligada à cognição” (SIMÕES, 2007, p. 54).

A partir do estudo de Koch (2004, p. 52) de que “é na dimensão da percepção-cognição que se fabricam os referentes os quais, embora destituídos de estatuto linguístico, vão condicionar o evento semântico”, pode-se entender como se articulam os mecanismos de referenciação, por meio da combinação dos campos semânticos que constroem a isotopia neopentecostal de base judaico-cristã, no discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), com o intuito de doutrinar os leitores através dos textos publicados pelo seu fundador, o Bispo Edir Macedo.

Tomando como *cópus* a publicação intitulada *Estudo do Apocalipse*, podemos verificar como o pastor-escritor da IURD trabalha com a *fabricação* de referentes através dos textos utilizados como intertextos para a defesa de suas teses. Esses textos são utilizados como forma de determinação das normas que devem ser seguidas pelos “cristãos” para a salvação de suas almas.

Tomando como referenciais os estudos de Maingueneau (2005), Marcuschi (2004) e Orlandi (1983), acerca do caráter sócio-cognitivo da leitura, vimos levantando questões relativas à importância da interdiscursividade e da intertextualidade no ensino de leitura, bem como à importância da ampliação do universo cognitivo para a construção do sentido tanto do escritor, quanto do leitor.

Como nos diz Marcuschi (2004, p. 45), “quando nos faltam todos os apoios e evidências co-textuais e contextuais para a interpretação e compreensão de um texto, geralmente apelamos para contextos socioculturais ao nosso alcance”. E é baseado nesse princípio que o discurso religioso da IURD faz suas leituras direcionadas ao propósito da arrecadação dos dízimos como principal prática religiosa para se obter as graças de Deus, representadas pela riqueza de bens materiais, além da saúde e bom relacionamento familiar.

Ainda a esse respeito, Marcuschi (2004, p. 46) assevera que “a compreensão não se dá como fruto da simples apreensão do significado literal das palavras e sentenças”, senão a prática de leitura ficaria restrita à mera decodificação de signos linguísticos, sem considerar o efeito de sentido. Portanto, o ato de leitura implica também uma compreensão acerca dos elementos que situam um determinado texto em seu contexto e suas condições de produção. A *contextualização cognitiva* estaria intrinsecamente ligada à organização dos conhecimentos de mundo e das experiências pessoais.

Na contramão do discurso religioso, aparecem os estudos desenvolvidos pela crítica textual, tendo como um dos principais defensores o Prof. Bart Ehrman, da Universidade da Carolina do Norte, que publicou uma pesquisa feita sobre os originais dos textos que compõem a Bíblia Canônica e dos textos que ficaram conhecidos como “apócrifos”.

Com o intuito de restaurar o poder da religião cristã, que vem sendo desbancado pelas “teorias da conspiração”, além dos crescentes movimentos agnósticos, Macedo procura associar os acontecimentos hodiernos ao texto bíblico do *Apocalipse* de João.

Para nós, que temos uma preocupação com a leitura e produção textual calcada na interdisciplinaridade e na sócio-cognição interativa, a prática discursiva no âmbito religioso deixa a desejar no que tange à contextualização sócio-histórica do material de divulgação de que faz uso.

Na esteira dos estudos sobre a argumentação e as estratégias de persuasão, buscamos fazer um trabalho multidisciplinar que tivesse como principal meta a conscientização do leitor como sujeito do seu discurso, para que pudesse ter autonomia em sua prática de leitura, além de uma percepção mais apurada dos mecanismos de manipulação empreendidos por certos setores da sociedade.

1 - A ESTRUTURAÇÃO DO TEXTO RELIGIOSO

1.1 - A relação entre o sujeito e o Sujeito

Segundo Orlandi (1983, p. 140-141), “a tipologia deve dar conta da relação linguagem/contexto, compreendendo-se contexto em seu sentido estrito (situação de interlocução, circunstância de comunicação, instanciação de linguagem) e no sentido lato (determinações histórico-sociais, ideológicas, etc.)”.

Ainda, segundo a autora, a história de leitura é fator determinante para que o leitor possa “dialogar” (no sentido bakhtiniano) com o texto, fazendo inferências e estabelecendo relações como os efeitos de sentido produzidos pelo mesmo. Mas, para isso, é necessário que o leitor tenha subsídios acerca das condições de produção em épocas determinadas (ORLANDI, 2003, p. 25).

Quanto à *reversibilidade* discursiva — troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso constitui — proposto pela analista de discurso, verifica-se na obra do Bispo Macedo, a exemplo de muitas outras de cunho doutrinário que se aplicam ao discurso religioso, a existência de uma tendência ao *grau zero*, ou seja, leitura que não admite nenhum tipo de incursão polissêmica naqueles textos, levando, assim, o leitor ao estado de assujeitamento, típico do *discurso autoritário* (ORLANDI, 1983). Isso é feito com o objetivo de manter a leitura monossêmica e sem possibilidade de contestação.

A *intertextualidade* é outro campo bastante explorado pelo discurso religioso cristão, devido à sua estreita ligação com o texto bíblico, de onde são extraídos todos os ensinamentos, constituindo, portanto, uma unidade textual.

Para Pêcheux (apud ORLANDI, 1983, p. 149), “o discurso é definido não como transmissão de informação, mas como efeito de sentidos entre locutores”, sendo assim, também deveriam ser consideradas pelos autores de textos religiosos as condições de produção que fundamentam os sentidos produzidos pelos textos bíblicos, que viriam configurar uma variação inerente ao próprio conceito de sentido.

Partindo-se desses pressupostos, haveria uma infinidade de efeitos de sentido para os textos bíblicos, principalmente aqueles que compõem o Antigo Testamento que, conforme

palavras de Souza⁴ (1984), foram transmitidos por tradições orais de pai para filho, durante séculos, até que, em um dado momento, foram registrados por escrito. Dessa maneira, perderam-se os sentidos originais e epistemológicos, e muitas histórias sofreram alterações em sua forma original, além de terem muitas vezes partido de mitos ou lendas contadas pelos povos antigos, que resultaram de um intercâmbio cultural.

Esses elementos irão caracterizar o estilo empregado pelo pastor-autor, Bispo Macedo, na sua prática doutrinária.

1.2 - As condições de produção do texto religioso judaico-cristão

A tradição judaico-cristã teve como ponto de partida a união de diversos grupos que viviam em tribos instaladas na região de Canaã, atual Palestina. Cada tribo possuía suas tradições, seus mitos, seus costumes, seus hábitos alimentares. Como não viviam em sociedade, eram sempre subjugados pelas civilizações organizadas político-socialmente, tais como os cananeus, egípcios, fenícios, assírios e babilônicos. Daí serem esses povos conhecidos como *hebreus*, que quer dizer *escravos*, em hebraico.

Quando essas tribos se deram conta de que só poderiam enfrentar os opressores se houvesse uma associação entre elas, o que traria mais força e meios de se libertarem da escravidão, resolveram formar um só grupo, sendo a religião a principal reguladora dessa aliança (SOUZA, 1983). Estava formado o reino de Israel, que quer dizer *Deus reina*.

Ao longo dos séculos, ora na condição de dominantes, ora de dominados, muitos intercâmbios foram realizados com culturas prósperas que valorizavam a filosofia e as ciências. Isso nos leva a crer que, desde aquela época, já havia certa preocupação com a origem da humanidade e o sentido de sua existência.

Eric Auerbach nos esclarece que os judeus não angariavam muita simpatia em relação às demais civilizações, pelo seu fundamentalismo religioso e por suas práticas consideradas extremadas, o que os tornava “deveras antipáticos aos outros povos, em sua maioria, tolerantes em matéria de religião” (AUERBACH, 1987, p. 56).

⁴ Marcelo de Barros Souza é monge beneditino, membro do Centro de Estudos Bíblicos, foi Diretor da Escola de Evangelho da Diocese de Goiás e Assessor de Teologia do Secretariado Nacional da Comissão Pastoral da Terra.

Para manter-se, o reino judaico precisava das doações e do dízimo cobrado ao povo — principais fontes de arrecadação da família real — pois os saques das guerras e as terras conquistadas pelo primeiro rei, Saul, já não eram suficientes (LEFTEL, 2007, p. 19)⁵. Outro fato interessante, encoberto pelos escribas e que se perdeu ao longo da história contada na Bíblia, desconsiderado nos estudos da tradição cristã, é o fato de um dos seus maiores personagens/heróis, o Rei Davi, ter sido um usurpador. Casou-se com Mical, filha de Saul, para que obtivesse maior poder político, já que, se o rei não possuísse herdeiros, quem assumia o trono era o genro (LEFTEL, 2007, p. 19).

A exemplo de outros povos da antiguidade, a civilização judaica também teve seus heróis, e suas histórias muitas vezes assemelhavam-se aos mitos de origem estrangeira. E isso pode ser observado, inclusive, em algumas histórias contadas nos evangelhos. As teogonias egípcia, fenícia e grega revelam em seus mitos a figura de um ser superior que teria criado o céu, a terra e tudo que existe entre esses dois planos. Possuíam também histórias de deuses imortais, semideuses e mortais; a união de deuses com mortais; a existência de uma outra vida após a morte; poderes sobrenaturais; além de inúmeras explicações para a existência da humanidade (cf. JUNG, 1983).

Segundo Simões (2006, p. 14)

Da mesma forma que a fala (língua oral) varia, a escrita tem de variar, sob pena de mutilar a expressão dos matizes diferenciais do pensamento, oriundos da distribuição do homem pelos tempos e lugares geográficos e sociais.

Portanto, por essa perspectiva linguística, podemos entender os fatores que podem ter gerado as inúmeras alterações no texto bíblico, tanto no momento de sua produção, quanto ao longo dos séculos em que foram copiados pelas mãos de escribas e monges, e que nos fazem repensar as estratégias de manipulação utilizadas pela igreja, desde seus primórdios.

É preciso que as pessoas acreditem que o *Fim dos Tempos* está próximo para que se convertam o mais rápido possível. Não há muito tempo para pensar. É claro que, na Idade Média, essa mesma tese era defendida. E já se passaram mais de cinco séculos!

Façamos um parêntese, neste momento de nossa reflexão, quanto aos textos bíblicos,

⁵ Ruth Leftel é doutora em história social e professora de história do período bíblico e do Oriente antigo na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

segundo informações adquiridas na obra de Ehrman⁶ (2006 e 2008). Esse pesquisador traz à baila uma discussão polêmica em torno da autenticidade e fidedignidade dos textos contidos na chamada “Bíblia Sagrada” e que, segundo ele, “o sentido completo e as nuances do texto grego do Novo Testamento só podem ser plenamente apreendidos quando ele é lido e estudado na língua original” (EHRMAN, 2006, p. 16), complementando que o mesmo se dá com o texto do Antigo Testamento, que foi escrito em hebraico.

Primeiramente, Ehrman esclarece que o trabalho de crítica textual tem como objetivo a exegese dos códices deixados pelos povos antigos na tentativa de reconstrução dos textos e do modo de vida em épocas remotas. A escolha do título de um de seus últimos livros vem corroborar o que muitos historiadores e arqueólogos têm questionado: *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê* (Prestígio Editorial, 2006).

Diante desse quadro, como podemos garantir que as palavras contidas naquele, que é o livro mais reproduzido e o mais lido em todo o mundo – Bíblia Sagrada, que serve como principal fonte dos argumentos da religião que tem mais adeptos, o Cristianismo, são originais? Jesus não deixou por escrito uma linha sequer sobre sua doutrina. Todos os fatos relatados no Novo Testamento (NT) foram feitos por terceiros que, muitas vezes, não tiveram contato direto com o líder desse grande movimento, como é o caso de um dos principais precursores do cristianismo: o apóstolo Paulo. Existem, inclusive, hipóteses de que todos os evangelhos teriam origem em um único texto, porém, não se saberia com certeza quem o escreveu.

Nesse caminho que tentamos trilhar, ainda podemos mencionar as semelhanças existentes entre diversos textos de origem judaico-cristã com outros textos pertencentes a civilizações antigas e que, atravessado pelo discurso de Farah (2004, p. 13), “as pesquisas científicas, no decorrer da História, vêm aclarando racionalmente os fenômenos vivenciados pela humanidade, até então justificados pela via do mito ou dos elementos sobrenaturais”. Por exemplo, a existência de um ou mais seres superiores à raça humana, dotados de poderes sobrenaturais, que teriam criado a Terra, o Céu e tudo que existe nesses dois campos. Em geral, essa criação partiu de um caos que foi organizado por uma força superior, a qual teria dado origem às espécies humana e animal. Na maioria das civilizações antigas, os deuses possuíam características humanas, zoomórficas ou zooantropomórficas, combinadas com

⁶ Bart D. Ehrman é PhD em Teologia pela *Princeton University* e dirige o Departamento de Estudos Religiosos da *University of North Carolina*.

poderes sobrenaturais, o que os tornava superiores ao homem.

Quanto a essa relação homem/divindade, trazemos a fala de Jung (1993, p. 21) ao nosso texto, para elucidar a visão psicanalítica da deificação do ser humano. Na visão desse cientista, “quando, com toda a nossa limitação intelectual, chamamos alguma coisa de ‘divina’, estamos dando-lhe apenas um nome, que poderá estar baseado em uma crença, mas nunca em uma evidência concreta”. A nosso ver, as semelhanças existentes entre os cultos religiosos originaram-se do contato estabelecido entre os povos, os quais assimilavam os elementos que consideravam interessantes para sua organização social e descartavam ou, até mesmo, rechaçavam aqueles que divergiam de seus anseios. Como exemplo, podemos citar a criação da figura que personificaria o lado ruim do ser humano, com uma ou mais denominações diferentes em cada civilização – Demônio, Diabo, Lúcifer, Belzebu etc. Daí o dualismo humano em oposição à unidade e perfeição divina.

Civilizações como a egípcia, a cananeia, a fenícia, a babilônica e a assíria tiveram uma participação relevante na organização do povo hebreu, que se auto-intitulou *povo escolhido*. Em diversos momentos da história, os hebreus foram subjugados por cada uma dessas civilizações, e um dos principais fatores que contribuíram para esse quadro social foi a desagregação das tribos e a descentralização do poder. Até que, movidos pela necessidade de libertação e tendo como exemplo as civilizações socialmente organizadas, os hebreus reuniram-se com o propósito de formar um só povo, com uma só crença em um Deus de justiça, que não fazia distinção entre ricos e pobres, e que apenas exigia total obediência às suas leis (Mandamentos).

Com a união das tribos, também foram reunidas as histórias que eram contadas de pai para filho. Essas histórias certamente incluíam elementos adquiridos por intercâmbios culturais com as civilizações dominantes. Mais tarde, foram introduzidos elementos de influência greco-romana nas histórias da tradição judaica, que se estenderam até a era cristã.

Assim como, nas outras civilizações, os reis acumulavam os dois poderes, o político e o religioso, na recém-criada civilização judaica não aconteceu de forma diferente. Os primeiros líderes, conhecidos como patriarcas, eram considerados os eleitos por Deus para conduzirem o *povo escolhido* à *Terra Prometida* e, quando se estabeleceram definitivamente no território conhecido como Palestina, instituíram o Reino de Israel. Nesse contexto, surgiu o primeiro rei de Israel: Saul.

A respeito do primeiro reinado israelita, a Prof.^a Ruth Leftel nos diz, ainda, que

No reinado de Saul, um episódio trágico, entre outros, ensinou o significado da luta pelo poder e por sua manutenção. Saul mandou destruir a cidade sacerdotal de Nob e assassinar todos os membros da conhecida família de sumos sacerdotes, a 'casa de Eli'. Não é possível que Saul tenha ordenado esta matança somente porque Davi havia se hospedado ali. Há, provavelmente um fundamento histórico bem mais amplo por trás desse episódio. Possivelmente ele reflete a disputa entre o sumo sacerdócio, que, em gerações anteriores, encontrava-se no centro da vida israelita, e a incipiente monarquia, que queria ser a única autoridade. Foi talvez a primeira tentativa de transferir à monarquia a autoridade que se encontrava em poder dos anciãos e sacerdotes e, atrelado a esse fato, a cobrança do dízimo, direito do sacerdócio. O dízimo foi a fonte mais importante de arrecadação da família real, pois os outros meios que o primeiro rei tinha provinham de saques das guerras, das terras conquistadas e de doações.” (*Grandes Religiões - Judaísmo*, 2007, p. 19)

Estava, dessa forma, instaurado o pagamento do dízimo, um dos principais meios de arrecadação de dividendos utilizado pelas Igrejas Neopentecostais que abraçam a Teologia da Prosperidade — ideologia que prega a conquista de bens materiais como forma de premiação aos que seguem a doutrina cristã.

1.3 - A leitura dos textos bíblicos pelos “olhos” da IURD

É sabido, por meio de pesquisas arqueológicas e da crítica textual, que “como qualquer obra feita pelo ser humano, a *Bíblia* passou por diversas fases e manipulações até chegar ao resultado que conhecemos” (Couto, 2007, p. 8), e que há muitas diferenças nos antigos manuscritos do Novo Testamento, referentes à reprodução e alteração, feitas pelos copistas (EHRMAN, 2006).

Farah (2004, p. 13) nos diz que,

A secularização é um processo histórico gradativo de substituição do controle mágico e religioso por formas de controle racional. As técnicas mágico-religiosas que antes explicavam o meio social e sobrenatural nas sociedades sagradas são, aos poucos, substituídas por outras de caráter racional, de base científica, o que fundamentará as leis civis. A dessecularização, termo mais recente, é o inverso desse processo. [grifos do autor]

Diante desse quadro instável quanto às verdadeiras condições de produção dos textos considerados sagrados pela ideologia cristã, assim como a incerteza da fidedignidade dos documentos originais, cria-se um ambiente propício à manipulação de informações. E, se tomarmos a tese defendida por Bakhtin (2002, p. 37) de que “é, precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica”, podemos entender que um texto alterado não reflete a ideia original de quem o produziu.

Sobre esse aspecto da palavra, fazendo uma ponte com a teoria da iconicidade verbal

de extração peirceana, criada por Simões (2007, p. 17), temos que

o homem constitui um modo de estar, perceber e agir no mundo. Isso se manifesta nos textos produzidos e julga-se possível identificar as marcações das intenções comunicativas maiores inscritas no tecido textual, com vistas a simular ou indicar trilhas semióticas a serem seguidas durante a leitura.

A respeito do signo, ou *representâmen*, Peirce (2005, p. 28) considera-o como

tudo aquilo que está relacionado com uma Segunda coisa, seu Objeto, com respeito a uma Qualidade, de modo tal a trazer uma Terceira coisa, seu Interpretante, para uma relação com o mesmo Objeto, e de modo tal a trazer uma Quarta para uma relação com aquele Objeto na mesma forma, *ad infinitum*.

E essa cadeia infinita de interpretantes que geram novos signos denomina-se “semiose ilimitada”, cabendo aos participantes da interação a tarefa de selecionar os interpretantes adequados ao projeto comunicativo, a partir dos signos conhecidos. Ou seja, enquanto o locutor elege os signos mais adequados aos seus objetivos, considerando os interpretantes encontrados no seu repertório, por outro lado, o interlocutor resgata os sentidos possíveis de acordo com seus conhecimentos acerca das possibilidades de acionamento de interpretantes para a construção dos sentidos.

Além disso, no caso do discurso religioso de base cristã, os papéis dos interactantes também são determinados pela posição que ocupam em relação à divindade, estando o pastor/padre imbuído da tarefa de interpretar os textos bíblicos e transmitir sua leitura aos fiéis.

Portanto, sob essa ótica, com a intenção de assumir o papel de porta-voz da divindade, na concepção do pastor-autor, deve-se atingir o *status* de *homem de Deus*, o que se configura como o *ethos* (cf. DISCINI, 2004) do verdadeiro seguidor das palavras divinas, representadas na Bíblia. Daí a busca constante de argumentos nos textos bíblicos, considerados inspirados por Deus, e que têm na IURD, conforme defendido pelo pastor-autor, sua verdadeira difusora, através da interpretação dada à Palavra de Deus pelos pastores. Isso pode ser observado a partir das “denúncias” feitas pelo autor em relação às demais igrejas cristãs, nas quais

O pecado nunca pode ser justificado, perdoado ou mesmo encoberto por boas obras, por mais lindas e importantes que sejam! Mas, infelizmente, isto é o que muitos têm tentado fazer dentro da Igreja do nosso Senhor.

Tais pessoas têm se dedicado intensamente à Obra de Deus, tentando levar a salvação aos outros, esquecendo de cuidarem de si mesmas. E por apresentarem tanta dedicação, pensam que o fato de fazerem algo para Deus torna-as superiores às demais, e, conseqüentemente, merecem alguma coisa a mais. (EM, p. 70)

As figuras de *Deus*, *demônio*, *autor/pastor* e *fiel* se veem em uma situação em que o

demônio é capaz de “devorar” tudo que Deus deu ao homem; Deus oferece ajuda e poder aos homens que pretenderem seguir sua palavra; o pastor já possui esse poder e é o intermediário entre Deus e os homens; os homens que quiserem ter esse poder devem seguir as regras impostas por Deus, que são interpretadas pelos pastores; aqueles que não seguirem suas orientações serão abandonados por Deus e, conseqüentemente, subjugados pelo demônio.

Para um leitor crítico, a impressão que se tem é a de que está sendo posto à disposição no mercado um produto para consumo, ou mesmo, a “solução para todos os seus problemas” (parafrazeando os comerciais de produtos e serviços), “satisfação garantida ou... você precisa melhorar sua prática religiosa”, que, além de seguir as leis de Deus, sob orientação da Igreja, inclui mais doações e a conversão de mais adeptos.

Nesse sentido, Ferrari (2007, p. 14) afirma que “a Igreja Universal do Reino de Deus foi capaz de subverter as suas raízes próximas (Pentecostalismo) e distantes (Protestantismo), estabelecendo um arrojado estilo doutrinal, cultural e institucional”, daí seu caráter empresarial.

Quanto ao referente profundo, o leitor absorve inconscientemente a ideia de que o problema é ocasionado por fatores externos, os quais interferem no seu comportamento de fora para dentro e de que ele, sozinho, não terá condições de mudar esse quadro, tendo que recorrer a outros fatores, também externos e representados pela Igreja e seus pregadores, “única” instituição capaz de expulsar o “devorador”.

Ao reconhecer o teor metafórico do texto bíblico do *Apocalipse*, o autor admite haver polissemia no discurso ali representado. Porém, contraditoriamente, impõe-se a interpretação dada pela IURD ao interlocutor fiel e crente na verdade absoluta defendida pelo Bispo. Se a linguagem é um modo de interação e é social, o texto córpis demonstra uma tentativa de desconsiderar as faculdades mentais e intelectuais do leitor, para que ele não faça sua própria leitura, crítica e autônoma.

Os fiéis precisam ter provas de que os demônios são responsáveis por tudo de ruim que acontece em suas vidas, e isso se dá através das associações com possessões, concretizadas nos rituais de exorcismo. E, para se protegerem dos demônios, devem lançar mão da utilização de amuletos ou outros objetos místicos, como águas-bentas, rosas e banhos de descarrego, fogueiras santas, vales do sal, arcas da aliança, tecidos milagrosos etc., que

também são facilmente encontrados no imaginário popular, promovendo uma identificação com a cultura de massa. Sobre esse aspecto, muito nos ajudam as palavras de Ferrari⁷ (2007, p. 25-26)

Como a massa encontra-se desprovida de erudição, só lhe resta ter crença, ignorando as possíveis finitudes e danosas falhas do sistema enigmático e envolvente, o qual, em nome do “controle dos meios de violência” e segurança do Estado-nação, no âmbito externo e interno, chega à “industrialização da guerra”, acentuando a “globalização dos riscos”. Perante as ansiedades existentes e medos catastróficos em meio à modernidade racionalizadora e secularista, a sociedade envolve-se no paradoxo de se voltar à irracionalidade das compreensões míticas do passado, alimentando a passividade.

Sob essa perspectiva, entendemos que há por parte de algumas denominações religiosas o desejo de explorar as mazelas do mundo moderno para a defesa de uma doutrina que promova o retorno a uma ideologia dogmatizante.

Trabalhos como o de Ferrari vêm mostrar a preocupação com que os cientistas de diversas áreas como filosofia, religião e educação têm demonstrado em relação ao discurso religioso que se prolifera no mundo moderno, principalmente, da ideologia neopentecostal. Prova disso, são os inúmeros trabalhos desenvolvidos no meio acadêmico (monografias, dissertações e teses), bem como os textos publicados em revistas e livros especializados, que também nos ajudaram na presente análise.

1.4 - A seleção vocabular como objeto de tensão entre Deus e o homem

Na tradição judaico-cristã, Deus não poderia ser nomeado, dado que nas civilizações politeístas, os deuses tinham nomes que os diferenciavam. Portanto, a falta de um nome tornava o Deus dos judeus, também diferentemente das outras civilizações, o único. A única maneira de identificá-lo seria através da palavra “YHWE” (*Yawé*, ou Jeová), que significa *aquele que é*. Além disso, segundo Althusser (apud ORLANDI, 1983, p. 216), “Deus define-se portanto a si mesmo como sujeito por excelência, aquele que é por si e para si (Sou Aquele que É) e aquele que interpela seu sujeito (...) eis quem tu és: és Pedro”.

É interessante notar como o pastor da IURD, assim como grande parte das igrejas neopentecostais, explora o lado negativo e decadente do ser humano, enfatizando os

⁷ Odêmio Antonio Ferrari é formado em Filosofia, Teologia, Especialista em Metodologia do Ensino e Mestre em Ciências da Religião pela PUC de São Paulo.

problemas atuais, como doenças psicossomáticas, crises financeiras, relacionamentos amorosos etc., ao atribuí-los à atuação do demônio. Mas, se o leitor possuir um conhecimento enciclopédico mais aprofundado, observará que isso sempre ocorreu ao longo da história do homem e, com perspicácia, poderá também perceber as intenções do autor, no tocante à sensibilização do interlocutor, chamando-o ao problema que se encaixe no seu perfil.

A seleção lexical empreendida pelo autor denota sua intenção argumentativa na busca do referente mais adequado à situação dominante/dominado imposta por Deus aos homens, além de outros fatores que identificam o estilo do discurso cristão, como: o uso de verbos no imperativo, para sustentar a relação de poder que, a esse respeito, Azeredo *et al.* (2005, p. 188) defende que “verbos com um uso modal tornam-se marcadores das operações sociocognitivas de uma interação”; as metáforas, que conferem uma multiplicidade de sentidos às palavras; as antíteses, conhecidas por estabelecerem oposições que conferem um teor maniqueísta a esse tipo de discurso; os verbos performativos, que trazem em si a crença de que a palavra tem o poder de curar, de expulsar o mal e de mudar o comportamento (cf. SILVA, 2005); e a intertextualidade, que dá fidedignidade ao discurso religioso, tomando como base os textos geralmente conhecidos e, quando não, ao menos são de fácil acesso.

Quanto a esses aspectos, Orlandi (1983, p. 234) nos diz que são traços do discurso religioso:

uso do *imperativo* e do *vocativo*, enquanto formas próprias de discurso em que exista doutrinação; uso de *metáforas* que são, depois, explicitadas por paráfrases, pois, como o dizer religioso é obscuro, e sempre são possíveis muitas leituras, as paráfrases indicam a leitura própria para a metáfora; procedimento análogo a esse é o das *citações em latim* que depois são traduzidas por *perífrases* extensas e explicativas, aproveitando-se o máximo de efeitos de sentido (religiosos) sugeridos pela diferença de língua; uso de *performativos*; uso de *sintagmas cristalizados* (as orações) etc. (grifos do autor)

É grande o número de metáforas exploradas pelo autor nas suas análises. Geralmente, as figuras metafóricas estão associadas às civilizações que se opunham ao judaísmo, como é o caso das *serpentes* (símbolo dos cananeus e dos egípcios) e dos *escorpiões*, e até mesmo a personificação do mal, representada pelo *Diabo*, *Satanás* e *Demônios*. Para Farias e Marcuschi (2006, p. 118), “a atividade de significação está atrelada à integração das diferentes experiências coletiva e individualmente vividas”, o que vem corroborar a tese de que um determinado sintagma só gera o efeito de sentido quando encontra um referente. Sendo assim, “a metáfora é uma forma de raciocinar a respeito das coisas, das instituições, das pessoas, das emoções, dos valores e da moral, sendo tudo isso elementos de nossa experiência” (FARIAS e MARCUSCHI, 2006, p. 120).

1.5 - O poder icônico-indicial das palavras

Uma das principais marcas da iconicidade presentes no livro-cópus em análise é a relação entre homem/Deus e homem/diabo. O autor “cria” uma nova regra ortográfica em que os vocábulos que representam a figura do diabo são grafados com a inicial minúscula, indicando a insignificância e o desprezo causado por esse personagem, enquanto os vocábulos que se referem a Deus são grafados com inicial maiúscula, indicando o poder que este possui no discurso neopentecostal. Ora, conforme os ensinamentos que recebemos durante a aquisição da modalidade escrita da Língua Portuguesa na escola, os substantivos comuns são escritos com inicial minúscula enquanto os substantivos próprios, com inicial maiúscula; portanto, a proposta gráfica da IURD — Deus e diabo — tornam estas designações sistematicamente substantivo próprio para Deus e substantivo comum para diabo. Assim sendo, representa-se iconicamente (pela opção de contraste entre inicial maiúscula e minúscula) a figura de um Deus único e a possibilidade de muitos diabos.

Pela teoria semiótica de Peirce, os signos são subdivididos em três níveis, de acordo com o efeito de sentido que produzem no momento em que se atualizam, gerando um *interpretante* apropriado às condições de produção do discurso: o primeiro seria o *ícone*, também conhecido como “signo diagramático” (PEIRCE, 2005, p. 10), o qual ostentaria uma semelhança com o sujeito do discurso; o segundo seria o *índice*, que estabelece uma relação de sentido com o *objeto* sem, no entanto, descrevê-lo, senão conduzir o leitor indutiva ou dedutivamente; e o terceiro nível, seria o *símbolo*, que representa a associação de uma ideia ao *objeto* discursivo relacionada ao *interpretante* ou ao significado metafórico (PEIRCE, 2005).

Podemos ainda observar o grande número de expressões enfáticas e frases de efeito identificadas pelos pontos de exclamação, que funcionam como *ícones* do texto religioso que se propõe à exaltação de Deus e que permeiam todo o texto. Apesar de ter uma proposta doutrinária, o autor apela para a emoção, convidando o leitor à aclamação, característica bastante peculiar a esse tipo de discurso persuasivo (cf. CITELLI, 2005). Vejamos alguns exemplos desse recurso nos excertos a seguir:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRPUS	ÍCONES DO TEXTO RELIGIOSO
[...] a Igreja de hoje reflete mesmo o espírito de Laodiceia de outrora!	As primeiras comunidades judaico-cristãs

Mas é justamente o contrário: Ele nos amou primeiro!	O primeiro amor
[...] a Ele toda a honra, toda a glória e todo o domínio pelos séculos dos séculos!	O poder divino
Nós temos a responsabilidade de testemunhar, na nossa própria vida, a vitória da ressurreição do nosso Senhor!	O testemunho por meio da fé
Temos a obrigação e o dever de permitir que o Espírito do Senhor Jesus manifeste a fragrância do Seu conhecimento através de nós!	A disponibilidade
[...] os incrédulos precisam tomar conhecimento do Senhor Jesus por intermédio do comportamento dos Seus seguidores!	O exemplo cristão
[...] o poder de sermos testemunhas vivas do Senhor!	A testemunha
É pela fé no Senhor Jesus que somos justificados! É o Seu sangue que nos purifica de todo o pecado, e não o amor!	Justiça e pureza

Podemos também observar algumas inferências feitas pelo próprio bispo acerca dos *representamens* dotados de significação indicial que aparecem nos textos utilizados como referências argumentativas de ancoramento (cf. SIMÕES, 2006 e 2007), gerando novos *interpretantes* conduzidos pelo enunciador, como no seguinte excerto:

Podemos entender, em vez de “as nações”, os demônios; em vez de “a tua herança”, a Igreja do Senhor Jesus; em vez de “profanaram o teu santo templo”, vivem na prostituição, no adultério e na idolatria; em inimizades, ciúmes, discórdias e tudo o mais que é contra Deus, dentro da Sua própria Casa. E “reduziram Jerusalém a um montão de ruínas” como sendo os cristãos. (EM, p. 16, grifos nossos)

Do que podemos inferir:

- Nações => demônios
- Herança => Igreja do Senhor Jesus
- Profanação => prostituição, adultério, idolatria, inimizades, ciúmes, discórdias, tudo contra Deus
- Ruínas => cristãos

Nesse pequeno conjunto de associações, podemos perceber a intenção do autor em tomar os signos indiciais pertencentes ao módulo da Bíblia Sagrada intitulado Antigo/Velho Testamento (AT) como referentes à pré-existência da Igreja Cristã.

Historicamente, sabemos que o livro dos Salmos foi escrito muito antes de Jesus existir (séc. VI a.C., aproximadamente). Como então interpretar indicialmente o signo *herança*, que pertence ao AT, em relação à Igreja, que somente teve origem após a *morte/ressurreição* de Jesus? Além disso, se as *nações* às quais se refere Macedo eram as existentes naquele período histórico, então, os demônios foram aniquilados, tendo em vista que as civilizações contemporâneas à judaica, no período em que foi produzido o referido texto, já não existem mais.

1.6 – A Intertextualidade e a polifonia

Outra estratégia utilizada pelo autor para convencer o leitor de que seus argumentos estão fundamentados é o recurso da intertextualidade. Parece óbvio que, nessa intertextualidade proposta pelo discurso do Bispo Macedo como representante da IURD, os textos envolvidos no diálogo estão contidos na própria Bíblia Sagrada. Caracterizando-se, então, em uma polifonia unívoca, isto é, que vários discursos convergem para uma mesma voz, se levarmos em consideração a totalidade do texto.

Além disso, as relações intertextuais empreendidas por Macedo revelam uma maneira especial de impor um tipo de análise em que as narrativas se entrecruzam de forma atemporal, ou seja, referem-se a momentos históricos totalmente distintos, separados por séculos de evolução, como se houvesse uma única temática. Por exemplo, quando o autor cita o Salmo 79 (séc. VI a.C., aproximadamente) associando-o à Igreja Cristã, que recebeu essa

denominação somente no século IV d.C.

Um dos trechos utilizados por Macedo para exaltar a figura divina de Jesus é a que segue:

João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém! (Apocalipse 1,4-6) (EM, p. 17)

A interpretação dada pelo pastor-autor induz o leitor a uma análise monossêmica, associando imediatamente o texto em leitura a outro texto, contido no AT: “Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor” (Isaías 11.2). Nessas idas e vindas, o autor acaba fazendo uma contextualização atemporal desregrada, que se encerra em uma grande descontextualização. Segundo estudos de alguns pesquisadores da área de História, as primeiras comunidades nazarenas começaram a se desenvolver e se espalhar por várias regiões. Para manter a univocidade do discurso, era preciso que todos seguissem o mesmo modelo doutrinário. Conservava-se então a velha estrutura imperialista, em que o rei tinha poder absoluto sobre seus súditos. Portanto, a estrutura social conhecida na época, assim como no AT, permaneceu nas isotopias do Novo Testamento.

Como consequência dessas isotopias, temos o seguinte resultado: as comunidades que deram origem ao cristianismo, que supostamente pertenciam ao grupo de judeus denominado essênios (cf. FURNARI, 2007, p. 15), mantinham seus ideais de libertação e formavam um grupo dissidente das comunidades judaicas urbanas (saduceus, fariseus e zelotas), que se opunham ao Império Romano e ao poder do Templo de Jerusalém, além de ansiarem por uma “guerra santa” para instaurar o “reino dos justos”; pregava um “reino” existente em outro plano cósmico — o Reino de Deus — o que nos faz acreditar na influência da cultura greco-romana na construção do objeto-de-discurso (MONDADA e DUBOIS, 2003; SOUZA, 2007) cristão; e, finalmente, a relação de assujeitamento institucionalizado, ou seja, ficariam libertos do poder dos reinos da terra, mas estariam sujeitos ao poder divino. A condição de dominados não seria modificada, apenas deslocada para outro dominador: dos “reis da terra” para o “rei dos reis”. O interessante é que, na verdade, o regime político-social não seria alterado.

Entretanto, existe outra possibilidade de leitura para o trecho em análise: a libertação se daria apenas em relação aos reis da terra, pois não haveria mais nenhum tipo de

subserviência pelo fato de os primeiros cristãos (que no período em que o texto foi escrito ainda não possuíam essa denominação) não prestarem obediência aos “reis da terra”, o que poderia ser considerado um ato de rebeldia ou, até mesmo, de anarquia. Por esse motivo, os primeiros cristãos foram considerados subversivos pelo Império Romano, por formarem sociedades secretas. Fato esse que levou os cristãos a se espalharem pelas regiões da Ásia (Galácia, Éfeso, Antioquia, Seleucia, Laodiceia, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes e Filadélfia) e da Europa, chegando à Grécia (Tessalônica, Filipos e Corinto) e Roma, além de outros lugares mais distantes, como a Península Ibérica, formando diversas comunidades administradas pelo apóstolo Paulo.

Há séculos que a monarquia já não é mais o único sistema político da Terra. Porém, algumas instituições religiosas continuam insistindo em adotar esse regime ao associá-lo às suas práticas.

Segundo Orlandi (2005, p. 59),

O interdiscurso é o conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que dizemos sustentando a possibilidade mesma do dizer. Para que nossas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido. Esse efeito é produzido pela relação com o interdiscurso, a memória discursiva: algo fala antes, em outro lugar, independentemente.

Com relação às práticas sociais que limitam o raciocínio humano e desconsideram a bagagem cognitiva, destacamos algumas palavras de Ferrari (2007, p. 25-26), referentes ao discurso religioso:

Como a massa encontra-se desprovida de erudição, só lhe resta ter crença, ignorando as possíveis finitudes e danosas falhas do sistema enigmático e envolvente, o qual, em nome do ‘controle dos meios de violência’ e segurança do Estado-nação, no âmbito externo e interno, chega à ‘industrialização da guerra’, acentuando a ‘globalização dos riscos’. Perante as ansiedades existenciais e medos catastróficos em meio à modernidade racionalizadora e secularista, a sociedade envolve-se no paradoxo de se voltar à irracionalidade das compreensões míticas do passado, alimentando a passividade.

Por essa linha de pensamento, podemos concluir que o interesse do autor em estudo em apresentar argumentos extraídos do texto bíblico, para fundamentar suas teses com base na ideologia dos primeiros cristãos, não se faz totalmente incoerente com os objetivos doutrinários, apenas toma outro rumo que, cada vez mais, se distancia da contextualização histórica dos fatos narrados na Bíblia.

2 - AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

2.1 - A relação homem-divindade-dinheiro – Teologia da Prosperidade

Uma das principais características do discurso neopentecostal é a garantia de riqueza de bens materiais como prova de que o cristão está sendo agraciado por Deus, por suas obras aqui na Terra. Como o próprio autor do livro-cópus nos diz, “quando se tem posse da riqueza espiritual, não se faz absolutamente questão de disputar a riqueza material com quem quer que seja, pois a riqueza espiritual dá acesso a toda a riqueza material, independentemente das circunstâncias” (EM, p. 108)

Pelo que se pode observar, através da análise dos textos produzidos por Edir Macedo, pastor da IURD, a principal tarefa do cristão para agradar a Deus é a prática da *devolução* do dízimo, a qual determina o retorno de um décimo de tudo que se tem em dinheiro à *Casa de Deus*, para que se obtenham as bênçãos dos céus, representadas pela multiplicação ou restabelecimento dos bens materiais, da saúde e da família. Tal prática ficou conhecida como Teologia da Prosperidade (TP).

Ferrari (2007, p. 89-90) esclarece que a Teologia da Prosperidade

em sua sistematização liga a fruição dos bens materiais e dos prazeres no viver da espiritualidade, tornando-se a base ideológica e religiosa do Neopentecostalismo. Tem como pregação básica, o incentivo a que os crentes sejam colaboradores na obra divina, através do sacrifício financeiro (dízimos e ofertas) sob a mediação da igreja. Ao colaborar, o crente torna-se merecedor das bênçãos divinas neste mundo e nesta vida, tendo Cristo como baluarte no alcance da vitória sobre o inimigo, o diabo. Este é a personificação do mal, o destruidor do destino próspero e do bem-estar (saúde, alegria e riquezas) que Deus reserva aos que forem fiéis.

O texto produzido pelo Bispo Edir Macedo, fundador da IURD, sempre apresenta temas ligados à importância das doações do dízimo como garantia de salvação e prosperidade. Para sustentar essa tese, o autor recorre aos textos bíblicos que, segundo sua orientação, remetem à importância do pagamento do dízimo para que se possa *alcançar a vida em abundância*, como no seguinte excerto:

A pessoa que não paga os seus dízimos, com fidelidade, constitui-se ladra, porque rouba a Deus! O Senhor mesmo disse: “Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, vós, a nação toda.” (Malaquias 3.8,9). (EM, p. 195)

A intertextualidade então discutida reflete o caráter doutrinário que dá ênfase à

obtenção de bens materiais, boa saúde e relacionamento familiar.

Segundo Orlandi (1983, p. 216), “todo discurso, por definição, é polissêmico, sendo que o discurso autoritário tende a estancar a polissemia”. Sendo assim, cria-se uma *ilusão de reversibilidade* entre o enunciador (fiel) e o co-enunciador (Deus). E essa ilusão é inevitável, já que o discurso religioso “supõe sua conformidade com uma Palavra divina absoluta” (MAINGUENEAU, 2005, p. 38). Ao citar o texto bíblico, garante-se o argumento de autoridade que se mostra irrefutável aos olhos dos leitores que comungam da mesma ideologia pregada pela IURD.

2.2 - O contexto histórico-político-social

A IURD ganha a simpatia de grande parte da população insatisfeita com os problemas sociais e financeiros surgidos no período pós-ditadura militar, como uma nova forma de prática religiosa, vinda dos Estados Unidos (a maior potência do mundo na época), com características individualistas, em que o mais importante em termos de prática religiosa é conquistar a estabilidade financeira, além de construir um bom relacionamento familiar e gozar de boa saúde. Mas, para isso, o fiel deve contribuir com um décimo do salário e rezar, para que nenhuma doença caia sobre si mesmo, seus familiares mais próximos (esposa/marido e filhos), e que todos possam ter seu próprio negócio como prêmio pela obediência e pelas doações feitas à Igreja.

Tomando o texto como parte da

relação que se estabelece entre o discurso e seu exterior, analisando, principalmente, o confronto entre as *relações sociais, políticas e ideológicas*, que interpelam os sujeitos, e a *base lingüística*, que corresponde a tudo aquilo que está na língua, fazendo esses mesmos sujeitos significarem de um determinado lugar e em determinadas “circunstâncias” históricas (SILVA, 2006, p. 22)

partimos para uma análise do discurso religioso, interpretando-o segundo as hipóteses desenvolvidas por Maingueneau (2005) sobre o interdiscurso, a intertextualidade e a interincompreensão.

Sobre isso, dialogando com outros discursos contidos na Bíblia, podemos identificar elementos que caracterizam a interincompreensão através dos textos do Novo Testamento. A esse respeito, diz Mary Schultze (2007),

Malaquias 3 foi escrito para os judeus (e não para os gentios), num contexto completamente diferente do nosso, quando havia apenas esse imposto, enquanto hoje temos mais de 50 impostos diferentes a pagar e somos obrigados a contribuir com pelo menos 37% do que ganhamos [...]

Se comparado ao que prescreve o apóstolo Paulo, na carta às comunidades romanas (Romanos 13, 7-8), a tese acerca da priorização do dízimo pode ser refutada, como segue

7 Portanto, daí a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra.

8 A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei. (*Bíblia Sagrada 1.0: versão digital*)

Como nos diz Orlandi (1983, p. 217),

Mostrando a necessidade do desdobramento do Sujeito em sujeitos, e do próprio Sujeito em sujeito-Sujeito (o dogma da Trindade), Althusser procura mostrar como a estrutura de toda ideologia é especular e duplamente especular: submete os sujeitos ao Sujeito e dá-lhes, no Sujeito, garantia de que é efetivamente deles e Dele que se trata.

No referido excerto, a autora nos remete à relação dominante/dominado, como estrutura dos discursos autoritários, em que o sujeito representa a classe dominada e o Sujeito, a classe dominante.

2.3 - A palavra como instrumento de dominação

Sabe-se que a Igreja foi duramente criticada durante a Idade Média por suas práticas de simonia⁸ e venda de indulgências. Somente os ricos e poderosos, que podiam pagar pelo perdão dos pecados, tinham como “comprar” um pedacinho do céu. Com isso, a Igreja enriquecia cada vez mais e, com a criação do Tribunal do Santo Ofício, em 1233 d.C., também conhecido como Santa Inquisição, arrecadava verdadeiras fortunas dos que não estavam interessados em morrer nas Fogueiras Santas, ou demais atrocidades cometidas pelos inquisidores.

Ao que nos parece, a metodologia ganhou nova roupagem. Atualmente, as Igrejas Neopentecostais utilizam outros recursos para convencer os fiéis a doarem seus bens para a Instituição como forma de pagamento e, em alguns casos, até mesmo de investimento para o futuro.

⁸ Tráfico de coisas sagradas; venda de bens espirituais.

Para atingir esses objetivos, os pastores utilizam como estratégia de convencimento as escrituras consideradas sagradas, para que se torne ainda mais autoritária a figura divina, já que esses textos são tidos como “frutos da inspiração do Espírito Santo de Deus” (cf. MACEDO, 2007; ORLANDI, 1983).

Segundo Macedo (2007, p. 14), “O próprio Senhor Jesus confirmou isso, quando disse: ‘Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim.’” (João 5.39).

Nesse âmbito, podemos perceber como funcionam os mecanismos da heterogeneidade enunciativa (cf. SILVA, 2005), em que ora o pastor se coloca como o porta-voz da palavra de Deus, ora como o próprio Deus falando através da sua voz. Essa prática também era bastante comum nas civilizações antigas, como a egípcia e a romana, em que os reis se autoproclamavam porta-vozes das divindades. Já em relação às civilizações judaica, cristã e islâmica, os intermediários passam a ser os profetas e os apóstolos.

Com o intuito de ganhar a confiança do leitor, o autor do texto (Bispo Edir Macedo) procura assumir uma posição de locutor do texto bíblico, ou seja, ele é responsável pela divulgação das leis estabelecidas pelo enunciador, representado na figura de Deus, daí a preferência pela impessoalidade como forma de *debreagem enunciva* (cf. SILVA, 2005).

Pode-se perceber que existe uma negligência em relação às condições de produção do discurso religioso. Desconsidera-se o fato de que a relação com o dono da Terra, na época em que o texto foi produzido, era o regime de servidão. Portanto, os judeus tinham que trabalhar na terra, retirar seu sustento e pagar aos seus legítimos donos pelo uso da terra. Sem o contexto histórico-social, o efeito de sentido fica prejudicado, levando o leitor a aceitar a interpretação dada pelo pastor, o qual é visto como uma autoridade em termos de teologia e doutrina religiosa, imagem que é construída pelo próprio enunciador do discurso - o *ethos*.

Segundo afirma o Prof. Moacir Amâncio⁹ (2007, p. 8),

A Bíblia não pode ser tomada por um livro de história factual, como se fosse um compêndio de história do Brasil. No entanto, como livro de fundação, contém elementos que lançam bases culturais no conjunto de seus relatos. Esses textos refletem situações e fazem referências a eventos que permitem aos historiadores traçar caminhos e juntar peças na tentativa de esclarecer o passado.

⁹ Moacir Amâncio é poeta, jornalista e professor de língua e literatura hebraica da FFLCH-USP. É também autor de livros de poemas, ensaios, reportagens e crônicas, entre os quais *Os bons samaritanos e outros filhos de Israel* (Musa, 1997).

Assim, fica estabelecida uma nova relação sujeito-Sujeito (cf. ORLANDI, 1983), onde o sujeito é representado pelo fiel que possui pouco ou nenhum conhecimento acerca do contexto histórico, e o Sujeito aparece na figura do pastor-autor, como detentor do poder de decodificar os textos bíblicos. Sendo o segundo entendido como o dominador, e o primeiro, o dominado pelo discurso do segundo, tornando-se um sujeito assujeitado (PÊCHEUX, 1969 apud STRONGENSKI, 2006).

Ainda nessa linha de raciocínio, Pêcheux (2002, p. 44) assevera que

Novas práticas de leitura (sintomáticas, arqueológicas etc.) aplicadas aos monumentos textuais – multiplicam as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de “entender” a presença de não-ditos no interior do que é dito.

Nessa esteira, podemos fazer uma analogia entre as ideias de Pêcheux e a forma de apreensão do discurso original do texto bíblico comparado ao discurso atualizado pelo texto do Bispo Macedo. Pois,

a descrição de um enunciado ou de uma sequência coloca necessariamente em jogo (através da detecção de lugares vazios, de elipses, de negações e interrogações, múltiplas formas de discurso relatado) o discurso-outro como espaço virtual de leitura desse enunciado ou dessa sequência. (PÊCHEUX, 2002, p. 54-55)

Como exemplo dessa prática dominante, observemos o excerto do livro-cópus em que o pastor-autor faz uma releitura do Evangelho de Lucas:

[...] todo aquele que nasce de novo, pela água e pelo Espírito Santo, é portador do Reino de Deus. O Senhor Jesus mesmo disse: “...Porque o reino de Deus está dentro de vós.” (Lucas 17.21). (EM, 2007, p. 25)

e, em seguida, “impõe” uma leitura do texto de Lucas por meio de palavras que conduzem à tese que pretende defender, levando o leitor ao estado de sujeição, conforme o excerto abaixo:

Este reino é espiritual, e só fazem parte dele aqueles que foram lavados no sangue do Cordeiro. Não se pode entrar nele à base de dinheiro, amizade, “pistolão” ou qualquer outra alternativa humana.

Só existe uma porta de entrada: o Senhor Jesus Cristo! *A pessoa que desejar entrar precisa crer n’Ele e andar de acordo com a Sua Palavra!* Não existe outra forma. (grifo nosso) (EM, 2007, p. 25)

No trecho grifado, destacam-se os elementos que ativam o caráter dominador do discurso religioso.

Além disso, acreditamos que o discurso traduzido funcione como um “índice potencial de uma agitação das filiações sócio-históricas de identificação”, já que este constitui, ao

mesmo tempo, um “efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento” na sua dêixis discursiva (PÊCHEUX, 2002, p. 56).

Ao que parece, o discurso do Bispo da IURD resgata a ideologia do regime de servidão medieval, onde Deus é colocado como o Senhor feudal, e os fiéis, como vassalos. Outra característica que retoma a ideologia medieval é o medo da danação eterna que matinha os fiéis sob o jugo dos poderes do clero.

2.4 - A seleção dos argumentos

Segundo Perelman (1997, p. 93),

O desejo de eliminar as ambiguidades inevitáveis nos contextos de uma língua natural, de adaptar os elementos do sistema às exigências de uma comunicação irrepreensível e de uma aplicação unívoca das regras de inferência formalizada, explica o suficiente por que a edificação de um sistema de lógica se identifica, hoje, com a construção de uma linguagem artificial.

E é a partir dessa lógica formal que conduzimos nossos estudos sobre a força argumentativa empreendida pelo autor do livro-cópus, com vistas ao convencimento do leitor, acerca de suas teses. Ainda seguindo o raciocínio de Perelman (1997, p. 100), “a ideia de verdade, quando concebida como correspondência entre o que se diz e o que é, conduz infalivelmente à visão racionalista do mundo em que a experiência se estrutura, por assim dizer espontaneamente, em ideias claras e distintas”.

Sem uma devida contextualização dos excertos, os quais são selecionados pelo autor em estudo, de acordo com a tese a defender, o leitor sentirá dificuldade não só em construir o sentido do texto que se lhe apresenta, bem como em depreender o produto final de sua leitura. Uma demarcação imprecisa dos limites entre os textos, ou seja, onde começa o texto bíblico e onde se constitui o texto do enunciador, torna ineficaz a atividade comunicativa, já que a heterogeneidade enunciativa constrói uma debragem actancial difícil de ser percebida pelo leitor.

Ainda sobre a seleção dos textos, assim como na seleção lexical, os elementos que compõem os “argumentos de autoridade” precisam estar de acordo com o que se pretende enunciar, por isso são selecionados trechos bíblicos cuja iconicidade se submeta aos objetivos

do então enunciador; e essa iconicidade é demarcada pelos itens léxicos presentes nos excertos. Tais itens são estrategicamente trabalhados pelo Bispo, para que se tornem ícones de uma imagem discursiva determinada, que não dê margem a inferências e que assujeite o leitor/ouvinte a um imperativo de obediência cega, mas produtiva do ponto de vista da garantia de seu sucesso econômico-social futuro.

Como defende Maingueneau (2005, p. 91), “cada discurso define o *estatuto* que o enunciador deve conferir-se e o que deve conferir a seu destinatário para legitimar seu dizer”. Para tanto, esse analista do discurso postula que “um discurso não é somente um certo conteúdo associado a uma dêixis e a um estatuto de enunciador e de destinatário, é também uma ‘maneira de dizer’ específica” a qual chama de *modo de enunciação*. E é esse modo de enunciação que determina o que deve ser marcado nos enunciados, para servirem de pistas que conduzam o destinatário pelas trilhas convenientes do texto, de modo que seja construída uma leitura de “catequese”. A partir dessa ação controladora, o destinatário (o fiel) se nega a discutir a interpretação imposta pelo pastor, sob pena de cair em desgraça ante os olhos de Deus e com isso perder o direito à abundância prometida.

Para adequar o discurso citado à situação em que se encontra o ser humano, o bispo da IURD recorre a estratégias de interdiscursividade representadas pelo “*intertexto* de um discurso (o conjunto de fragmentos que ele cita efetivamente) de sua intertextualidade (isto é, dos tipos de relações intertextuais que a competência discursiva define como legítimas)” (MAINGUENEAU, 2005, p. 81), já que o texto é a concretização do discurso. E, ainda na esteira de Maingueneau, “todo campo discursivo define uma certa maneira de citar os discursos anteriores do mesmo campo”.

Portanto, é importante para o autor manter essa relação histórico-social do intertexto fora do contexto de produção do discurso, para que o leitor não se dê conta da arbitrariedade que subjaz ao discurso proferido pelo pastor em suas pregações, conforme documenta o livro-cópus desta dissertação.

2.5 - Os processos de *fabricação* de referentes

Durante a pesquisa, pôde ser verificada a forma como o autor utiliza estratégias de convencimento das mais diversas para atrair pessoas ao seu doutrinamento, estabelecendo

uma relação de dominação.

Sobre esse assunto, Pauliukonis *et al.* (2003, p. 88) assevera que “a identidade dos participantes, a intenção comunicativa e os papéis sociais exigidos pela cena enunciativa influem no processo de significação do texto como um todo”. Portanto, a imagem do pastor-escritor, na condição de porta-voz da divindade, precisa estar em sintonia com os anseios do leitor/fiel, à procura de soluções para os problemas que o afligem.

Como postula Koch (2000, p. 9-10),

a linguagem é atividade, forma de ação, ação interindividual finalisticamente orientada – lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes. Trata-se, como diz W. Geraldí (1991), de um jogo que se joga na sociedade, na interlocução, e é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo.

Sendo assim, ao se afirmar que “a dedicação dos dízimos na Casa de Deus é o que diferencia os praticantes da fé cristã dos não-praticantes”, Macedo estabelece um paradigma de restrição aos que desejam estar no grupo dos seguidores de Cristo, determinando que, para isso, é fundamental que seja *devolvido* um décimo de toda sua renda para a “obra do Senhor”.

Ao citar o texto bíblico como referência para a defesa de sua tese, o autor traz à memória discursiva do leitor um conjunto de elementos significativos que constroem uma visão sócio-cognitiva da época em que aquele texto foi produzido. O que faz é o recolhimento de signos icônicos que possam levar o destinatário (o fiel) a compor uma imagem mental de poder ante o qual deve conduzir-se abnegado e obediente.

Izidoro Blikstein (2003, p. 45) nos diz que “o sentido do discurso nem sempre corresponde à significação profunda do intertexto em que se ‘teceu’ esse discurso”, ou seja, o discurso que, aparentemente, trata de um referente X pode, na verdade, estar-se referindo a um referente Y, subjacente e velado pela intertextualidade. Portanto, se partirmos dessa tese, poderemos entender como o discurso religioso, muitas vezes, se utiliza da *interincompreensão* (cf. MAINGUENEAU, 2005) dos fiéis para a construção de uma doutrina dissociada das informações pertinentes ao contexto histórico-social — as *condições de produção* dos discursos — para a construção dos efeitos de sentido que auxiliam na formação dos referentes.

Segundo Orlandi (1983, p. 215-216), “um discurso tem relação com outros discursos, é constituído pelo seu contexto imediato de enunciação e pelo contexto histórico-social, e se

institui na relação entre formações discursivas e ideológicas” e, aplicando esse conceito ao discurso religioso, verifica-se que há uma tendência ao distanciamento do contexto, na leitura dos textos bíblicos, por parte do autor do livro-cópus.

Ao estudar o discurso religioso, Eni Orlandi (1983) também nos dá sua contribuição quando aborda a *literariedade* e os *efeitos de sentido* gerados pelas condições de produção, em que certos sentidos são dados pela *dominância* do discurso. Ou seja, o sentido dominante é o sentido dado pela classe dominante. No caso da IURD, a interpretação ou o referencial que se tem para os textos da Bíblia são dados — e irrefutáveis — pelos dirigentes (pastores) reconhecidos como a autoridade máxima, os detentores do conhecimento, os únicos capazes de procederem à forma correta de leitura daqueles textos.

Sem as informações necessárias para uma compreensão baseada no contexto histórico, perde-se o referencial de leitura, atribuindo-se-lhe significados equivocados. Talvez a intenção do autor do livro-cópus seja especificamente a de descontextualizar o fato histórico, cujo alcance não se faz em todos os níveis de leitura propostos, para que o efeito de sentido seja mais facilmente manipulado em favor do que se pretende “revelar”. E, sob esse aspecto, Simões (2007, p. 32) nos diz que

a argumentação na linha da construção do verossímil torna-se capaz de gerar signos os quais, a seu turno, acionam espaços mentais que levam o intérprete a uma sensação de conforto, já que o signo construído estabelece relações de semelhança entre o que se diz e suas possíveis crenças.

No que concerne ao verossímil, Citelli (2005, p. 14) entende que “é possível que o persuasor não esteja trabalhando com uma verdade, mas apenas com verossimilhança (processo garantido através de uma lógica que faz o símile confundir-se com o vero)”.

Nos seus estudos, Marcuschi (2004, p. 45) nos diz que “quando faltam todos os apoios e evidências co-textuais e contextuais para a interpretação e compreensão de um texto, geralmente apelamos para contextos socioculturais ao nosso alcance”. O que parece ser a intenção do autor do texto em análise, para “facilitar” a leitura direcionada aos seus propósitos.

Para ilustrar o que vimos defendendo nessa parte do trabalho, retomemos o tema da *devolução do dízimo*, que se baseia no livro de Malaquias, no Antigo Testamento, em que a defesa da tese fica restrita ao texto extraído do referido livro, sem a devida ambientação. A descontextualização direcionada aos interesses do produtor do texto que, nesse caso, é o pastor-autor Edir Macedo, gera um sentido diferente do contexto histórico-social em que foi

produzido o texto bíblico, quando o dízimo era uma das formas de se manter a economia do reino judaico.

De acordo com Koch (2004, p. 60), “a referenciação, bem como a progressão referencial, consistem na construção e reconstrução de objetos-de-discurso”, e é nesse movimento que se reconstrói a realidade, de forma simbólica, manipulando sua percepção de forma significativa. Nessa linha de raciocínio, é que se vão introduzindo as ideias pertinentes ao tipo de discurso religioso que propõe supervalorizar o aspecto financeiro.

Orlandi (1983, p. 235) defende ainda a tese de que “uma característica forte que é atribuída, principalmente, ao discurso teológico é a *intertextualidade*”, e isso nos remete à idéia de que os textos bíblicos não foram escritos exatamente no momento em que os fatos aconteceram. As lendas ou mitos eram transmitidos ao longo das gerações, até que em um dado momento foram registrados na modalidade escrita da língua e, com isso, perderam-se os referenciais espaço-temporais e o contexto histórico-social, no momento em que esses textos foram escritos. Além disso, as traduções entre línguas pertencentes a universos culturais diversificados são intervenientes na construção de um texto alheio a suas referências sociais, históricas e culturais, tendo em vista que as traduções implicam a produção de novos textos. E, na maioria dos casos, não há correspondência entre algumas palavras.

Segundo Marcuschi (2004), a compreensão de uma sentença ou de um texto não pode ficar restrita à situacionalidade, é preciso também que haja uma *contextualização cognitiva*, que será determinada pelo conhecimento linguístico associado às experiências pessoais e ao conhecimento enciclopédico. E acrescenta ainda que, “quanto maior a competência de um leitor em providenciar contextos relevantes para suas interpretações, tanto mais eficiente ele será na sua compreensão” (p. 49), ou seja, quanto mais extenso for o seu repertório, maior o poder de referenciação, mais itens lexicais poderão ser relacionados com os referentes conhecidos.

E, para corroborar esses conceitos, Koch (2004, p. 61) nos diz que

a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nosso mundo por meio da interação com o entorno físico, social e cultural.

Portanto, a regra se aplica tanto ao momento em que os textos bíblicos foram produzidos (na fase da transmissão oral até a escrita), quanto ao momento presente, ao utilizarmos-os como intertexto para a defesa de uma tese.

Ao citar os textos bíblicos, o Bispo Edir Macedo procura caracterizá-los como argumentos de autoridade para a defesa da tese de que tudo que há na face da Terra pertence a Deus e, para que possamos usufruir dos bens que Deus nos ofereceu, precisamos *devolver* um décimo do que temos ou produzimos como forma de pagamento.

Segundo Marcuschi (2004, p. 47), os limites do processo de interpretação e compreensão textual “são dados pela própria base textual que exige pelo menos a preservação da verdade e falsidade das informações ali presentes”. Logo, uma leitura que desconsidere esses fatores, será, no mínimo, falaciosa.

Então, como podemos chegar ao nível de compreensão ideal, em que a interpretação não se restrinja à literalidade?

Sem as informações referentes ao contexto sócio-político da época, a via de comunicação torna-se ineficaz, já que um dos elementos fundamentais, a *contextualização cognitiva*, não se apresenta ao leitor.

Para que se obtenha maior eficácia comunicativa, Marcuschi (2004, p. 51) formula sete condições imprescindíveis, a saber: (1) base textual (sistema linguístico comum); (2) conhecimentos relevantes partilhados; (3) coerência; (4) cooperação (ou interação); (5) abertura textual (possibilidades interpretativas dentro de alternativas mutuamente aceitáveis); (6) base contextual (situados num tempo e espaço); e (7) determinação tipológica (*tipo de texto*). Esses critérios foram adotados em função da relação existente entre a construção do texto, por meio da escolha dos vocábulos que o compõem, a progressão textual e a contextualização sócio-histórica do discurso religioso. Ademais, conforme Gumperz (apud MARCUSCHI, 2004, p. 43), o leitor procura completar as “lacunas” deixadas pela falta de *dicas contextuais* por meio das informações contidas no próprio texto escrito ou inferindo os elementos elididos para chegar ao sistema referencial.

Se aplicados ao texto produzido e publicado pela IURD, teríamos as seguintes características:

2.5.1 - A base textual

O sistema linguístico utilizado para a construção do texto é de domínio comum.

Porém, cabe ressaltar que o texto base – a Bíblia – é composto de uma tradução feita entre diversas línguas que possuem características próprias, com termos sem uma correspondência exata, já que são de culturas diferentes (do hebraico ou aramaico para o grego; do grego para o latim; e, finalmente, do latim para o português). Além disso, como nos diz Maingueneau (2005, p. 85),

[...] seria errado pensar que, em um discurso, as palavras não são empregadas a não ser em razão de suas virtualidades de sentido em língua. Porque, além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento. Entre vários termos *a priori* equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo. Conhece-se, por exemplo, a voga extraordinária que teve uma palavra como *estrutura* na crítica literária dos anos 1960 em contextos em que *sistema*, *organização*, *totalidade*, ou, mais trivialmente, *plano*, teriam dito a mesma coisa. É que a restrição do universo lexical é inseparável da constituição de um território de convivência. (grifos do autor)

Além disso, as próprias condições de produção determinam a escolha vocabular, tanto do texto original, quanto da sua tradução. A esse respeito, assevera Pêcheux (apud MAINGUENEAU, 2005, p. 86):

Uma palavra, uma expressão ou uma proposição não têm um sentido que lhes seria próprio, como se estivesse preso a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva.

Portanto, a leitura de uma enunciação cujo propósito seja fazer uma outra leitura resultante de uma tradução descontextualizada estará perdendo o efeito de sentido primeiro produzido pelo enunciador.

Do ponto de vista semiótico, um signo icônico de uma época pode tornar-se simbólico e perpetuar-se através dos tempos ou passar a índice, deixando em aberto a formulação de interpretantes a ele relacionados. Assim sendo, uma expressão icônica como as *tábuas da lei* pode ser hoje lida como indicial, se avaliada segundo o papel do ordenamento jurídico nas sociedades.

Vejamos como funciona a condição da base textual, no que tange à leitura feita pelo pastor-autor, no seguinte excerto:

O Apocalipse trata de destacar e tornar visível a Pessoa do Senhor Jesus Cristo. Conforme o servo do Senhor vai paulatinamente avançando na sua leitura, em busca de compreensão, vai tendo uma visão mais ampla da figura do Cordeiro de Deus. (EM, p. 14)

Por outro lado, como assevera Ehrman (2006, p. 24-25), há pouquíssimos livros sobre crítica textual escritos para leigos, ou seja, “para quem não sabe grego e outras línguas necessárias para um estudo profundo, para quem nem mesmo entende que há um ‘problema’ com o texto”, o que ajudaria na compreensão da base textual, diretamente nas fontes.

Portanto, sem essas competências leitoras, a tão almejada compreensão torna-se dependente das informações fornecidas pelo detentor da palavra que, no caso, é representado pelo pastor-autor, mediante uma tradução tida como autorizada.

2.5.2 - Os conhecimentos partilhados

Os conhecimentos partilhados não se encontram no mesmo nível de apreensão, na maioria dos casos, entre o produtor do texto e os leitores. Além do conhecimento sobre as diversas alterações no texto original da Bíblia, ocasionadas pelas condições de produção e pelas contínuas traduções, existe também o contexto histórico que precisa ser partilhado para que o texto se abra a outras formas de interpretação (polissemia). Nesse sentido, Orlandi (1983, p. 220) afirma que “o discurso religioso não apresenta nenhuma autonomia, isto é, o representante da voz de Deus não pode modificá-la de forma alguma”, e é sobre essa premissa que se constitui o *discurso autoritário*, tendendo fortemente à monossemita. Ou seja, a interpretação feita pelo “representante de Deus” é inquestionável; o que pode ser observado no excerto, a seguir, em que o pastor-autor, o Bispo Macedo, procura fazer uma analogia entre o julgamento praticado pelos *juízes* do Antigo Testamento e a seleção promovida pela divindade:

São os ventos das tribulações que separam a palha do trigo. Para entender bem o que isso significa é preciso voltar aos tempos do Antigo Testamento.

Naquela época, era comum a existência de eiras no alto dos montes. Você, amigo leitor, lembra da eira de Araúna, onde Davi foi sacrificar (2 Samuel 24)?

Pois bem! A eira era um espaço redondo, cercado, onde se separava o trigo da palha. Os juízes também costumavam se sentar nas eiras, para julgarem as causas do povo de Israel. (EM, p. 24-25)

Com essa definição, proposta por Edir Macedo no livro em análise, o leitor é levado a inferir que há uma semelhança entre a seleção da palha do trigo, feita pelo vento, e a seleção dos juízes. Mas para isso, o leitor precisa acionar conhecimentos necessários à compreensão do enunciado acerca do texto do Segundo Livro de Samuel, conforme a referência feita por Macedo a uma determinada eira pertencente a um servo de Davi chamado Araúna, de quem a comprou para fazer sacrifícios a Deus.

2.5.3 - A coerência

A coerência temática no discurso religioso subjaz às condições de produção e recepção dos textos tomados como motivadores para a formação doutrinária. E, para isso, é preciso que tanto a base textual quanto os conhecimentos sejam partilhados.

Sobre essa condição de interpretabilidade, Eco (2004, p. 12) distingue-a em interpretação semântica ou semiósica, que consiste no “resultado do processo pelo qual o destinatário, diante da manifestação linear do texto, preenche-a de significado”, e a interpretação crítica ou semiótica por meio da qual “procuramos explicar por quais razões estruturais pode o texto produzir aquelas (ou outras, alternativas) interpretações semânticas”.

Para ilustrar, tomemos o exemplo de Macedo (2007, p. 70), em que o autor escreve:

O Senhor Jesus reconhece que a igreja em Tiatira apresentava uma série de coisas que Lhe agradavam, tais como obras; amor; fé; serviço; perseverança; as últimas obras mais numerosas que as primeiras. Mas o grande erro era tolerar Jezabel em seu meio.

Nesse excerto, o autor pretende provar que não basta promover boas *obras; amor; fé; serviço; perseverança*, além disso, a igreja tem que ser intolerante com *Jezabel*, que “ensinava e seduzia os servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos” (p. 69).

Segundo dados históricos, Jezabel foi uma princesa assíria, filha do rei Etbaal, que se casou com o rei Acabe, de Israel, por motivos políticos. Com isso, houve uma grande insatisfação no meio judaico, por conflitos religiosos, já que os assírios adoravam outros deuses, diferentes do deus de Israel. Além disso, praticavam rituais que não eram bem vistos pelos judeus.

Com certeza, a narrativa bíblica demonstra a visão judaica em relação à aliança com os assírios e, como estes passaram a dominar política e culturalmente aquela região, tornaram-se os grandes vilões da história.

Sem esses dados, a coerência textual fica prejudicada.

2.5.4 - A cooperação

Quanto à condição de cooperação, que implica uma atividade interacional, o fato de ser todo construído em terceira pessoa (a *não-pessoa*, cf. Brandão, apud Silva, 2005, p.78) ocasiona uma debreagem enunciativa ao neutralizar a categoria de pessoa do discurso (cf. Silva, 2005), ou seja, o produtor do texto exime-se da responsabilidade pelas declarações presentes no seu próprio texto, atribuindo-as à divindade por meio das remissões aos textos considerados sagrados e inspirados por Deus. Assim, obtém-se o efeito de sentido de impessoalidade, “é como se o enunciador se esvaziasse de toda e qualquer subjetividade e se apresentasse apenas como papel social” (Silva, 2005, p. 107), que, no caso, seria o de representante do próprio Deus, por intermédio de quem ele fala.

Nessa perspectiva, Orlandi (1983, p. 219) nos diz que “a subsunção de uma voz pela outra (estar no lugar de), sem que se mostre o mecanismo pelo qual essa voz se representa na outra” é o que caracteriza a mistificação do discurso religioso através do “apagamento da forma pela qual o representante se apropria da voz”, como no seguinte excerto:

Aqueles que toleram as profecias de Jezabel, por temerem o conflito com o sistema político-religioso deste mundo, isto é, com as trevas, não suportarão as provações por que terá de passar! Se são covardes diante das falsas doutrinas, imagine quando tiverem de passar pela Grande Tribulação! (EM, p. 74)

Nesse exemplo, subjaz o discurso neopentecostal defendido pelo pastor-autor que se contrapõe ao ecumenismo pregado por um grande número de religiões, hodiernamente. Esse posicionamento *político-religioso* aparece de forma metafórica no livro-cópus por meio de uma citação ao Evangelho de Mateus, capítulo 10, versículos 34-36:

Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa. (EM, p. 74)

A *espada* a que o excerto se refere representa a luta contra os que se opunham à doutrina defendida pelo evangelista Mateus, na época da produção daquele texto, que, na passagem acima, deixa transparecer o caráter humanitário com que trata a figura de Jesus (cf. EHRMAN, 2006). Esses dados relevantes não são comentados pelo autor do livro-cópus.

2.5.5 - A abertura textual

A polissemia é um fator que também condiciona a abertura das estratégias interpretativas. Ao assumir uma postura dogmática e doutrinária, no momento em que “decifra” o código linguístico, com apelo às emoções do leitor, para persuadi-lo a fazer uma leitura direcionada, a compreensão se fecha para a atividade interacional cooperativa.

Para definir melhor essas possibilidades de leitura, Orlandi (1983) aponta para a interação e o confronto de interlocutores responsáveis pela pluralidade de sentidos no ato de linguagem. Sob esse aspecto, a noção de sentido *literal*, em detrimento de outras formas de construção dos *efeitos de sentido*, constituir-se-ia no cópua como o próprio uso da linguagem. Portanto, “não há um centro, que é o sentido literal, e suas margens, que são os efeitos de sentido. Só há margens. Por definição, todos os sentidos são possíveis e, em certas condições de produção, há a *dominância* de um deles” (ORLANDI, 1983, p. 133). E, a partir das várias possibilidades de leitura, o bispo Macedo elege a mais adequada para a defesa de sua tese, como no seguinte excerto em que são associadas várias interpretações à figura histórica de Jezabel:

Não, não cremos que Jezabel possa ser literalmente um mulher, mas sim que representa uma situação, um sistema, uma doutrina ou mesmo uma conduta diabólica dentro da igreja, capaz de colocar em risco todo o seu trabalho espiritual. (EM, 71)

Pode-se observar, no trecho citado, uma tendência à associação da figura de Jezabel à personificação do mal, por parte do pastor-autor, ao referi-la como uma *conduta diabólica*.

2.5.6 - A base contextual

A base contextual seria o elemento regulador entre as diversas possibilidades de leitura (polissemia) e o sentido hermético (monossêmico). Já que, a partir da situacionalidade das condições de produção, fazendo-se a devida contextualização histórica, a *cenografia* poderá auxiliar na escolha do sentido mais verossímil (cf. MAINGUENEAU, 2005). E, justamente, por não se ter o contexto preciso para análise das condições de produção, a leitura feita pelo autor do livro-cópua é vista pelo fiel como autorizada. Vejamos o seguinte excerto:

Quando o Senhor Jesus faz referência a Jezabel, é para que consideremos a história da vida dela em relação a Israel, e, a partir daí, possamos ter uma ideia do perigo que ela representa,

não somente para a Igreja em si, mas para cada cristão.

Jezabel havia sido criada em Tiro, uma cidade portuária fenícia. Seu pai, Etbaal, era rei e fazia sacrifícios a Baal. Era também sacerdote de Astarote, considerada deusa da fertilidade e da guerra (Juízes 10.6; 1 Reis 11.5). No tempo do profeta Jeremias, muitas mulheres de Judá adoravam Astarote com o nome de “Rainha dos Céus”.

Os fenícios eram um povo navegador, que negociava madeiras nobres, ouro e pedras preciosas. Habitavam em diversas cidades às margens do Mar Mediterrâneo. Através do seu casamento com Jezabel, o rei Acabe esperava ter assegurado, para o seu reinado, a amizade da maior potência comercial na época. (EM, p.72)

Nota-se que a pequena biografia de Jezabel relatada pelo Bispo da IURD remete à versão judaica dos fatos. A rivalidade entre as civilizações judaica e fenícia, na época, desfaz-se com a união de Jezabel e Acabe, por interesses políticos. Pela ótica judaica mais conservadora, essa união representou um ato de infidelidade ao deus dos judeus e consequentemente a assimilação dos costumes estrangeiros.

2.5.7 - A determinação tipológica

Sobre a determinação tipológica, parece-nos clara a ideia de que o tipo de texto utilizado como cópula para a presente análise pode ser caracterizado como doutrinário, apesar de sua impessoalidade.

Como a determinação tipológica está estreitamente ligada às condições de abertura e de base contextual, precisamos recorrer ao que se tem de informação sobre a forma como foram produzidos os textos escritos da Bíblia. Para isso, deixamos a árdua tarefa para Moreno-Carvalho¹⁰ (2007, p. 32-33):

Esdras (Ezra), sacerdote e escriba, chegou à Judeia por volta de 458 AEC e logo tratou de implementar o novo projeto de vida da comunidade. Os judeus deveriam ser o povo da Torá. [...] Podemos supor que desde o século VII AEC esse texto já estivesse composto, numa forma bem próxima à que conhecemos em nossos dias. [...]

O objetivo de Esdras e do grupo que representava, conhecidos na tradição rabínica posterior como os “homens da Grande Assembleia”, foi fazer que o povo fosse regido pelas leis divinas. Iniciou-se, com isso, a tarefa de compilação e edição dos textos bíblicos dos profetas, assim como de outros livros que compuseram a Bíblia.

Fica claro, nesse excerto, que os textos somente foram registrados na forma escrita no período em que o escriba e sacerdote Esdras chegou à Judeia. Portanto, muitos séculos se

¹⁰ Francisco Moreno-Carvalho é médico, historiador e autor de diversos artigos e ensaios, no Brasil e no exterior, sobre história da medicina e sobre pensamento judaico.

passaram, desde a formação das primeiras tribos dos hebreus (oprimidos), até o registro oficial de todas as histórias que se contavam oralmente, de geração em geração, sobre seus feitos heróicos.

Os excertos a seguir deixam clara a intenção do autor, quando afirma que

[...] havia uma promessa de Deus, tanto por intermédio de Moisés quanto de Josué, que dizia: “Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, desde o deserto, desde o Líbano, desde o rio, o rio Eufrates, até ao mar ocidental, será vosso” (Deuteronômio 11.24). (EM, p. 78)

O arco-íris foi o sinal da aliança entre Deus e Noé, logo após o dilúvio. Deus prometeu a Noé: “então, me lembrarei da minha aliança, firmada entre mim e vós e todos os seres vivos de toda carne; e as águas não mais se tornarão em dilúvio para destruir toda carne. O arco estará nas nuvens; vê-lo-ei e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos de toda carne que há sobre a terra.” (Gênesis 9.15,16). (EM, p. 119)

No Apocalipse, o arco-íris é um sinal contínuo ao redor do trono de Deus, como que para lembrá-Lo da gloriosa e eterna aliança com aquele que, com fé, aceita o Seu Filho como Senhor e Salvador. (EM, p. 120)

Observa-se nesses excertos, bem como em outras partes do livro-cópus, a preocupação de Edir Macedo em manter o caráter doutrinário de seu texto, que se constrói por meio da intertextualidade com as Escrituras Sagradas, de onde extrai os argumentos para a defesa de suas teses.

2.6 - A retórica neopentecostal

Diante desse quadro instável quanto às verdadeiras condições de produção dos textos considerados sagrados pela ideologia cristã, assim como a incerteza da fidedignidade dos documentos originais, cria-se um ambiente propício à manipulação de informações. E, se tomarmos a tese defendida por Volochinov (apud ORLANDI, 1983, p. 138) de que “a palavra é um ato de duas caras: está tão determinada por quem a emite como por aquele para quem é emitida. É produto de relação recíproca. Uma palavra é território partilhado pelo emissor e pelo receptor”, podemos entender que um texto alterado não reflete a ideia original de quem o produziu.

Partindo desses pressupostos, ao analisarmos um trabalho de exegese¹¹ como o pretendido pelo Bispo Macedo, no nosso livro-cópus, associado à ideologia neopentecostal

¹¹ **Exegese** - substantivo feminino. 1 comentário ou dissertação que tem por objetivo esclarecer ou interpretar minuciosamente um texto ou uma palavra. 2 interpretação de obra literária, artística etc. [s.u. Houaiss]

defendida pelos seguidores dessa denominação religiosa, construímos um modelo de análise do discurso doutrinário da IURD que parte dos textos bíblicos. Para a construção dos sentidos propostos na referida obra, o texto é esmiuçado em quatro partes: (1) apresenta-se o texto bíblico utilizado como argumento de autoridade para o embasamento das reflexões, “contextualizando-o historicamente”; (2) procura-se associar aos elementos contidos no texto, o modo de vida do homem moderno; (3) atribui-se um caráter doutrinário ao texto; e (4) focalizam-se o comportamento e os problemas que afligem a humanidade, atribuindo-os à atuação do demônio, conferindo à prática da IURD o único meio de salvação. E a maior parte das teses e dos argumentos é extraída do próprio texto bíblico, fechando-se para qualquer outra opção de leitura e de produção de sentidos.

Sendo assim, como o texto bíblico teve seu momento e suas condições de produção determinados pelo contexto sócio-histórico, entendemos que uma leitura que desconsidere esses fatores será, no mínimo, deficitária, tendo em conta a procura por uma forma coerente de construção dos sentidos.

3 – ANÁLISE DO CÓRPUS

3.1 – Algumas considerações sobre o livro-cópus

A obra de Edir Macedo intitulada *Estudo do Apocalipse*, que serve de cópus para este trabalho, é o resultado de uma conjunção de quatro volumes publicados separadamente pelo autor, em que este analisa uma possível subdivisão do texto bíblico *Apocalipse* de João, conforme uma suposta divisão por temas, reunidos em um único livro.

Com essa divisão, Macedo procura focar quatro diferentes momentos do texto bíblico como referenciais para um estudo do futuro da humanidade, a partir dos elementos descritos por João, considerado no Prefácio pelos editores, como o livro que “sistematiza de maneira mais detalhada os ensinamentos sobre os eventos que nos aguardam ao final de tudo” (EM, p. 9).

Em um dado parágrafo, no Prefácio, os editores afirmam que “muitos ‘apocalipses’ foram escritos, tanto judaicos quanto cristãos, do início da Igreja. No entanto, aprouve ao nosso Deus preservar no Cânon Sagrado apenas aquele que tinha recebido a Sua inspiração reveladora” (EM, p. 10). Em relação a essa tese, encontramos, na bibliografia consultada, uma série de controvérsias quanto à escolha dos livros que vieram a compor a Bíblia Cristã. Enfatizamos, ainda, que há divergências de opiniões em relação aos livros que compuseram a Bíblia católica e a Bíblia adotada pelos pentecostais e neopentecostais.

Ehrman (2006, p. 14) esclarece que os textos bíblicos existentes não são originais, mas cópias dos originais e cópias das cópias feitas muitos anos mais tarde, com diferenças entre si que marcam a intencionalidade ou imprudência dos copistas.

3.2 - A busca pela intertextualidade

Uma das estratégias de doutrinação utilizada pelo autor é o recurso da intertextualidade. Por meio da associação de textos pertencentes a diversos momentos diferentes da cultura judaico-cristã, o leitor é submetido a uma série de associações que, no conjunto, irão compor a ideologia à qual se assujeitará. Essa prática pode ser comparada a

uma “colcha de retalhos”, em que fragmentos dispersos e descontextualizados, que perdem sua integridade e sua totalidade, dão origem a um novo texto “montado” pelo autor, de acordo com a ideia que pretende expor. Mas, como fica a questão das condições de produção? Ao que parece, esse fator é desconsiderado pelo autor.

É interessante ainda notar que os textos são selecionados de forma que se encaixem perfeitamente na tese que se quer defender. Então, nos vem a pergunta: por que não se faz referência aos livros do Antigo Testamento que enumeram os sacrifícios que devem ser feitos a Deus, por aqueles que o desobedecem, como, por exemplo, o Levítico? Ao que parece, determinados trechos do Antigo Testamento, que divergem da ideologia cristã, são desconsiderados, porque nos livros mais antigos há resquícios do intercâmbio cultural de épocas remotas e características semelhantes às práticas de outras religiões, inclusive atuais.

Cabe ainda ressaltar que as nações da Terra às quais se referem aqueles textos eram as conhecidas naquele período histórico, ou seja, a egípcia, a fenícia, a babilônica, a grega, a romana etc.

Para tomarmos como exemplo de elementos que podem gerar polêmica quanto à leitura dos textos bíblicos, vejamos um trecho reproduzido em nosso corpúsculo em que, segundo defendem alguns pesquisadores, deixam transparecer que Jesus não morreu na cruz e, além disso, casou-se com Maria Madalena, dando origem a uma “dinastia”:

Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já ataviou, [...] (Apocalipse 19.7). (EM, p. 318)

Então, veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro; [...] (Apocalipse 21.9). (EM, p. 368)

Como se sabe, em diversas passagens do Novo Testamento, a metáfora do *Cordeiro* é atribuída à figura de Jesus, como nos seguintes trechos, extraídos da *Bíblia Digital 1.0*:

No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o *Cordeiro* de Deus, que tira o pecado do mundo. (Jo 1.29) (grifo nosso)

[...] mas com precioso sangue, como de um *cordeiro* sem defeito e sem mancha, o sangue de Cristo [...] (I Pe. 1.19) (grifo nosso)

Digno é o *Cordeiro*, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor. (Ap. 5.12) (grifo nosso)

É importante observar também como Macedo conduz o leitor ao fundamentalismo e ao preconceito, fazendo uma leitura linear do texto que usa como argumento para sua defesa,

como no seguinte excerto:

Nem sempre o pecado da Igreja consiste em um ato contra o Senhor Jesus, mas na tolerância passiva com o inimigo. Tolerar significa concordar, e é isto que a Igreja moderna tem abraçado nesses últimos tempos. (EM, p. 74)

Ficam marcadas, dessa maneira, as palavras do bispo em detrimento das inúmeras possibilidades subjacentes de construção dos sentidos. O que vai de encontro às novas propostas de leitura desenvolvidas pelos pesquisadores das áreas de Linguística Textual, Análise de Discurso, Semiótica Narrativa, bem como de outras áreas do conhecimento.

3.3 – As quatro subdivisões do *Apocalipse* de João

O primeiro capítulo do livro-cópus apresenta a defesa da tese de que o *Apocalipse* de João, ou *Revelação de João*, é o grande livro da cristandade, em que se encontra a revelação – o título, de origem grega, é devido ao fato de ter sido escrito em grego – pois prevê os últimos acontecimentos na face da Terra, antes, durante e depois do retorno de Jesus Cristo – o Messias.

Nas palavras do autor, “em contraste com os demais livros da Bíblia, onde é revelado o Salvador, o Filho de Deus, o Rei e Senhor, *o Apocalipse nos revela o Senhor que está voltando, na realização final do plano de Deus*” (EM, p. 14) (grifo nosso) e, continuando, mais adiante, “‘eis que vem com as nuvens...’ (Apocalipse 1.7) *é a grande mensagem central do Apocalipse!*” (EM, p. 20) (grifo nosso), além do interesse em persuadir o leitor a acreditar nas revelações de João, pretende-se ainda convencê-lo de que somente o cristianismo pode livrar o homem do poder maligno que assola a humanidade ao afirmar que “*o diabo tem sido perseverante na tentativa da destruição da fé cristã*. Ele persevera com as dúvidas, para tentar neutralizar a nossa fé; e nós perseveramos com a fé, para neutralizarmos as dúvidas” (EM, p. 26). Para garantir fidedignidade, são citados trechos da Bíblia Sagrada que funcionam como argumentos de autoridade, nas palavras do pastor-autor, “porque está escrito: ‘Sabemos que somos de Deus e que *o mundo inteiro jaz no Maligno*.’ (1 João 5.19). Quer dizer que aquele que é de Deus sempre será perseguido por aqueles que não são d’Ele.” (EM, p. 27). (grifo nosso)

É importante frisar que essas previsões já vinham sendo feitas ao longo da história da

civilização judaica, desde que o profeta Daniel, que teria vivido no período de escravidão dos judeus aos babilônicos, no Antigo Testamento, começou a narrar seus sonhos “premonitórios”, que mostravam a vinda do “Salvador” do povo de Israel, assim como suas consequências (*Bíblia Sagrada 1.0*, versão Digital).

Nesse capítulo, que corresponde aos Capítulos 1, 2 e 3 do *Apocalipse*, ainda são levantadas algumas questões relativas à autoridade da Igreja, as coordenadas para a correta vida cristã e as consequências da desobediência a essas coordenadas, como nos seguintes excertos:

E o Apocalipse é dirigido a estas igrejas, como uma *advertência pessoal* do Senhor Jesus. Por isso, é muito importante que, mediante a Sua revelação, cada cristão venha a avaliar minuciosamente a qualidade de servo que tem sido para o seu Senhor. (EM, p. 30) (grifo nosso)

As cartas às sete igrejas compõem a segunda parte do Apocalipse. Elas estão relacionadas aos fatos que são, isto é, à *condição espiritual* da Igreja. (EM, p.38) (grifo nosso)

A mensagem das sete cartas contém *instruções, advertências e edificação*. Nelas o Senhor Jesus revela a *Sua vontade*, bem como a *Sua condenação* aos pecados existentes. Ele dá *instruções* com respeito ao que deve ser feito imediatamente; *adverte* quanto ao perigo da desobediência à Sua Palavra e da acomodação espiritual; *edifica* no sentido de que mediante a vigilância e a fidelidade a Ele haverá recompensa eterna. (EM, p.39) (grifo nosso)

Todas as ideias defendidas no primeiro capítulo remetem aos exemplos dados pelas primeiras comunidades que, naquela época, ainda não tinham recebido o título de “cristãs”; o que ocorreu por meio de cartas enviadas aos “anjos” das respectivas comunidades, a saber: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia, atribuindo-se a cada uma delas um momento histórico da Igreja Cristã, sendo a de Éfeso, a representação da Era Apostólica, portanto, a primeira na ordem “cronológica”; e a de Laodiceia, a da Era Apóstata, ou seja, a última, representando os dias atuais.

No segundo capítulo do livro-cópus, obedecendo a ordem do texto bíblico que corresponde aos Capítulos 4, 5, 6 e 7 do *Apocalipse*, são narradas as visões de João no que se refere ao seu “arrebamento” ao céu, de onde se podem ver todos os acontecimentos que precedem a volta do Messias, como a abertura dos sete selos que liberam as sete pragas que ir-se-ão abater sobre a humanidade, como um grande espetáculo, dada a descrição repleta de elementos fantásticos e sobrenaturais. É também nessa parte, que o autor usa o artifício da expressividade icônico-indicial-simbólica dos medos da humanidade, em relação aos acontecimentos catastróficos, para atrair a atenção do leitor para os terrores que serão lançados aos que não seguirem as determinações de Deus.

No terceiro capítulo, que corresponde aos Capítulos 8 a 16 do *Apocalipse* de João,

diferentemente dos anteriores, a simbologia oscila entre os números sete e três: são sete as trombetas do juízo e, para cada trombeta, a destruição da terça parte de algum elemento. É também nesse capítulo que Macedo tece comentários em relação à atuação das outras denominações cristãs e ataca, principalmente, a Igreja Católica, comparando-a à Babilônia por um processo metafórico.

E, finalmente, no quarto e último capítulo do livro-cópus, o autor faz um estudo dos capítulos 17 ao 22 do *Apocalipse*, levantando argumentos que comprovem sua tese de que a Igreja Católica é a grande Babilônia dos últimos dias da “Grande Tribulação”.

Assim como no texto-referência, ou seja, o livro do *Apocalipse* de João, o autor do livro-cópus não deixa transparecer a ideia de devastação da Terra e de tudo que habita sobre ela, mas deixa claro que “a melhor parte do Apocalipse ficou para o final, quando aqueles que participarão dos seus benefícios eternos têm a promessa magnífica, gloriosa e singular do Senhor Jesus: ‘Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente, venho sem demora...’ (*Apocalipse* 22.20)” (EM, p. 387).

A partir da análise do livro *Estudo do Apocalipse*, podemos perceber uma estreita vinculação do seu produtor aos textos que precedem o seu objeto de estudo – os demais livros do Novo Testamento – mas sem deixar de fazer a correlação com os do Antigo Testamento. Essa prática nos leva a crer que exista uma relação entre os argumentos defendidos por Edir Macedo e a influência que o Antigo Testamento exerce sobre esses. Esse recurso marca visivelmente a interdiscursividade.

Nessa ótica interdiscursiva, procedemos, então, à análise dos campos semânticos explorados pelo autor para a construção da sua “verdade”. Conforme Simões (2007, p. 24), “as verdades consuetudinariamente aceitas não garantem a construção de verdades absolutas”, o que nos leva a concordar com Bünge (apud SIMÕES, 2007, p. 24), quando este afirma que “a verdade é feita e não encontrada, e diagnosticar a verdade é tão difícil como diagnosticar a virtude”.

Sob esse aspecto, concordamos com Eco (2004, p. 12), quando este afirma que

A interpretação semântica ou semiótica é o resultado do processo pelo qual o destinatário, diante da manifestação linear do texto, preenche-a de significado. A interpretação crítica ou semiótica é, ao contrário, aquela por meio da qual procuramos explicar por quais razões estruturais pode o texto produzir aquelas (ou outras, alternativas) interpretações semânticas.

Por essa teoria, partiremos para um estudo mais aprofundado dos principais campos

semânticos presentes no texto de Edir Macedo.

3.4 – A iconicidade estilística

Segundo Bourdieu (1999, p. 19),

um estilo deve mudar necessariamente quando já foi totalmente divulgado, uma vez que, se pretende ser um signo distintivo, não pode universalizar-se sem que perca a significação o “valor” (no sentido de Saussure) que deriva de sua posição num sistema e de sua oposição aos outros elementos do sistema.

Nessa ótica sociológica, entendemos que, para o pastor-autor do livro-cópus, é necessário mudar a estratégia de convencimento que vinha sendo aplicada pelas doutrinas cristãs, até então conhecidas, que, entre outros fatores, pregava a união de todas as religiões – o ecumenismo – além de tomar o cristianismo como uma religião de amor, união e paz. E essa mudança de estratégia, a nosso ver, retoma uma velha tática bastante eficaz durante a Idade Média: a abominação das religiões não-cristãs; o medo do Diabo, bem como de todo o mal que ele pode representar na vida de qualquer ser humano; e o medo da danação eterna.

Outra estratégia aplicada durante a Idade Média, que se estendeu até a Idade Moderna, foi o combate à heresia. O simples fato de contestar ou simplesmente querer interpretar as escrituras sagradas de forma particular, era motivo para excomunhão ou até mesmo para a morte. Hodiernamente, essas punições não são mais aplicadas, mas ainda existem grupos religiosos, como as denominações neopentecostais, que consideram inadmissíveis as leituras polissêmicas dos textos bíblicos.

Macedo (2007, p. 63), a esse respeito, diz que “qualquer pensamento que contraria a Palavra de Deus vem do diabo. E cabe àquele que é de Deus recusá-lo imediatamente. Foi contra este tipo de armadilha que o Senhor aconselhou os Seus discípulos, dizendo: *‘Vigiai e orai, para que não entreis em tentação...’*” (Mateus 26.41) (grifo do autor).

Para entender o conteúdo metafórico do texto do *Apocalipse* de João, que se reflete no discurso de Macedo, o leitor precisa ter uma bagagem cognitiva que dê suporte aos elementos sócio-históricos constitutivos do discurso na época de sua produção, para que não fique restrito a uma só possibilidade de leitura proposta pelo pastor-autor.

Sendo assim, apresentamos a seguir um quadro com algumas das metáforas que aparecem no texto de Macedo, sob forma de discurso próprio ou relatado, e suas

interpretações, para ilustrar o caráter tendencioso com que Edir Macedo no livro-cópus trata dessa figura de linguagem.

Vejamos as metáforas que aparecem na seção intitulada “Carta à Igreja em Tiatira” (v. ANEXO) citadas por Macedo, no livro-cópus, extraídas do texto bíblico:

Metáforas do texto bíblico e leituras possíveis

TRECHO DO CÓRPUS	ENTENDIMENTO PROPOSTO PELO AUTOR	INTERPRETAÇÃO POSSÍVEL
o anjo da igreja em Tiatira (EM, p. 68)	figura do dirigente da igreja	mensageiro ou responsável pela manutenção da doutrina
Jezabel (EM, p.68)	representa uma situação, um sistema, uma doutrina ou mesmo uma conduta diabólica dentro da igreja, capaz de colocar em risco todo o seu trabalho espiritual	os gentios ou, ainda, a prática religiosa pagã (desvio do projeto de Jesus)
prostituição (EM, p. 68)	Igreja sujeita à esperteza do compromissos mundanos, corrompendo os princípios morais e espirituais dos servos que a compõem	venda de serviços relativos ao projeto de Deus
comerem coisas sacrificadas aos ídolos (EM, p. 68)	sentarem-se à mesa em comunhão com aqueles que não têm nada com o Senhor	referência às práticas religiosas pagãs
Adulteram (EM, p. 68)	tolerância passiva com o inimigo	fazem alianças com o inimigo
Eis que a prostro de cama (EM, p. 68)	pessoas que têm confessado a fé cristã vivem em verdadeira penúria de vida, com o casamento arruinado, a saúde abalada, a ruína financeira, os filhos enfermos, etc.	repreensão ao desviado

Matarei os seus filhos (EM, p. 68)	envolvimento de prostituição da igreja com Jazabel fez gerar filhos	aniquilação dos dissidentes
aquele que sonda mentes e corações (EM, p. 68)	tudo a nosso respeito está descoberto diante dos Seus olhos	sensibiliza os fracos na fé ou vigilância às ações
Satanás (EM, p. 68)	Aqueles que se relacionavam com Jezabel se justificavam com os demais, que se mantinham imunes a ela, dizendo que precisavam conhecer as profundezas de Satanás, para experimentarem a grandeza do amor de Deus.	o inimigo
Outra carga (EM, p. 68)	quem se mantém no primeiro amor ao Senhor é servo, é discípulo, e não tolera mistura	tarefa
autoridade sobre as nações (EM, p. 68)	representada profeticamente nas vitórias de Josué, Davi e Salomão	delegação/tomada do poder
com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços (EM, p. 68)	que têm a autoridade do Senhor Jesus para julgar todas as nações, e autoridade sobre todo o poder do inferno, isto é óbvio, pela própria Palavra de Deus	assumirá o comando da comunidade e destruirá o inimigo
o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça (EM, p. 70)	O vencedor não é aquele que conquista uma cidade, mas aquele que vence, a cada momento, o pecado que tenazmente o assedia!	não se submeterão ao poder romano ou de outros povos

são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou (EM, p. 71)	representação simbólica e profética de uma mulher	o casamento de Jesus e Maria Madalena
mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro (EM, p. 71)	a própria Igreja do Senhor Jesus	a esposa, Maria Madalena
mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça (EM, p. 71)	é Israel em seu significado, no plano de salvação; o remanescente que é salvo através da Grande Tribulação	sabedoria, conhecimento; ciclo, renovação; as doze tribos de Israel ou os doze meses do ano
grande meretriz que se acha sentada sobre muitas águas (EM, p. 71)	figura da apóstata Igreja desses últimos tempos, comprometida com o ecumenismo, prostituída com a política, fazendo alianças e se contaminando cada vez mais com os que têm poder econômico ou político	referência à civilização fenícia, que tinha Astarte como deusa da fertilidade e dos maré
a mulher vestida de púrpura e de escarlata, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo na mão um cálice de ouro (EM, p. 71)	Jezabel	símbolos de riqueza, dos impérios dominantes

Por meio desses exemplos, podemos observar a intencionalidade do pastor-autor, no que tange à adequação das metáforas bíblicas ao discurso religioso neopentecostal, com o propósito de defender a tese de que a personagem histórica *Jezabel* representou a atuação do demônio ao promover uma assimilação dos costumes assírios pela civilização judaica. Sob esse aspecto, fica marcado o aspecto xenofóbico e antiecumênico da cultura judaica.

3.5 – Os campos semânticos explorados por Edir Macedo

No tocante aos campos semânticos explorados por Macedo, observamos o uso de

signos linguísticos que funcionam, ora como ícones, ora como índices, além do caráter simbólico de alguns itens lexicais, elemento largamente explorado em discursos religiosos.

A intenção doutrinária apoia-se numa base convencionada ideológico-culturalmente, o que explica o desdobramento de tantas variantes para um mesmo princípio, no caso, derivado do que conhecemos como protestantismo e que hoje se apresenta como evangelismo.

Vejamos alguns dos valores ideológico-culturalmente trabalhados, segundo os valores que carregam, quando em relação ao texto bíblico, subsidiando a conversão dos homens:

Misticismo:

- as *sete* igrejas/as *sete* cidades/o desenho formado é um *círculo* (símbolos da perfeição) – na visão do autor, indicam as diferentes épocas da história da Igreja
- *bruxaria* (índice da superstição)
- lavados pelo *sangue* (símbolo da vida) – o sangue que corre nas veias; a expressão completa é índice de remissão dos pecados
- *Cordeiro* (símbolo do sacrifício cristão)

Guerra:

- *inimigos* incrédulos (índice da disputa entre o bem e o mal)
- *vitória* do nosso Senhor (índice da disputa entre o bem e o mal)
- *triunfo* (índice da disputa entre o bem e o mal)
- o *poder* (índice de superioridade sobre as outras religiões)
- toda a *autoridade* e todo o *poder* (índices da superioridade sobre as outras religiões)

Ímpios:

- *feras* deste mundo demoníaco (ícone da irracionalidade e índice dos anticristãos)
- *povos incrédulos* (ícone da diversidade religiosa)
- *vil pecadora* (índice da desobediência)
- *povos anticristãos* (ícone das outras religiões)

Fiéis:

- *homens de Deus* (símbolo da crença)
- *nascidos de Deus* (índice da filiação)

- *sacerdotes* (ícone da religiosidade)
- *sacrifícios* contínuos (índice de fidelidade)
- fragrância do Seu *conhecimento* (índice da fé)

Negatividade:

- *odeiam/perseguem/difamam* (índices da rivalidade religiosa)
- *Injustiça* (índice do sofrimento)
- *hostes do inferno* (símbolo dos poderes do mal)

Positividade:

- colheita da *salvação* (índice da promessa divina)
- *amizade* cristã (símbolo da harmonia)
- *amor e perdão* (ícones da vida cristã)
- *promoção* (índice da promessa divina)

À procura da construção de uma verdade “supostamente” revelada, o bispo Macedo segue uma trilha textual, elaborada por ele mesmo, que se faz por meio do “juízo de *verossimilhança*” que, segundo Simões (2007, p. 27), “nada mais é do que um juízo de probabilidade construída por meio da coesão e da coerência na articulação dos signos que tecem o texto”. E a conjunção das ideias extraídas dos textos do Antigo Testamento com as que se apresentam no Novo Testamento geram uma relação interdiscursiva da obra *Estudo do Apocalipse*. Isso nos leva a acreditar em uma relação existente entre o discurso neopentecostal e o judaico, já que aquele mantém o caráter bélico com o qual a cultura judaica se relacionava com as demais civilizações.

As âncoras textuais (SIMÕES, 1997) encontradas nos campos semânticos explorados pelo autor convergem para a postura litigante, principalmente, quando se compara a Igreja Católica ao Império Babilônico, além dos assírios, cananeus e filisteus, com especial ênfase à civilização egípcia.

Em nenhum momento, a Igreja Católica é referida explicitamente, apenas por meio de descrições que conduzem o leitor ao sentido desejado pelo autor, ou seja, à ideia de que o catolicismo representa uma nova “Babilônia”. Seu líder máximo, o Papa, chamado de “chefe da Babilônia” e “anticristo”, também não aparece explicitamente, apenas por meio de

representações a partir de referências ao seu poder, atitudes, características físicas e indumentárias.

Também cabe ressaltar que a tradução implica a produção de um novo texto, com palavras escolhidas pelo tradutor – intencionalidade X leitura do tradutor – o que pode gerar confusões na produção dos sentidos, tanto de quem traduz, como de quem lê o texto traduzido. E, conforme Citelli (2005, p. 35-36),

desde a escolha das palavras, com certas explorações semânticas do eufemismo, até a organização das frases, passando pela escolha e disposição dos raciocínios e dos temas ao longo dos textos, percorremos um caminho de inúmeras possibilidades para se compor a ordem persuasiva e de convencimento dos discursos.

Sobre esse aspecto da tradução, Amâncio (2009) nos diz que

Os vocábulos bíblicos, muitas vezes não têm correspondentes satisfatórios em português e outros tantos idiomas. O campo semântico das palavras é muito particular; no caso do hebraico, as palavras expressam conceitos bem concretos, expressões abstratas são raras, os verbos de ligação são dispensados, os pronomes pessoais estão embutidos na maioria das formas verbais e algumas preposições e sufixos de posse aparecem anexados aos substantivos. Assim, somente um estudo da sintaxe das línguas bíblicas poderia revelar a complexidade dessas diferenças com maior exatidão.

A partir dessa fundamentação, optamos pelo agrupamento dos itens lexicais selecionados por Macedo em sete grandes campos semânticos, a saber: (1) o místico/mítico; (2) o problema; (3) o mal; (4) o medo; (5) o poder; (6) a guerra; e (7) a redenção; os quais, posteriormente, serão distribuídos por três grandes isotopias: (1) a igreja; (2) o mal; (3) o poder; e (4) a guerra.

A divisão proposta deveu-se, no primeiro momento, aos aspectos semiótico-cognitivos acionados pelos itens lexicais como forma de remissão do leitor ao universo discursivo religioso de orientação neopentecostal, por suas próprias características, as quais definimos por meio da nomenclatura escolhida. No segundo momento, por estarem agrupadas de acordo com os quatro grandes pilares que configuram o discurso religioso cristão, as âncoras textuais, ou pontos de interseção entre os diversos campos semânticos, gerando as isotopias que constituem esse gênero discursivo.

3.5.1 – O místico/mítico

Verificamos que, pela ótica cristã em geral e, em especial na pentecostal e

neopentecostal, há um consenso de que tudo que é sobrenatural e não se encontra na Bíblia como fenômeno atribuído a Deus, a Jesus e ao Espírito Santo, é considerado, pejorativamente, místico ou mítico. No entanto, a prática cristã está sempre permeada de rituais e formas de expressão que nos remetem ora ao conceito de “místico”, ora ao conceito de “mítico”.

Por exemplo, quando aparece no texto do livro-cópus a seguinte sentença:

Significa um *sinhal de perfeição*, o que justifica o número: *sete* (EM, p. 16),

o sintagma *sinhal de perfeição* indica uma referência ao número *sete* que, na tradição judaica, representa o número da perfeição¹². Essa leitura se refere à tradição gnóstica da cabala¹³ – que significa *recepção* – sistema religioso-filosófico que investiga a natureza divina. É a vertente mística, esotérica, do judaísmo.

Portanto, todas as vezes em que essas palavras – *perfeição* e *sete* – aparecem, tanto nos textos de Edir Macedo, quanto nos da Bíblia, referem-se à natureza mística do judaísmo.

Essa referência mística se repete em outras sentenças por todo o texto de Macedo, como em:

Achei-me em espírito, no dia do Senhor, e ouvi, por detrás de mim, grande voz, como de trombeta, dizendo: O que vês escreve em livro e manda às *sete* igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. (Apocalipse 1.10,11) (EM, p. 27)

O livro do Apocalipse é dirigido às *sete* igrejas da Ásia. (EM, p. 30)

Como o número *sete* simboliza a perfeição, cremos que estas *sete* igrejas representam a totalidade a Igreja do Senhor Jesus Cristo. (p. 30)

Esta mesma mão, que outrora carregara o madeiro e nele fora encravada, agora é bendita e glorificada, e sustenta a Sua Igreja, representada pelas *sete igrejas*. A espada afiada, que sai da Sua boca, é a Palavra de Deus: [...] (EM, p. 34)

Ainda no aspecto místico, as manifestações premonitórias se apresentam ao longo do texto como uma habilidade típica dos profetas. Mas a prática da adivinhação ou da previsão também é atribuída a personagens pertencentes a outras culturas como, por exemplo, os oráculos greco-romanos.

Vejamos algumas amostras da mística que envolve a premonição vista como um dom de Deus:

Daniel também *viu* esse dia e o relatou, dizendo: [...] (EM, p. 21) [*viu* = profetizou]

¹² Cf. CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

¹³ Cf. NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro: Encyclopædia Britannica do Brasil Publicações, 1997.

O conhecimento d'Ele vem através da *revelação* do Seu próprio Espírito, e isto se torna suficiente para fazer a pessoa reunir forças e enfrentar qualquer situação adversa. (EM, p. 22) [*revelação* = premonição]

Ele viu o Senhor Jesus não como o Salvador, mas como "...aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso." (Apocalipse 1.8). (EM, p. 28)

A verdade é que a *revelação* que João teve nesse dia foi do grande terrível dia dos juízos do Senhor, ou o dia da Grande Tribulação. (EM, p. 28)

Por isso, é muito importante que, mediante a Sua *revelação*, cada cristão venha a avaliar minuciosamente a qualidade de servo que tem sido para o seu Senhor. (EM, p. 30)

Toda vez que um representante judaico-cristão declara ter tido "premonições", é considerado profeta, como no excerto, a seguir:

O mesmo aconteceu com Daniel, por exemplo, que, *usado pelo Espírito Santo, profetizou* a respeito do Senhor Jesus utilizando a figura da "pedra cortada sem auxílio de mãos": [...] (EM, p. 33)

Outra referência mística está na relação da água como elemento purificador do corpo e da alma, que aparece em outras culturas, como o Zoroastrismo persa:

Aqueles que um dia experimentaram o novo nascimento, pela *água* e pelo Espírito Santo, podem se lembrar com prazer da chama viva do amor de Deus dentro dos seus corações [...] (EM, p. 42)

As referências míticas também permeiam o texto de Macedo, fazendo uma relação com outras culturas e crenças, o que pode nos levar a deduzir um intercâmbio cultural em que os mitos vão-se mesclando e dando forma a novas histórias.

Vejamos alguns desses casos:

Os quatro Evangelhos nos apresentam a dupla natureza do Senhor, isto é, a Sua *natureza humana* e a Sua *natureza divina*, Filho de Deus. (EM, p. 30)

Nesse excerto, aparecem marcas de similaridade (signos icônicos) com as mitologias grega e romana: o Espírito Santo vem até uma mortal, virgem, a qual concebe um filho meio-humano (mortal), meio-divino (imortal), ou seja, um semideus. Essa mesma história mitológica tem outros correspondentes em civilizações ancestrais.

Há, ainda, referências míticas à criação do universo e do homem, que também podem ser encontradas em outras civilizações, de acordo com a tradição cultural:

Quando o nosso Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança, *este era de barro* e estava prostrado no chão. Então Ele soprou o Espírito da vida em suas narinas, e o homem passou a ser alma vivente, e se pôs de pé (Gênesis 2). (EM, p. 36)

Ou à existência do inferno:

E o inferno faz alusão ao *Hades*, o lugar onde os que morrerem sem o Senhor Jesus ficarão, aguardando até o julgamento final [...]. (EM, p. 37)

Em outro trecho, há uma grande semelhança com o mito de Hórus, no Egito, e de Zaratustra, no Zoroastrismo, que também teria sido acolhido como divindade pelo deus Ahura Mazda, aos 30 anos, em um banho de purificação, com que teria visto a luz divina:

Depois de *morto, ressuscitado e glorificado*, assumiu a Sua natureza divina, a qual o apóstolo Paulo descreve assim: [...] (EM, p. 31)

3.5.2 – O problema

Outro campo semântico bastante explorado pelo pastor-autor é o das palavras que remetem à ideia de problemas os quais o ser humano precisa atravessar para chegar à verdadeira fé. Problemas esses que podem levar o homem ao estado de desespero e, com isso, à necessidade de um “super-herói”, com poderes sobrenaturais, para libertá-lo da opressão imposta pelos “vilões” que o subjagam. Vejamos alguns trechos do livro-cópus em que são empregados itens lexicais representativos das provações a que a humanidade é submetida, seguidos de comentários que consideramos pertinentes para a construção dos sentidos, sob uma outra proposta de leitura:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRPUS	COMENTÁRIOS
Razão pela qual tenho recomendado a meditação contínua do Apocalipse, especialmente quando a pessoa estiver passando por <i>provações</i> na sua fé. (EM, p. 15)	A fidelidade do homem é testada pela divindade.
“...na <i>tribulação</i> ...” – significa dizer que todo filho de Deus precisa entrar no Seu Reino através de muitas <i>tribulações</i> . Aliás, são elas que separam os que são de Deus daqueles que não são. Os nascidos de Deus vencem todas as <i>tribulações</i> , mas os que não são nascidos d’Ele não. (EM, p. 24)	Há muitos trabalhos a serem executadas para se atingir o grau de pureza. Essa ideia também aparece em outras mitologias antigas, como a grega, por exemplo.
Verdade é que toda a <i>tribulação</i> por que nós cristãos temos de passar não deixa de ser apenas uma pequena brisa, em comparação àquilo que está reservado para nós, conforme está escrito: “...Nem olhos viram, nem	Os trabalhos nunca são suficientemente árduos. Há sempre novas tarefas, cada vez mais difíceis de executar.

ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.” (1 Coríntios 2.9). (EM, p. 25)	
Quando as coisas vão bem, e não existem as angústias da <i>perseguição</i> e das <i>injustiças</i> – muitas vezes cometidas pelos próprios irmãos – enfim, quando há paz, não temos tido ouvidos para ouvirmos a direção do nosso Senhor. (EM, p. 29)	O homem procura um salvador quando tem dificuldades.
Quando uma pessoa, <i>desiludida</i> por todo o <i>engano</i> do mundo, deseja ter um encontro com Deus, aonde é que ela se dirige primeiro? A uma igreja cristã! Por quê? Porque ela crê que ali o Senhor Jesus está presente! (EM, p. 31)	O mundo moderno impõe a depressão ao homem e este precisa buscar apoio em alguém ou alguma coisa.
É bem verdade que aqueles que pensam que podem manter a comunhão com o Senhor Jesus do lado de fora da Igreja não têm a mínima ideia do <i>prejuízo</i> que estão causando a si mesmos. (EM, p. 32)	Quem não procura a Igreja para manter o vínculo com a divindade, está prejudicando a si mesmo.

É importante notar que, nesse último excerto, o argumento utilizado pelo autor contrapõe-se ao texto bíblico, que diz que todos somos igreja e que Deus está em todo lugar.

Outros problemas de ordem material e social são apontados pelo pastor-autor como obras do demônio, como nos excertos a seguir:

Muitas pessoas que têm confessado a fé cristã, vivem em uma verdadeira *penúria de vida*, com o *casamento arruinado*, a *saúde abalada*, a *ruína financeira*, os *filhos enfermos*, etc. A verdade é que sempre há demônios operando por detrás disso. (EM, p. 75)

Há um grande número de repetições de itens lexicais como *provação*, *tribulação*, *perseguição*, *injustiça*, *desilusão*, *engano*, *prejuízo*, os quais povoam o imaginário popular e que são comuns no mundo moderno, mas que, na verdade, sempre fizeram parte da vida humana.

Como se pode observar, há uma preocupação por parte do pastor-autor em destacar as dificuldades que a vida moderna nos impõe, ressaltando-se os aspectos negativos e dimensionando-se os sacrifícios que devem ser empreendidos para que possamos atingir nossos objetivos. Portanto, acreditamos que a intenção do produtor desse texto seja atingir o

leitor no seu ponto mais vulnerável, seja qual for o problema que o aflija.

3.5.3 – O mal

Um dos principais campos semânticos explorados pelo autor do livro-cópus é o que se refere ao mal e sua personificação: o diabo. Isto se dá porque o objetivo do texto de Macedo é persuadir o leitor a acreditar que tudo de ruim que acontece no mundo é provocado pelo diabo, em suas diversas manifestações e denominações.

Segundo alguns historiadores, a figura personificada do mal que, até o surgimento do cristianismo propriamente dito, era apenas um mero coadjuvante no imaginário judaico, veio a adquirir *status* de “monstro que castiga impiedosamente os pecadores e parece deleitar-se com tal tarefa” (THURSTON¹⁴, 2008, p. 34), durante a Idade Média.

Vejamos alguns dos itens lexicais que representam iconicamente essa figura criada pela tradição judaico-cristã:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRpus	ITENS LEXICAIS – ÍCONES DO MAL
Os poucos homens de Deus, hoje, têm sido entregues às <i>feras</i> deste mundo <i>demoníaco</i> por aqueles que um dia também foram de Deus. (EM, p. 16)	feras – demoníaco
Nesse glorioso dia, o Senhor eliminará o domínio de <i>Satanás</i> e todos os poderes <i>demoníacos</i> e <i>anticristãos</i> , e estabelecerá o Seu magnífico Reino de paz e justiça. E então todas as tribos da Terra, isto é, os povos <i>anticristãos</i> , irão se lamentar. (EM, p. 22)	Satanás – demoníacos – anticristãos
O <i>diabo</i> tem sido perseverante na tentativa da destruição da fé cristã. (EM, p. 26)	diabo
Porque está escrito: “Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no <i>Maligno</i> .” (1 João 5.19). Quer dizer que aquele que é de Deus sempre será	Maligno

¹⁴ Robert W. Thurston é professor de História na Universidade de Miami.

perseguido por aqueles que não são d'Ele. (EM, p. 27)	
E como o mundo inteiro jaz no <i>Maligno</i> , então é óbvio que sempre haverá injustiças por parte daqueles que não são de Deus, para com aqueles que são. (EM, p. 27)	Maligno

Ao descrever as características da igreja em Pérgamo, o autor do livro-cópus chama atenção para o fato de que essa comunidade

Habitava no lugar onde estava o *trono de Satanás*. (EM, p. 55)

Segundo informações da Nova Enciclopédia Barsa¹⁵, havia um grande templo dedicado a Esculápio (ou Asclépio, em grego), deus da cura que, por carregar uma serpente, foi associado à figura de Satanás, no imaginário cristão. Até hoje, a serpente de Esculápio é usada como símbolo das ciências da saúde.

Ao longo do texto, o bispo substitui as formas já conhecidas da personificação do mal por outros “personagens” extraídos do texto base, como: a *besta*, o *falso-profeta* e o *líder da Babilônia*. Nos excertos a seguir, podemos observar esse caráter icônico-indicial por meio de associações metafóricas:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRpus	EXPRESSÕES ICÔNICAS DO MAL
Acreditamos que <i>a grande Babilônia</i> será restabelecida nos tempos finais, sob a forma de império mundial romano. Na sua liderança estará o <i>anticristo</i> , que vai exaltar a si mesmo e se apresentar como Deus. Daí a razão do <i>ecumenismo</i> ! (EM, p. 103)	<i>a grande Babilônia</i> – <i>anticristo</i> – <i>ecumenismo</i>
Quem é o anticristo? Há estudiosos apocalípticos que acreditam ser ele <i>um dos líderes máximos da religião que se diz dominante</i> . Seus seguidores o consideram até mesmo <i>infalível</i> . (EM, p. 132)	<i>um dos líderes máximos da religião que se diz dominante</i> – <i>infalível</i>
Quando este líder aparece em público, ou em visita a um país, normalmente as <i>suas vestes são brancas</i> . A <i>coroa</i> ou o <i>chapelão</i> é	<i>suas vestes brancas</i> – <i>coroa</i> – <i>chapelão branco</i>

¹⁵ Cf. NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro: Encyclopedica Britannica do Brasil Publicações, 1997.

<i>branco</i> e ele carrega um <i>cajado na mão</i> , simbolizando o arco do cavaleiro do cavalo branco. (EM, p. 133) [referência à visita do Papa]	– <i>cajado na mão</i>
O <i>ecumenismo</i> é um movimento que pretende congregar várias religiões sob a autoridade máxima do <i>líder da Babilônia</i> . (EM, p. 133-134)	<i>ecumenismo</i> – <i>líder da Babilônia</i>
A <i>Babilônia</i> está trabalhando há muitos anos em um projeto no qual todos os seres humanos serão obrigados a se submeter a um único governo mundial, que está sendo criado com a finalidade de preparar a chegada do <i>anticristo</i> . (EM, p. 134)	<i>Babilônia</i> – <i>anticristo</i>

Segundo o texto do livro-cópus, *a grande Babilônia* é representada, de acordo com características que lhe são atribuídas ao longo do texto, a Igreja Católica Romana, que seria a grande responsável pela disseminação do *ecumenismo*, visto pelo autor como um aspecto negativo do comportamento humano. E o *anticristo* representa a figura do Papa. Daí o caráter icônico-indicial, pois atribui ao signo características que configuram o objeto-de-mundo fazendo, a um só tempo, analogia com um determinado objeto-de-discurso. Essas associações se repetem por todo o texto, sempre reforçando a mesma ideia.

Ao que tudo indica, o pastor-autor tem-se aproveitado das recentes polêmicas acerca da suposta omissão do Papa Pio XII às atrocidades cometidas pelos nazistas, para re-categorizar a figura do Papa como o *anticristo*. Segundo Eduardo Szklarz (2009, p. 32), “Nos últimos anos, mais de dez livros foram lançados, com diferentes interpretações sobre a conduta do pontífice antes e durante o regime nazista”, uns a favor da atitude do Pontífice – alegando que ele estaria agindo pelos bastidores para tentar salvar vidas – outros acusando-o de ser cúmplice do Holocausto.

3.5.4 – O medo

Uma das estratégias de que o autor se utiliza e que, durante a Idade Média, fora exaustivamente praticada é a da imposição do medo, que pode ser provocado por diversos fatores. No texto-cópus do presente trabalho, o bispo procura empregar itens lexicais que acionam sentidos relacionados aos medos que povoam o imaginário popular; e o principal,

que serve de ponto de partida para a maioria das religiões, é o medo da morte. Esse medo, em especial, tem origem nos três grandes questionamentos acerca da existência de todas as coisas: De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos?

O mistério da morte desperta ainda mais o medo em relação ao que pode provocá-la, como as *catástrofes*, item bastante explorado pelo autor do livro-cópus, além da incerteza quanto ao destino do espírito, após a morte.

Vejamos no quadro a seguir alguns trechos em que itens lexicais que remetem a situações de medo aparecem, seguidos de comentários acerca da leitura dos fenômenos feita pela ótica neopentecostal:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRpus	COMENTÁRIOS
As <i>catástrofes</i> que se abaterão sobre a Terra, mostradas no Apocalipse [...]. (EM, p. 14)	<i>catástrofes</i> : diversos fenômenos naturais catastróficos que se espalham pelo planeta, como, terremotos, furacões, tempestades, tsunamis etc.
Aquele que <i>teme o inferno eterno</i> , e está disposto a fazer qualquer sacrifício para evitá-lo, só tem um caminho [...] (EM, p. 15)	<i>teme o inferno eterno</i> : o medo da danação eterna, bastante explorado pelos artistas plásticos e pela literatura fantástica.
Verdade é que toda a tribulação por que nós cristãos temos de passar não deixa de ser apenas uma pequena brisa, em comparação <i>àquilo que está reservado para nós</i> , conforme está escrito: “...Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.” (1 Coríntios 2.9). (EM, p. 25)	<i>àquilo que está reservado para nós</i> : a indefinição assusta ainda mais do que a clareza dos dados.
A verdade é que a revelação que João teve nesse dia foi do <i>grande e terrível</i> dia dos juízos do Senhor, ou o dia da <i>Grande Tribulação</i> . (EM, p. 28)	As palavras <i>grande</i> e <i>terrível</i> servem como intensificadores para o terror que se espera para a <i>Grande Tribulação</i> .
Nós já tivemos muitas guerras, que mataram quase cem milhões de pessoas, mas a manifestação deste cavaleiro do cavalo vermelho surtirá um <i>efeito catastrófico</i> , jamais ocorrido até então, pois para isto	<i>efeito catastrófico</i> : a representação do genocídio causado pelas guerras é personificado no cavaleiro do cavalo

lhe foi dada autoridade. (EM, p. 142)	vermelho, descrito como implacável.
Devemos lembrar que o primeiro selo trouxe o anticristo e as suas <i>terríveis conseqüências</i> : guerras, fome e morte. As almas debaixo do altar são um resultado do domínio de <i>terror do anticristo</i> . (EM, p. 147)	<i>terríveis conseqüências; terror do anticristo</i> : associação da figura do anticristo como causador dos terrores que estão por vir.
A visão do apóstolo, no momento da abertura deste selo, volta-se para a Terra e para o nosso sistema solar. A terra passa a ser o palco das <i>maiores catástrofes</i> de toda a história da humanidade. (EM, p.152)	<i>maiores catástrofes</i> : impõe-se o medo dos fenômenos atmosféricos.

Na busca pela palavra impactante, com efeitos de sentido que gerem o medo dos acontecimentos que ainda estão por vir, há uma série de correlações textuais imbricando textos do Novo e do Antigo Testamento a serviço da tese defendida pelo autor do livro-cópus sobre “o terror daqueles dias que precederão a Sua volta” (EM, p.153).

No quadro a seguir, podemos verificar a associação dos textos produzidos em diferentes épocas, que tocam nas mesmas questões que afligem a humanidade, e que, de certa forma, estabelecem uma relação de sentidos, se considerados como parte de uma rede discursiva com características do discurso neopentecostal:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRPU	TRECHOS BÍBLICOS
O retrato da abertura deste selo foi pintado pelo próprio Senhor Jesus, quando profetizou:	“Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; sobre a terra, <i>angústia</i> entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas; haverá homens que <i>desmaiarão de terror</i> e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes dos céus serão abalados. Então, se verá o Filho do Homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória.” (Lucas 21.25-27). (EM, p. 154)
Também o evangelista Mateus registrou esta profecia, dizendo:	“Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. Então, aparecerá no céu o

	sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se <i>lamentarão</i> e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória.” (Mateus 24.29,30). (EM, p. 154)
No antigo Testamento, vemos que os profetas Joel e Isaías, referindo-se àqueles dias, registraram:	<p>“Diante deles, <i>treme</i> a terra, e os céus se abalam; o sol e a lua se escurecem, e as estrelas retiram o seu resplendor. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor.” (Joel 2.10,31). (EM, p. 154)</p> <p>“Eis que vem o Dia do Senhor, dia cruel, com <i>ira e ardente furor</i>, para converter a terra em assolação e dela <i>destruir os pecadores</i>. Porque as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz; o sol, logo aos nascer, se escurecerá, e a lua não fará resplandecer a sua luz. <i>Castigarei</i> o mundo por causa da sua maldade e os perversos, por causa da sua iniquidade; farei cessar a arrogância dos atrevidos e abaterei a soberba dos violentos.</p> <p>Farei que os homens sejam mais escassos do que o ouro puro, mais raros do que o ouro de Ofir. Portanto, farei estremecer os céus; e a terra será sacudida do seu lugar, por causa da ira do Senhor dos Exércitos e por causa do dia do seu ardente furor.” (Isaías 13.9-13). (EM, p. 154-155)</p>

Por esses excertos, podemos perceber o tom ameaçador dos textos bíblicos e de seu sucedâneo neopetencostal com relação aos insubordinados (cf. CITELLI, 2005, p. 52). Há também uma estrutura narrativa que beira o maravilhoso, fantástico, espetacular e garante um efeito de sentido ainda mais assustador e impactante.

Diante desses aspectos, entendemos uma rede interdiscursiva entre os textos do Antigo e do Novo Testamento, que se entrelaçam com o objetivo de manter a mesma linha de raciocínio: a intimidação. Daí o fato de serem considerados por um grande número de pesquisadores como pertencentes a uma mesma grande religião – o judaísmo – com características peculiares ao período histórico em que foram produzidos os textos, já que o cristianismo, propriamente dito, com essa denominação, é posterior ao Século IV, depois de Cristo.

3.5.5 – O poder

Outro campo semântico, também considerado por nós como um dos principais, é o dos itens lexicais que remetem à ideia de poder. A todo momento, o autor enfatiza a relação de poder, seja entre a divindade e o homem, seja do homem para o mal, ou de homem para homem, no caso dos sacerdotes. Em todos os casos, esse poder só é dado a quem segue a doutrina cristã. Nessa relação, subjaz a hierarquia estabelecida entre Deus e o homem, que é sempre visto como *servo*, numa relação não-democrática.

Ilustrando:

Conforme o *servo* do *Senhor* vai paulatinamente avançando na sua leitura [...] são justamente estas informações que revelam a *autoridade suprema e inquestionável* do *Senhor Jesus*. (EM, p. 14)

A relação de poder fica, assim, distribuída em três planos: o político, o judiciário e o religioso:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRPUS	ÍCONES DO PODER		
	POLÍTICO	JUDICIÁRIO	RELIGIOSO
[...] o livro do Apocalipse prepara o caminho para o <i>Senhor</i> e <i>Juiz Eterno</i> , a quem Deus deu toda a <i>autoridade</i> e <i>poder</i> , quer nos Céus, quer na Terra. Tudo está nas mãos do <i>Senhor Jesus</i> ! (EM, p. 14)	<i>Senhor;</i> <i>autoridade;</i> <i>autoridade;</i> <i>poder</i>	<i>Juiz</i> <i>Eterno;</i> <i>autoridade;</i> <i>poder</i>	<i>Senhor;</i> <i>poder</i>
Para os povos incrédulos, entretanto, Ele vem como o <i>Soberano dos reis</i> da Terra (EM, p. 17). [povos incrédulos = demais culturas ou religiões]	<i>Soberano</i> <i>dos reis</i>		
“... Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos <i>libertou</i> dos nossos pecados, e nos constituiu <i>reino</i> , <i>sacerdotes</i> para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o <i>domínio</i> pelos séculos dos séculos. Amém! Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!” (Apocalipse 1.5-7) (EM, p. 17)	<i>reino;</i> <i>domínio</i>	<i>libertou</i>	<i>sacerdotes</i>

<i>Sacerdote</i> é aquela pessoa escolhida por Deus para oferecer <i>ofertas</i> e <i>sacrifícios</i> contínuos diante d’Ele. Todo aquele que for lavado pelo sangue do <i>Senhor</i> Jesus é um <i>sacerdote</i> , independentemente da posição em que ocupe na igreja. (EM, p. 18)	<i>Senhor</i>		<i>Sacerdote;</i> <i>ofertas;</i> <i>sacrifícios;</i> <i>Senhor</i>
Cada cristão verdadeiro é um <i>sacerdote</i> . Assim, o <i>Senhor</i> Jesus tem constituído um <i>reino</i> de <i>sacerdotes</i> para o Seu Deus e Pai. Portanto, a Ele toda a honra, toda a glória e todo o <i>domínio</i> , pelos séculos dos séculos! (EM, p. 18)	<i>Senhor;</i> <i>reino;</i> <i>domínio</i>		<i>sacerdote</i> (s); <i>Senhor</i>
Temos a <i>obrigação</i> e o <i>dever</i> de permitir que o Espírito do <i>Senhor</i> Jesus manifeste a fragrância do Seu conhecimento através de nós! Quer dizer que os incrédulos precisam tomar conhecimento do <i>Senhor</i> Jesus por intermédio do comportamento dos Seus seguidores! (EM, p. 19)	<i>Senhor</i>	<i>obrigação;</i> <i>dever</i>	<i>Senhor</i>
O nosso <i>Senhor</i> e <i>Salvador</i> vem! (EM, p. 20)	<i>Senhor</i>		<i>Senhor;</i> <i>Salvador</i>
[...] naquela oportunidade Ele não veio para <i>julgar</i> , mas para <i>salvar</i> . (EM, p. 20)		<i>julgar</i>	<i>salvar</i>
Por isso, o apóstolo João nos mostra Jesus como o <i>Senhor</i> a quem o Eterno Deus Pai conferiu toda a <i>autoridade</i> e todo o <i>poder</i> , quer nos Céus, quer na Terra, de modo que <i>tudo está nas mãos</i> do Senhor Jesus Cristo! (EM, p. 20)	<i>autoridade;</i> <i>poder</i>	<i>autoridade;</i> <i>poder;</i> <i>tudo</i> <i>está nas</i> <i>mãos</i>	<i>Senhor;</i> <i>poder</i>
Sim, pois o <i>Senhor</i> Jesus já nos <i>purificou</i> e nos <i>redimi</i> u de toda a culpa do pecado, pelo Seu sangue, e também nos <i>redimi</i> u do <i>poder</i> do pecado, conforme está escrito e determinado: “Porque o pecado não terá <i>domínio</i> sobre vós...” (Romanos 6.14) (EM, p. 21)	<i>Senhor;</i> <i>poder;</i> <i>domínio</i>	<i>poder</i>	<i>Senhor;</i> <i>purificou;</i> <i>redimi</i> u; <i>poder</i>
Ele vem com toda a <i>autoridade</i> e <i>poder</i> , recebidos do Seu Pai, com a missão de ser <i>Juiz</i> . (EM, p. 21)	<i>autoridade;</i> <i>poder</i>	<i>autoridade;</i> <i>poder;</i> <i>Juiz</i>	<i>poder</i>

A primeira vez Ele veio para <i>salvar</i> , mas na segunda vem para <i>julgar</i> ! (EM, p. 21)		<i>julgar</i>	<i>salvar</i>
“... e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado <i>domínio</i> , e glória, e o <i>reino</i> , para que os povos, nações e homens de todas as línguas o <i>servissem</i> ; o seu <i>domínio</i> é <i>domínio</i> eterno, que não passará, e o seu <i>reino</i> jamais será destruído. O <i>reino</i> , e o <i>domínio</i> , e a <i>majestade</i> dos <i>reinos</i> debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu <i>reino</i> será <i>reino</i> eterno, e todos os <i>domínios</i> o <i>servirão</i> e lhe <i>obedecerão</i> .” (Daniel 7.13, 14, 27) (EM, p. 21)	<i>domínio;</i> <i>reino;</i> <i>servissem;</i> <i>majestade;</i> <i>servirão;</i> <i>obedecerão</i>	<i>obedecerão</i>	
A terceira o revela em relação ao mundo – mostra como Ele <i>julga</i> os povos. E assim continua paulatinamente, até que enxergamos a glória completa, ou seja, o novo Céu e a nova Terra, nos quais habita a <i>justiça</i> (2Pedro 3.13). (EM, p. 23)		<i>julga;</i> <i>justiça</i>	
A eira era um espaço redondo, cercado, onde se separava o trigo da palha. Os <i>juízes</i> também costumavam se sentar nas eiras, para <i>judgarem</i> as causas do povo de Israel. (EM, p. 25)		<i>juízes;</i> <i>judgarem</i>	
Esta separação pelo vento é um símbolo do futuro <i>juízo</i> eterno, a separação das ovelhas dos cabritos e dos bodes (Mateus 25.32). (EM, p. 25)		<i>juízo</i>	
“...no <i>reino</i> ...” – todo aquele que nasce de novo, pela água e pelo Espírito Santo, é portador do <i>Reino</i> de Deus. O <i>Senhor</i> Jesus mesmo disse: “...Porque o <i>reino</i> de Deus está dentro de vós.” (Lucas 17.21). (grifo do autor) (EM, p. 25)	<i>Reino;</i> <i>Senhor</i>		<i>Senhor</i>
Este <i>Reino</i> é espiritual, e só fazem parte dele aqueles que foram lavados no sangue do Cordeiro. Não se pode entrar nele à base de dinheiro, amizade, “pistolão” ou qualquer outra alternativa humana. (EM, p. 25)	<i>Reino</i>		

Só existe <i>uma porta de entrada</i> : o Senhor Jesus Cristo! A pessoa que desejar entrar precisa <i>crer n'Ele</i> e <i>andar de acordo com a Sua Palavra</i> ! Não existe outra forma. O próprio apóstolo João, referindo-se a este <i>Reino</i> , disse: [...] (EM, p. 25)	<i>Reino</i>	<i>andar de acordo com a Sua Palavra</i>	<i>uma porta de entrada; crer n'Ele; andar de acordo com a Sua Palavra</i>
--	--------------	--	--

As expressões destacadas no quadro indicam monopólio, obediência e submissão ao poder divino que, por extensão, impõe a submissão a quem estiver imbuído de representar a divindade pela Sua Palavra.

Outra característica do discurso neopentecostal são as formas de descrever a divindade e as qualidades exigidas para que o indivíduo seja considerado um verdadeiro cristão. No quadro a seguir, destacamos os itens lexicais que remetem ao estado de dominação exigido pelo discurso religioso autoritário de orientação neopentecostal, seguido de comentários acerca da relação entre o léxico adotado e o contexto sócio-histórico de produção do texto bíblico:

TRECHOS DO TEXTO-CÓRPUS	COMENTÁRIO DA DESCRIÇÃO
“e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o <i>Soberano dos reis da terra</i> . Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu <i>reino, sacerdotes</i> para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o <i>domínio</i> pelos séculos dos séculos. Amém!” (Apocalipse 1.5,6) (EM, p. 26)	Deus é visto como um rei, com referência ao regime político da época, detentor de poderes ilimitados.
“...e na perseverança, em Jesus...” – a perseverança da fé no Senhor Jesus <i>não é uma opção, mas uma condição</i> para se herdar a vida eterna. (grifo do autor) (EM, p. 26)	O livre-arbítrio dá lugar à coerção.
Por isso, é muito importante que, mediante a Sua revelação, cada cristão venha a avaliar minuciosamente a qualidade de <i>servo</i> que tem sido para o seu <i>Senhor</i> . (EM, p. 30)	Desejo de dominar tudo e a todos; regime de servidão
“Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a <i>criação</i> ; pois, nele, foram <i>criadas</i> todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam <i>tronos</i> , sejam <i>soberanias</i> , quer	Tudo foi criado por Deus para ser governado por ele mesmo.

<i>principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste.” (Colossenses 1.15-17) (EM, p. 31)</i>	
--	--

Percebe-se nessas palavras o caráter egocêntrico, possessivo e ciumento da divindade. Há também indícios da influência – ou intercâmbio cultural – manifesto nas teogonias antigas, que pode representar uma adaptação da teogonia greco-romana aos ideais judaicos (monoteísta), daí a concepção de Trindade Divina.

Durante todo o período de dominação da doutrina judaico-cristã, os valores impostos por essa ideologia permearam a formação dos indivíduos, sendo desprezadas as demais culturas. Inclusive, muitos desses ideais podem ter sido influenciados por outras culturas, passando a integrar o cristianismo propriamente dito.

Sendo assim, chegamos à conclusão de que a ideologia cristã, na verdade, consiste num apanhado de várias culturas, inclusive, rivais. Mas o que ficou incutido nas mentes acabou sendo atribuído, exclusivamente, ao cristianismo.

Vejamos um exemplo de como o autor do livro-cópus constrói seus silogismos para explicar a necessidade de estarmos vinculados à igreja, ou seja, a produção das premissas que servem para a orientação dos argumentos para a defesa da tese de que a instituição eclesiástica é a única capaz de conduzir o homem ao caminho da salvação:

TRECHO DO TEXTO-CÓRPUS	COMENTÁRIO DA CONSTRUÇÃO DO SILOGISMO
Estar fora do convívio da Igreja é o mesmo que tentar criar peixes fora d'água. Mas também é <i>verdade</i> que a igreja tem a obrigação de manifestar a glória do Senhor Jesus Cristo, conforme Ele mesmo disse: “Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.” (Mateus 5.13). (EM, p. 32)	Falta coerência: entre os dois argumentos - o peixe não vive fora d'água porque seu sistema respiratório não está adaptado para esse ambiente; o fiel pode cultuar seu deus em qualquer lugar, não necessariamente dentro da Igreja, já que ele se encontra em todo lugar; e na correlação do silogismo com o sentido da passagem do texto bíblico, extraído do evangelho de Mateus.

Fazer um silogismo a partir dos argumentos apresentados pelo autor mostra-se nos insipiente, já que não há como estabelecer uma relação entre as premissas. De acordo com a teoria da argumentação, essa tese constitui-se em uma falácia: “falha técnica que torna o

argumento inconsistente ou inválido” (MATTHEW, 2008, p. 5),

Outro problema que encontramos no texto-córpus é a falta de concatenação das ideias. Isso gera uma falha na elaboração dos argumentos, cujo efeito de sentido ocasiona também uma incoerência na defesa da tese. Vejamos o quadro a seguir:

TRECHOS DO TEXTO-CÓRPUS	COMENTÁRIO DA CONSTRUÇÃO FALACIOSA
O cristão tem a responsabilidade não só de manifestar a presença de Deus no mundo, como testemunha do Senhor Jesus, mas também de se conservar <i>imune ao pecado</i> , sendo um cristão cristalino, já que o pecado não tem <i>domínio</i> sobre ele: “Porque o pecado não terá <i>domínio</i> sobre vós; pois <i>não estais debaixo da lei</i> , e sim da graça.” (Romanos 6.14). (EM, p. 32)	Falta concatenação entre as ideias de imunidade ao pecado e o fato de não estar <i>debaixo da lei</i> . As duas premissas não se coadunam.

Parece haver um tom subversivo nas palavras do autor, a partir da análise desse excerto. Ao afirmar que o cristão pode manter-se *imune ao pecado*, atribui-se o poder (imunidade) de insubordinação ao opressor (pecado). Pode-se, a partir dessa ideia, fazer uma analogia com a situação em que as primeiras comunidades judaico-cristãs se encontravam em relação ao Império Romano, a qual se complementa na citação da Epístola de Paulo aos cristãos romanos.

Ao afirmar que o cristão não está *debaixo da lei*, o texto faz alusão à situação em que se encontravam o primeiros cristãos (ou essênios), em oposição às demais subdivisões do judaísmo – os fariseus, os saduceus e os zelotes – que já se encontravam sob o domínio político romano, complementando, assim, a ideia de insubordinação.

Em outro momento, o bispo apresenta em seu texto características que definem a relação entre os poderes religioso e político, como no seguinte excerto:

Estas vestes talaes são vestes que descem até os calcanhares, e apontam a *dignidade Sumo-sacerdotal*; a cinta de *ouro*, à altura do peito, representa a Sua *dignidade de Rei*. (EM, p. 33)

Aqui se mostram os dois poderes supremos do judaísmo: o sacerdotal e o real. A *cinta de ouro* representa a riqueza de ambos.

E, mais adiante:

Na verdade, João vê aqui a identificação do *Rei* e *Sumo-sacerdote*, voltando como o *Messias*

de Israel. Ele vem, então, com a Sua Igreja, razão pela qual Ele está no meio dela, isto é, dos sete candeeiros. (EM, p. 33)

O *Rei* e o *Sumo-sacerdote* como *Messias de Israel* representando o Salvador que retoma o poder real, que estava nas mãos do Império Romano e o sacerdotal, das mãos dos fariseus.

Além disso, a figura de Jesus no *Apocalipse* de João, segundo o pastor-autor, é descrita de forma diferente da imagem que ficou conhecida por meio da iconografia das Igrejas Cristãs, a partir da Idade Média. Vejamos o excerto:

Os *cabelos brancos* como a alva lã, como neve, apontam o indescritível fulgor da glória celestial. A *coroa de espinhos* se transformou em *coroa de honra*. Os olhos cheios de lágrima, quando o Senhor presenciou a miséria de Jerusalém, agora são olhos como de fogo, significando *juízo*. (EM, p. 33)

Nesse trecho, Jesus é descrito como um homem senil, já com idade avançada, por meio dos signos indiciais *cabelos brancos*, o que vai de encontro às representações conhecidas, bem como à ideia de que sua morte/ressurreição se deu aos 33 anos, aproximadamente. Porém, manteve-se a *coroa* que, *de espinhos*, tornou-se *de honra*, para criar a imagem da realeza.

Continuando nessa mesma trilha semântica, vejamos outras ocorrências que servem como representações icônicas do poder:

TRECHOS DO TEXTO-CÓRPUS	COMENTÁRIO DA REPRESENTAÇÃO ICÔNICA VERBAL
Os olhos como fogo e os pés semelhantes ao bronze polido caracterizam o Senhor Jesus como <i>Juiz</i> . Portanto, ele não é apenas <i>Rei</i> e <i>Sumo-sacerdote</i> , mas também <i>Juiz</i> . (EM, p. 34)	Pode-se observar a abundância dos itens lexicais que estabelecem a relação de poder entre senhor e servo e entre juiz e réu. Esse julgamento era feito de acordo com as leis judaicas de cunho religioso, que tinham como fonte a lei mosaica, já que o rei acumulava as duas funções de liderança: política e religiosa.
Em todas as vozes o <i>Senhor</i> profere <i>juízo</i> ! (EM, p.34)	
Assim sendo, no início da revelação do <i>Senhor</i> Jesus Cristo o apóstolo João vê o essencial: Jesus Cristo como <i>Rei</i> , <i>Sumo-sacerdote</i> , <i>Profeta</i> e <i>Juiz</i> . (EM, p. 35)	

3.5.6 – A guerra

O fato de anunciar uma guerra santa confere ao texto de Edir Macedo uma isotopia voltada para o aspecto bélico, com uma seleção lexical voltada para essa característica marcante do discurso neopentecostal, que prega uma eterna luta do bem contra o mal. Para isso, destacamos alguns trechos que demonstram essa preocupação:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRPUS	LEVANTAMENTO LEXICAL – ÍCONES DA GUERRA
As suas revelações não apenas sustentaram a minha fé como também a fortaleceram, a ponto de poder eu reagir e alcançar a <i>vitória</i> a cada dia. (EM, p. 15)	<i>Vitória</i> e <i>triunfo</i> são palavras que remetem ao objetivo principal de uma guerra. No caso da guerra santa, não se pretende chegar a um consenso, a um acordo, mas a uma preponderância ideológica sobre o inimigo derrotado.
A nossa permanência aqui na Terra é para que manifestemos a <i>vitória visível</i> do nosso Senhor, até a Sua revelação. (EM, p. 19)	
Nós temos a responsabilidade de testemunhar, a nossa própria vida, a <i>vitória</i> da ressurreição do nosso Senhor! (EM, p. 19)	
“Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em <i>triunfo</i> e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento” (2 Coríntios 2.14). (EM, p. 19)	

Esse último excerto foi extraído da segunda epístola de Paulo aos Coríntios. Cabe ressaltar que Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Seu ministério aconteceu após a morte de Jesus.

Outros itens lexicais que remetem à ideia da guerra travada entre as forças do bem e as do mal aparecem com frequência nos excertos analisados, no quadro a seguir, em que comentamos o poder icônico e o efeito de sentido que produzem no leitor.

TRECHOS DO LIVRO-CÓRPUS	COMENTÁRIO DA ICONICIDADE LEXICAL
E aí está o <i>trunfo</i> ao qual o Deus Pai nos conduz, através do Seu Filho, pelo Seu Santo Espírito: o poder de sermos testemunhas vivas do Senhor Jesus! (EM, p. 19)	<i>Triunfar</i> é vencer o inimigo. Aquele que vence uma guerra, <i>trunfa</i> sobre o derrotado.
Quem for mais perseverante é que <i>vencerá</i> . E a verdade é que somente o nascido de Deus é perseverante! Os <i>fracos</i> desanimam e os <i>covardes</i> fogem. Só mesmo aqueles que nasceram de Deus, que tiveram um encontro pessoal com o Senhor Jesus, <i>perseveram</i> e <i>prevalecem</i> ! (EM, p. 26)	Incentivo à aliança com Deus para ter coragem e força para enfrentar o inimigo.
Aquele que é de Deus ora; clama; suplica; jejua; geme; enfim, <i>luta</i> com todas as suas <i>forças</i> para que a Igreja seja viva e cheia do Espírito Santo! (EM, p. 32)	A luta contra o inimigo também é uma forma de sacrifício.
“Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e <i>mais cortante</i> do que qualquer <i>espada de dois gumes</i> , e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.” (Hebreus 4.12) (EM, p. 35)	Requinte de detalhes da ação provocada pela palavra de Deus, que <i>corta</i> mais profundamente que uma <i>espada de dois gumes</i> .
O privilégio de participar dos frutos da árvore da vida, da vida eterna! Mas para <i>vencer</i> é preciso <i>lutar</i> . Ninguém é capaz de <i>conquistar</i> algo sem participar de uma <i>disputa</i> . (EM, p. 46)	Não há <i>vitória</i> sem <i>luta</i> .

Em alguns momentos no texto de Macedo, o autor recorre a passagens bíblicas para justificar a necessidade dessa guerra contra o mal. Vejamos um deles:

Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na *força* do seu poder. Revesti-vos de toda a *armadura* de Deus, para poderdes *ficar firmes* contra as ciladas do diabo; porque a nossa *luta* não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os *dominadores deste mundo tenebroso*, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomais toda a *armadura* de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, *permanecer inabaláveis*. (Efésios 6.10-13). (EM, p. 46-47)

Nesse excerto, podemos fazer algumas considerações acerca da produção textual. Primeiramente, parece haver um discurso subjacente ao texto produzido pelo autor da carta

aos Efésios, com a intenção de estimular a insubordinação ao poder do Império Romano, caracterizado pela *armadura*. A construção metafórica da resistência judaica, que se manifesta por meio das pistas textuais elaboradas com itens lexicais que remetem à isotopia do discurso autoritário, pelo olhar dos dominados, estaria implícita nas expressões *ficar firmes*; *luta* contra os *dominadores deste mundo tenebroso*; *resistir*; *permanecer inabaláveis*. E, quanto à intenção do autor, parece haver uma desambiguação do discurso bíblico, ao se propor uma leitura literal, baseada no conteúdo ideológico religioso de uma suposta batalha espiritual. Essa ideia é explicitada no decorrer do texto, conforme os seguintes excertos:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRPUS	COMENTÁRIO DA ICONICIDADE LEXICAL
Aprendemos, nestes versículos, que cada cristão participa de uma <i>verdadeira guerra espiritual</i> [...]. (EM, p. 47)	O suposto combate é inquestionável, pela ótica do autor do livro-cópus.
[...] precisamos nos armar com toda a armadura de Deus, para, então, podermos <i>resistir ao diabo</i> . (EM, p. 47)	A única maneira de se proteger do poder do mal é por meio da Palavra de Deus, representada pela <i>armadura</i> .
Ora, é justamente isto – a <i>batalha contra o diabo e o pecado</i> – que temos de vencer a cada instante, até a morte. (EM, p. 47)	A guerra deve ser travada contra o mal e o que ele pode provocar, ou seja, as atitudes que desagradam a Deus.
Cada um precisa lutar as suas próprias lutas e, assim, <i>conquistar a sua salvação</i> . (EM, p. 47)	A guerra é individual, cada um cuida do seu destino.

Podemos ainda observar certa apologia ao genocídio, quando o autor cita trechos do Antigo Testamento, como o capítulo 9 do livro de *Ezequiel*:

A glória do Deus de Israel se levantou do querubim sobre o qual estava, indo até à entrada da casa; e o Senhor clamou ao homem vestido de linho, que tinha o estojo de escrevedor à cintura, e lhe disse: Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e marca com um sinal a testa dos homens que suspiram e gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela.

Aos outros disse, ouvindo eu: Passai pela cidade após ele; e, sem que os vossos olhos poupem e sem que vos compadeçais, matai; matai a velhos, a moços e a virgens, a crianças e mulheres, até exterminá-los; mas a todo homem que tiver o sinal não vos chegueis; começai pelo meu santuário. (EM, p. 160)

Atitudes semelhantes puderam ser observadas ao longo da história da humanidade,

como forma de impor a supremacia (política, racial, religiosa etc.) de uma ideologia dominante, como por exemplo: o extermínio dos índios americanos pelos europeus; os armênios, pelos turcos; e os judeus, pelos nazistas. Há também o genocídio cultural (etnocídio), que consiste na destruição da cultura de um povo, em vez do povo em si mesmo.

E ainda há casos em que líderes religiosos fundamentalistas induzem os fiéis ao suicídio pela fé, como: o pastor Jim Jones, do Templo do Povo, em 1978; e o terrorismo islâmico.

Além disso, o autor procura persuadir o leitor a acreditar que a luta espiritual é individual, e cada um é responsável por si, o que, a nosso ver, configura um direcionamento ao individualismo, como na sequência:

É como comer, beber e dormir: *ninguém pode fazer pelo outro!* Assim também é a guerra pela vida eterna! Cada um tem de *vencer por si mesmo*, para receber o prêmio da vida eterna. (EM, p. 47)

3.5.7 – A redenção

Sobre o campo semântico da redenção, encontram-se os mais diversos meios que conduzem à salvação, expressos por uma seleção de itens lexicais que remetem o leitor ao cerne da questão judaico-cristã: a libertação do jugo dos opressores, mais organizados socialmente e belicamente. Vejamos, então, alguns dos itens léxicos mais significativos:

O amor com que Deus nos amou é *indiscutível*. De acordo com o *nosso pensamento natural*, deveria ser diferente: primeiro *lavados pelo sangue* e, então, amados. Mas é justamente o contrário: Ele nos amou primeiro! (EM, p. 17)

Pela ótica judaico-cristã, o amor de Deus é *indiscutível*, mas, por outro lado, sua ira e vingança para com os que não seguem seus propósitos é implacável, gerando um fundamentalismo exacerbado. A imagem criada pela expressão *lavados pelo sangue* conduz à ideia da redenção dos pecados.

Aqui está o exemplo que os *verdadeiros* nascidos de Deus têm de seguir: *semear o amor* do Evangelho naquelas pessoas que os odeiam, que os perseguem e os difamam, cometendo contra eles todo tipo de *injustiça*. (EM, p. 18)

Nesse momento de nossa análise, cabe fazer uma reflexão sobre os conceitos de *verdade* e *amor*. Se todo o universo e tudo que existe entre o Céu e a Terra foram criados por

Deus, consideramos incoerente a assertiva do autor do livro-cópus ao afirmar que apenas os “*verdadeiros* nascidos de Deus” têm de *semear o amor* do Evangelho.

A defesa dessa tese vai de encontro ao pensamento difundido pelas igrejas neopentecostais, que se propõem a deflagrar uma “guerra” contra as forças do mal – *semear o amor* (= paz), em oposição à *guerra* (= conflito).

Quanto às pessoas que os *odeiam, perseguem, difamam* e cometem contra eles todo tipo de *injustiça*, entendemos ser mais uma das estratégias usadas pelo autor para persuadir o leitor contra as outras denominações cristãs e, principalmente, as outras religiões. O “suposto” amor a que o autor se refere, na verdade é um “contrato de adesão” – quem se torna adepto do cristianismo é amado, caso contrário, só pode receber o sentimento oposto, ou seja, o ódio. Visão considerada por nós altamente maniqueísta.

[...] infelizmente muitos que se dizem cristãos têm esperado que os seus parentes, vizinhos, amigos e até *inimigos incrédulos* se convertam, para então lhes transmitirem a *amizade cristã*. (EM, p. 18)

Primeiro o Senhor Jesus nos *amou*, e depois Ele nos *limpou* de todo o nosso pecado. (EM, p. 18)

Pressupõe-se que todos cometamos “erros” (sujeira) e que precisemos ser “corrigidos” (limpos).

Como resultado deste *amor e perdão* vem a *promoção*: Ele nos constitui reino e sacerdotes para o Seu Deus e Pai (Apocalipse 5.10). (EM, p. 18)

Haveria uma premiação para quem pratica o *amor* e o *perdão*: a *promoção*, equivalente aos poderes real e sacerdotal, na hierarquia judaica e de outras culturas da época.

Sacerdote é aquela pessoa *escolhida* por Deus para oferecer *ofertas* e *sacrifícios* contínuos diante d’Ele. Todo aquele que for lavado pelo sangue do Senhor Jesus é um *sacerdote*, independentemente da posição em que ocupe na igreja. (EM, p. 18)

Perde-se o referencial da reversibilidade. Como pode uma pessoa ser *escolhida* se não há reversibilidade no discurso religioso? Quem chancela a escolha? O indivíduo se autodeclara *escolhido* por Deus. As palavras *sacerdote, ofertas, sacrifícios* estão ligadas aos rituais judaicos do período histórico das primeiras comunidades judaico-cristãs, indicando o universo cultural do povo judeu.

Cada *cristão verdadeiro* é um *sacerdote*. Assim, o Senhor Jesus tem constituído um reino de *sacerdotes* para o Seu Deus e Pai. Portanto, a Ele toda a honra, toda a glória e todo o domínio, pelos séculos dos séculos! (EM, p. 18)

Ao declarar que “cada *cristão verdadeiro* é um *sacerdote*”, o autor estaria afirmando

que todas as pessoas teriam o poder de abençoar, em nome de Deus.

Se o Senhor for *salvando* e *tomando* imediatamente para Si, então quem irá testemunhar para os que ficarem aqui? (EM, p. 19)

A nossa *permanência* aqui na Terra é para que *manifestemos* a *vitória visível* do nosso Senhor, até a Sua *revelação*. (EM, p. 19)

Esses argumentos refletem o caráter persuasivo do autor sem que haja uma explicação lógica. Na nossa concepção de pesquisadores da língua, constituem uma falácia (cf. MATTHEW, 2008). Segundo Garcia (1988, p. 374), o excerto constitui uma falácia porque “houve apenas inferência, dedução pelo raciocínio, a partir de indícios e não de fatos”. Para Perelman (1996, p. 219), os argumentos ora apresentados configuram-se como “quase-lógicos”, pois, partindo de um “esquema formal que serve de molde à construção do argumento”, com vistas a inserir os dados nesse esquema e torná-los comparáveis, semelhantes, homogêneos, o autor do livro-cópus constrói uma verdade aceitável para o fiel.

Vejamos alguns trechos do livro-cópus em que essa característica se mostra para o leitor crítico e autônomo, que detém os conhecimentos acerca da elaboração dos argumentos para a defesa de uma tese, com bases linguístico-cognitivas:

TRECHOS DO LIVRO-CÓPUS	COMENTÁRIOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA FALÁCIA
<i>Nós temos a responsabilidade de testemunhar</i> , na nossa própria vida, a vitória da ressurreição do nosso Senhor! (EM, p. 19)	Para <i>testemunhar</i> algo é preciso estar presente no momento em que o fato ocorreu. Como a suposta ressurreição aconteceu há dois mil anos, não há como garantir testemunho.
<i>Temos a obrigação e o dever</i> de permitir que o Espírito do Senhor Jesus manifeste a fragrância do Seu conhecimento através de nós! Quer dizer que os incrédulos precisam tomar conhecimento do Senhor Jesus por intermédio do comportamento dos Seus seguidores! (EM, p. 19)	As regras de comportamento dos <i>seguidores</i> de Jesus foram estabelecidas ao longo dos séculos, inclusive, a partir de muitos textos do Antigo Testamento, livro em que sua doutrina era baseada.
E aí está o triunfo ao qual o Deus Pai nos conduz, através do Seu Filho, pelo Seu Santo Espírito: o poder de sermos <i>testemunhas</i> vivas do Senhor Jesus! (EM, p. 19)	

O que podemos testemunhar? Ao que parece, o testemunho da presença de Jesus se faz por meio das obras, ou seja, amor, bondade, caridade etc., que também podem ser encontradas em diversas religiões, inclusive nas não-cristãs. Além disso, a questão da fé é fundamental para a elaboração de argumentos que se baseiam puramente na crença de que algo é verdadeiro ou, pelo menos, verossímil.

Observemos o quadro a seguir:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRPUS	COMENTÁRIOS
É pela <i>fé</i> no Senhor Jesus que somos justificados! É o Seu <i>sangue que nos purifica</i> de todo o pecado, e não o <i>amor!</i> (EM, p. 19-20)	A <i>fé</i> não implica necessariamente seguir as regras que justifiquem o fiel; e o <i>sangue</i> é tomado como símbolo do sacrifício de Jesus e não como elemento de purificação, que é representado pela água. As referências, nesse excerto, são tidas como signos desorientadores para a leitura.
O que o apóstolo Pedro está dizendo é que o intenso amor que temos para com as outras pessoas é o que faz com que elas conheçam o Senhor Jesus e sejam <i>salvas!</i> (EM, p. 20)	Nesse excerto, defende-se a ideia de que o amor só é praticado pelos cristãos, já que o autor associa-o com a salvação promovida por Jesus.
O nosso Senhor e <i>Salvador</i> vem! Ele mesmo prometeu aos Seus discípulos: [...] (EM, p. 20)	A salvação prometida pode estar relacionada com a libertação do povo judeu, oprimido pelo Império Romano.
[...] naquela oportunidade Ele não veio para julgar, mas para <i>salvar</i> . E depois de três dias separado do Seu Pai e do Espírito Santo, o Senhor Jesus Cristo ressuscitou! Por três dias, pela primeira vez em toda a eternidade, o Filho ficou fora da Santíssima Trindade! (EM, p. 20)	Aqui há um indício de argumento falacioso, já que a concepção de Trindade está atrelada à ideia de tricotomia. Se a Santíssima Trindade são três pessoas em uma só, como ele as pode ter separado?
Depois que ele <i>solucionou definitivamente</i> , na cruz do Calvário, a questão da <i>culpa da humanidade</i> , agora, nos fins dos tempos, é resolvida a questão do poder. (EM, p. 20)	Ao solucionar <i>definitivamente a culpa da humanidade</i> , pressupõe-se a ideia de eliminação, ou expiação, dos pecados. O que nos levaria a crer que não há mais necessidade de nos preocuparmos com isso. Mas, aqui, o problema está na relação da <i>culpa</i> com o

	<p>poder. Cabe ressaltar que havia um antigo ritual da tradição judaica em que os sacerdotes levavam ao templo de Jerusalém dois bodes: um para ser degolado em sacrifício, e outro para servir como “bode expiatório” para a purificação dos pecados. Ao que parece, essa prática deve ter originado a ideia do sacrifício de Jesus no Calvário: o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo.</p>
--	---

Em outro trecho do livro-cópus, o pastor da IURD defende a ideia de que tudo se resolve a partir do momento em que o indivíduo aceita a conversão ao cristianismo:

Para aqueles que têm crido n’Ele e andado de acordo com a sua Palavra, é maravilhoso saber que, pela fé, ambas as questões já foram resolvidas. (EM, p. 21)

Ao afirmar que só está “salvo” aquele que crê e anda de acordo com a *Sua Palavra*, o autor do livro-cópus descarta qualquer possibilidade de salvação para outras culturas não-cristãs. Se as questões *já foram resolvidas*, o que nos cabe fazer? A resposta a essa pergunta remete à própria interdiscursividade do texto religioso.

Outros elementos icônico-indiciais são explorados pelo pastor-autor, quando afirma que o sangue derramado por Jesus, na Cruz, é elemento purificador. Observemos a relação entre os itens lexicais de sentido concreto (sangue) e abstrato (pecado), nos seguintes excertos:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRPU	COMENTÁRIOS
<p>Sim, pois <i>o Senhor Jesus já nos purificou e nos redimiu de toda a culpa do pecado</i>, pelo Seu sangue, e também nos redimiu do poder do pecado, conforme está escrito e determinado: “Porque o pecado não terá domínio sobre vós...” (Romanos 6.14) (EM, p. 21)</p>	<p>Nesse excerto, o autor reforça a tese de que o indivíduo está redimido das suas falhas por ter abraçado a fé cristã, utilizando-se novamente da simbologia da purificação pelo sangue.</p>
<p>É verdade que ainda <i>não estamos livres da presença do pecado em nós</i>, como diz o autor do livro aos judeus convertidos: “... desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e</p>	<p>Aqui, há um contra-senso em relação ao trecho anterior, já que o autor garante que a remissão dos pecados está atrelada à aceitação de Jesus como o salvador e, por meio do seu sangue, o indivíduo está livre do</p>

Consumador da fé, Jesus...” (Hebreus 12.1,2) (EM, p. 21)	pecado.
--	---------

O segundo excerto desse quadro contradiz o excerto anterior, ou não quer deixar claro que não há mais necessidade de sacrifícios. Note-se que os textos citados pelo autor integram as cartas de Paulo enviadas a comunidades distintas, com a intenção de fortalecer a fé. Isso mostra o quanto as primeiras comunidades viviam conturbadas pelas diversas manifestações ideológicas, internas e externas, como as doutrinas gnósticas, não-cristãs e pagãs, por exemplo.

3.6 – A combinação dos campos semânticos em quatro isotopias

Os sete campos semânticos propostos por nós, com base no livro-cópus, foram sintetizados em quatro grandes isotopias: a igreja; o mal; o poder; e a guerra. Essa síntese foi orientada pelas quatro subdivisões do livro do *Apocalipse de João* feitas por Macedo.

A Igreja estaria no centro das atenções, servindo como o grande pilar que faz a ligação da humanidade com a divindade. A primeira tarefa a que o autor se propõe é descrever as igrejas em suas diversas fases, culminando com a igreja atual, fragmentada e desviada do caminho inicial.

O grande vilão de toda a história é o *mal* que assola a humanidade, ora personificado como diabo, demônio, satanás etc., ora reificado – um conceito abstrato transformado em coisas concretas – como as doenças, catástrofes etc., já analisadas anteriormente.

Segundo o autor do livro-cópus, somente por meio da *igreja*, é possível vencer o *mal* e suas ações sobre a humanidade. Essa *igreja* funcionaria como um “porto seguro”, um abrigo contra as forças do mal e, ao mesmo tempo, a única instituição na terra capaz de conduzir a Deus.

Para isso, é preciso adquirir o *poder* que vem de Deus e esse poder só é dado àqueles que seguem sua doutrina e se associam à sua Igreja. O que nos torna capazes de combater as forças maléficas e, revestidos do poder dado por Deus, vencer a *guerra* contra o inimigo.

A *guerra* que a humanidade deve travar contra o *mal* é constante e só terá fim nos

últimos dias, quando então a humanidade poderá viver em paz. Mas, até lá, as lutas serão incansáveis, segundo a ótica neopentecostal.

3.7 – Os comentários do autor

A expressão “o Princípio e o Fim”, que não consta do original grego, mas cujo conteúdo confere com o sentido, foi acrescentada a este versículo por alguns tradutores, por considerarem que *as pessoas menos escolarizadas poderiam não compreender o significado de “o Alfa e Ômega”*. (EM, p. 22)

Aqui fica clara a manipulação dos tradutores em relação ao texto bíblico. Isso é visto com naturalidade pelo autor do livro-cópus, que entende como ponto positivo para a leitura. Mas, é pouco provável que Jesus realmente tenha dito dessa forma, já que não há evidências de que era letrado e, até porque, a expressão refere-se ao alfabeto grego e não ao hebraico.

Como diz Ehrman (2006), um texto modificado não pode mais ser considerado ‘inspiração divina’. Nesse sentido, poderíamos considerar os textos bíblicos aos quais se tem acesso como uma leitura dos textos originais – que teriam sido inspirados pela divindade – feita pelos copistas que os reproduziram e efetuaram alterações. Sendo assim, esses textos alterados perderiam o caráter de fidedignidade, bem como a garantia da autoria. Além disso, o fato de terem sido traduzidos também contribuiria para a manipulação dos sentidos.

Outros comentários de Edir Macedo, acerca da importância do texto bíblico, podem ser observados no seguinte excerto:

O Senhor Jesus já existia antes de todas as coisas, pois *tudo foi criado por meio d’Ele e para Ele*, conforme diz o apóstolo Paulo: [...] (EM, p. 23)

Após ter conhecido o Senhor como Ele realmente é, o *apóstolo* João se identifica para todos os demais seguidores do Senhor Jesus como “... irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança...” (Apocalipse 1.9) (EM, p. 24)

Em nenhum momento, no texto, esse João afirma ser o mesmo que escreveu um dos quatro Evangelhos.

Ele não se dirige à Igreja como *apóstolo*, conforme fizeram Paulo e Pedro. Depois de ter recebido a grande revelação, humildemente ele se equipara aos demais *servos*, considerandos como *irmãos* e *companheiros*. (EM, p. 24)

É provável que ele não se identifique como apóstolo por não ter sido um deles (cf. EHRMAN, 2008, p. 29), para se resguardar ou por que essa denominação ainda não tinha sido aplicada.

“...na tribulação...” – significa dizer que todo filho de Deus precisa entrar no Seu Reino através de muitas tribulações. Aliás, são elas que *separam os que são de Deus daqueles que não são*. Os nascidos de Deus vencem todas as tribulações, mas os que não são nascidos d’Ele não. (grifo nosso) (EM, p. 24)

É o mesmo que dizer que só é possível entrar no Reino de Deus com muito sacrifício – o homem foi criado para sofrer.

São os ventos das tribulações que separam a palha do trigo. Para entender bem o que isso significa é preciso voltar aos tempos do Antigo Testamento. (EM, p. 24)

Aqui, o autor usa de argumentos para justificar a necessidade do sacrifício e da perseverança (ou intransigência).

No quadro a seguir, podemos observar, a partir dos excertos, que uma das principais preocupações do bispo Macedo é garantir que o que está sendo declarado no livro-cópus, combinado com a referências feitas à Bíblia Sagrada, são verdades inquestionáveis:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRPUS	COMENTÁRIOS
<i>Verdade</i> é que toda a tribulação por que nós cristãos temos de passar não deixa de ser apenas uma pequena brisa, em comparação àquilo que está reservado para nós, conforme está escrito: “...Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.” (1 Coríntios 2.9). (EM, p. 25)	A tão proclamada <i>verdade</i> da doutrina cristã apresenta-se eivada de mistérios, como explicita o trecho extraído da epístola aos cristãos de Corinto.
“...no reino...” – todo aquele que <i>nasce de novo, pela água e pelo Espírito Santo</i> , é portador do Reino de Deus. O Senhor Jesus mesmo disse: “...Porque o reino de Deus está dentro de vós.” (Lucas 17.21). (grifo nosso) (EM, p. 25)	Aqui, existe uma referência ao mito do renascimento por meio de ritual de iniciação, presente em diversas culturas.

Ao afirmar que o fiel *nasce de novo, pela água e pelo Espírito Santo* (= batismo), o texto faz referência ao costume judaico de se banhar, como meio de purificação. A cidade de Jerusalém mantinha várias piscinas, que eram usadas durante os rituais de purificação. Inclusive, algumas delas eram consideradas milagrosas.

E continuando por essa trilha:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRPUS	COMENTÁRIOS
Este Reino é espiritual, e só fazem parte dele aqueles que foram <i>lavados no sangue do Cordeiro</i> . Não se pode entrar nele à base de dinheiro, amizade, “pistolão” ou qualquer outra alternativa humana. (EM, p. 25)	Nesse trecho, o autor do livro-cópus procura afastar o leitor da possibilidade de um entendimento do sentido denotativo da palavra Reino. E, novamente, o <i>sangue</i> é tomado como símbolo da purificação pelo sacrifício.
“...e na perseverança, em Jesus...” – a perseverança da fé no Senhor Jesus não é uma opção, mas uma <i>condição para se herdar a vida eterna</i> . (grifo nosso) (EM, p. 26)	Aqui, impõe-se a crença em Jesus como uma condição para se ter direito à vida eterna. Ou seja, os judeus, por exemplo, não teriam esse direito, por esse raciocínio.
Quem for mais perseverante é que vencerá. E <i>a verdade é</i> que somente o nascido de Deus é perseverante! Os fracos desanimam e os covardes fogem. Só mesmo aqueles que nasceram de Deus, que tiveram um encontro pessoal com o Senhor Jesus, perseveraram e prevalecem! (EM, p. 26)	Convencimento por meio do estímulo à auto-confiança.

Pela ótica apresentada nos últimos excertos, quem não é cristão não tem direito à vida eterna.

Vejamos mais algumas das afirmações do texto-cópus, seguidas dos comentários acerca das inferências possíveis que o leitor crítico pode fazer em relação ao texto:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRPUS	COMENTÁRIOS
Deus nunca permite que sejamos presos em nossa própria “Ilha de Patmos” por acaso. Sempre que somos levados a circunstâncias difíceis – como prisões, perseguições, humilhações, injustiças e tudo o mais – é porque Ele quer falar conosco; quer nos revelar algo muito importante para a Sua Obra e para nós mesmos. (EM, p. 26)	Esses trechos aludem à prisão do Bispo Macedo, fazendo uma analogia com a prisão do apóstolo João.
Todos os homens de Deus do passado só receberam as revelações d’Ele quando estavam em apuros de prisões, perseguições e injustiças. Aconteceu com Pedro, Paulo e muitos mais. (EM, p. 26)	

É curioso notar que o relato diz que João foi confinado na Ilha de Patmos e não morto, como outros apóstolos, a exemplo de Pedro e Paulo. Esse detalhe pode ser interpretado como uma provável relação entre o João do *Apocalipse* e o Império Romano, na condição de cidadão.

As maiores revelações de Deus acontecem mediante as *maiores provações* da fé. Creio que o Senhor nunca fala conosco enquanto as coisas vão bem. Em tempo de paz é muito difícil termos ouvidos para ouvirmos a voz do Espírito Santo. (EM, p. 26)

A prática descrita no excerto anterior deixa claro que as pessoas costumam procurar a religião quando se encontram em dificuldades, precisando de um alento, por problemas de saúde, pessoal, financeiro etc.

João não foi exilado naquela ilha por ter roubado, matado ou cometido qualquer crime contra aquela sociedade, mas porque *anunciava a Palavra de Deus* e testemunhava da ressurreição do Senhor Jesus. (EM, p. 27)

Para o Império Romano, isso era visto como uma atitude subversiva, conspiratória. E, continuando a fazer nossas inferências, chegamos a outras leituras possíveis, como as que comentamos no quadro a seguir:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRPUS	COMENTÁRIOS
Aliás, este continua sendo o motivo pelo qual os homens de Deus são levados às <i>prisões</i> . É pelo bem que procuram fazer que são levados aos <i>tribunais</i> . E por quê? (EM, p. 27)	Nesses excertos, o pastor-autor procura justificar sua prisão por proclamar a Palavra de Deus, atribuindo o fato à obra do Diabo: porque <i>o mundo inteiro jaz no Maligno</i> .
Porque está escrito: “Sabemos que somos de Deus e que <i>o mundo inteiro jaz no Maligno</i> .” (1 João 5.19). Quer dizer que <i>aquele que é de Deus sempre será perseguido por aqueles que não são d’Ele</i> . (EM, p. 27)	
E como o mundo inteiro jaz no <i>Maligno</i> , então é óbvio que sempre haverá injustiças por parte daqueles que não são de Deus, para com aqueles que são. (EM, p. 27)	

O texto de João parece referir-se à perseguição dos romanos aos judeus rebeldes – os cristãos – o que não tem relação com a situação atual. E o *Maligno* seria o Império Romano,

que dominava a maior parte do mundo conhecido.

Todo cristão tem de passar pelo crivo da *perseguição*. É impossível ser um *verdadeiro* cristão e não ser provado pela *perseguição*. Ela começa primeiramente dentro da própria casa. Depois, estende-se pela vizinhança, amigos do trabalho e da escola. (EM, p. 27)

Aqui, o autor tenta associar a perseguição promovida pelo Império Romano aos primeiros cristãos a uma suposta perseguição promovida, hodiernamente, pelos não-cristãos. A nosso ver, trata-se de um índice às avessas, pois a perseguição de hoje é feita pelos neopentecostais que perseguem as demais religiões e crenças, inclusive a própria Igreja Católica.

Fazendo algumas correlações entre o texto-cópus e os conhecimentos adquiridos ao longo dos nossos estudos, podemos chegar a algumas conclusões, as quais apresentamos no quadro a seguir:

TRECHOS DO LIVRO-CÓRPUS	COMENTÁRIOS
Aconteceu o mesmo com <i>Moisés</i> , quando, no deserto, fugido do Egito, pastoreando as ovelhas do seu sobre, subitamente teve o seu encontro com Deus, no Monte Sinai. (EM, p. 28)	Segundo historiadores, <i>Moisés</i> é uma figura lendária, sem registro histórico.
Também ocorreu com Elias, quando <i>desesperado fugiu</i> de Jezabel, mulher do rei Acabe, e se escondeu em uma caverna. Ali Deus lhe falou o que devia fazer. E agora é a vez do apóstolo João, que em meio à provação é conduzido em espírito ao dia do Senhor! (EM, p. 28)	Aqui existe uma contradição, se Elias tinha tantos poderes sobrenaturais dados por Deus, ele não precisaria ter fugido de Jezabel.
<i>A verdade é</i> que a revelação que João teve nesse dia foi do grande e terrível dia dos juízos do Senhor, ou o dia da Grande Tribulação. (EM, p. 28)	A condição de <i>verdade</i> é fabricada pelo autor do livro-cópus, como estratégia de persuasão, partindo do senso comum de que o livro do <i>Apocalipse</i> de João narra os últimos dias que antecederão a volta de Jesus.
Creemos que essa voz veio por trás de João a fim de neutralizar qualquer outra voz, inclusive a da sua própria <i>consciência</i> . (EM, p. 28)	A negação da lógica e da racionalidade, representada pela <i>consciência</i> , é uma das prerrogativas do discurso religioso.

A *consciência* pode também ser entendida, nesse caso, como a própria voz da razão neutralizada pela voz da emoção.

Voltando ao versículo, em seguida o apóstolo diz: “...grande voz, como de trombeta,” (Apocalipse 1.10). É muito importante notarmos as palavras “como” e “semelhante”. Elas aparecem muitas vezes no livro do Apocalipse e indicam *apenas uma comparação, e não uma identificação*. (EM, p. 29)

Cabe lembrar que essa explicação está fundamentada no texto traduzido, e não no original, o que marca o aspecto doutrinário do excerto.

Acontece que João não tinha palavras para exprimir exatamente aquilo que via. Por isso teve que apelar para as *comparações*. A grande voz que ele ouviu, por exemplo, não era exatamente uma trombeta, mas *como* de trombeta. (EM, p. 29)

A figura de estilo usada pelo tradutor é conhecida como *símile* – figura comparativa em que um dos elementos da comparação não aparece e que, no caso, é o som emitido pela trombeta. A comparação é um recurso retórico bastante explorado nos textos persuasivos (cf. ARISTÓTELES, 2005, p. 252)

Significa que a trombeta celestial não é exatamente igual à trombeta feita do chifre de carneiro, usada pelo povo de Israel naquela época. (EM, p. 30)

Aqui se mostra um exemplo da interdiscursividade do cristianismo em relação ao judaísmo. Os essênios adotavam algumas tradições judaicas e ignoravam outras. As que eram adotadas apareciam nos textos que, mais tarde, vieram a fazer parte do discurso cristão. Uma delas é a fidelidade à lei mosaica.

O livro do Apocalipse é dirigido às sete igrejas da Ásia. (EM, p. 30)

Aqui se mostra um dos principais objetivos do texto bíblico, na visão neopentecostal.

O Apocalipse é dirigido a estas igrejas, como uma *advertência* pessoal do Senhor Jesus. (EM, p. 30)

O livro do *Apocalipse* de João pode ser entendido como uma *advertência*, mas também como uma forma de manter a unificação do pensamento judaico-cristão. Por outro lado, ainda pode ser visto como uma exortação conspiratória, incitando a revolta pela libertação dos judeus do jugo romano, em nome do Senhor Jesus, ou mesmo, de João, ante o enfraquecimento da fé.

Obviamente a visão que João tem do Senhor Jesus, na Ilha de Patmos, não é a mesma que nos dá no seu Evangelho. O Senhor Jesus glorificado não tem a mesma aparência do Jesus, Filho do Homem. (EM, p. 30)

Provavelmente, por não se tratarem da mesma pessoa: um João Evangelista e um João

do *Apocalipse*.

Significa que ninguém é capaz de ver o Senhor Jesus em glória a não ser *através da Sua Igreja*. (EM, p. 31)

Esta *Igreja* citada por João não tinha o mesmo sentido que foi dada pelo autor do livro-cópus, pois, naquela época, igreja significava “comunidade”, “grupo de pessoas com interesses comuns”.

[...] para que as pessoas possam ter acesso à glória do Senhor Jesus, isto é, à sua salvação eterna, precisam ver esta mesma glória na Sua Igreja. Daí a responsabilidade daqueles que fazem parte dela, especialmente os seus dirigentes! (EM, p. 31)

Na visão do autor, só se chega a Deus por meio da Igreja – IURD. Isso cai em contradição com o texto bíblico que, em diversos momentos do Novo Testamento, afirma que a igreja está dentro de nós.

Quando uma pessoa, desiludida por todo o engano do mundo, deseja ter um *encontro* com Deus, aonde é que ela se dirige primeiro? A uma *igreja cristã*! Por quê? Porque ela crê que ali o Senhor Jesus está *presente*! (EM, p. 31)

As palavras *encontro*, *igreja cristã* e *presente*, sugerem que Deus só é encontrado na Igreja que, na visão do autor do livro-cópus, é representada pela IURD, conflitando com outras passagens da Bíblia que afirmam que Deus é onipresente, ou seja, está em todo lugar.

Esta mesma mão, que outrora carregara o madeiro e nele fora encravada, agora é bendita e glorificada, e sustenta a *Sua Igreja*, representada pelas *sete igrejas*. A *espada afiada*, que sai da Sua boca, é a *Palavra de Deus*: [...] (EM, p. 34)

Nesse excerto, temos os itens lexicais *Igreja* (com maiúscula) e *sete igrejas* (com minúscula), porque, no primeiro caso, o autor do livro-cópus se refere à Instituição e, no segundo, às comunidades que ainda não tinham características institucionais. No texto bíblico, as sete igrejas correspondem às sete comunidades fundadas por Paulo, em posições estratégicas. A *espada afiada*, que é comparada à *Palavra de Deus*, indica o discurso subversivo judaico-essênio-cristão.

Portanto, diante das evidências aqui apontadas, parece-nos ser de grande importância para o pastor-autor do livro-cópus que os leitores fiéis, ou fiéis em potencial, recorram aos serviços da Igreja, como instituição, para assim atingirem o objetivo divino de salvação das forças do mal. E isso só poderia ser feito por intermédio da IURD, vista como a única capaz de conduzir a humanidade à verdadeira doutrina cristã.

4 – CONCLUSÃO

Constatamos a partir da presente pesquisa a existência de uma complexa rede de conhecimentos imbricados no processo de leitura, que podem auxiliar na produção dos sentidos, caso sejam trabalhados adequadamente, tanto em textos religiosos, que têm como característica peculiar o fato de estarem embasados em textos considerados sagrados e inspirados por Deus, quanto pelo fato de que esse modelo de análise pode ser aplicado a qualquer tipo de texto, literário ou não-literário. Além de observar a importância do estudo dos processos de semiose e da fabricação de referentes, com maior ênfase nos sentidos metafóricos.

Além disso, acreditamos também ser possível a utilização do texto religioso como mais um entre os diversos materiais textuais disponíveis, passíveis de análise semiótico-discursiva.

Quanto à interdisciplinaridade, associada aos métodos de ensino que considerem os conhecimentos prévios trazidos pelo aluno em sua bagagem cognitiva, fruto de uma prática de leitura estimulada pelo próprio professor, consideramos ser de grande importância para a formação do leitor crítico e autônomo, partindo do princípio de que o desenvolvimento de uma competência leitora e de produção textual independe de uma prática pré-determinada. Ou seja, o cruzamento entre as diversas áreas do conhecimento pode também possibilitar leituras diferenciadas das ditas “autorizadas”.

Comprovamos, ainda, que a interdisciplinaridade é uma tendência do mundo moderno, globalizado, que consegue concatenar os conhecimentos que norteiam a vida em sociedade e que, por meio da linguagem, formam canais de comunicação entre os diversos grupos.

No aspecto lógico-formal, percebemos haver certa tendência à monossemia na leitura dos textos religiosos de linha neopentecostal, característica dos discursos autoritários, por conta da não-reversibilidade de papéis. Por não haver possibilidade de questionamentos, tanto do fiel em relação ao pastor, como em relação à divindade, resta ao leitor-fiel, ou fiel em potencial, crer na veracidade das palavras do auto-intitulado “porta-voz” da divindade.

Esse “porta-voz” detém o poder sobre a leitura e a interpretação dos textos bíblicos, além do poder de manipulação dos dados extraídos desses textos, fazendo do leitor um sujeito assujeitado pelo seu discurso, em contraposição às descobertas científicas nas áreas de

arqueologia, antropologia e filosofia da linguagem.

Quanto às estratégias de persuasão, observamos que o poder de manipulação dos dados científicos terá maior eficácia no leitor desprovido de uma competência leitora que lhe dê autonomia na sua prática cotidiana. Quanto maior o número de inferências possíveis e plausíveis, maior o discernimento e a crítica em relação aos textos que se lhes apresentem.

Outro fator importante que pudemos observar nesse trabalho refere-se à aplicabilidade da Teoria da Iconicidade Verbal na compreensão do processamento das informações e, em especial, no levantamento dos processos de construção de verossimilhança, componente de alta relevância no discurso religioso. Essa teoria contribui ainda para a construção de estratégias de leitura alicerçadas principalmente na identificação dos campos semânticos prevalentes nos textos e que, pela observação da iconicidade verbal, o leitor pode tornar-se capaz de identificar as estratégias adotadas pelos autores dos textos, operando com signos “orientadores” ou “desorientadores”, na condução de uma interpretação conveniente aos seus propósitos, promovendo um assujeitamento do leitor à ideologia que aquele pretende difundir.

A aplicabilidade dessas estratégias semióticas na leitura, perseguindo a produção de sentido pela identificação de ícones e índices na superfície textual e identificando as âncoras textuais – signos fortes que definem as isotopias possíveis para o texto – mostra-se também eficaz para a melhoria do ensino de leitura e, por conseguinte, da produção textual.

Pudemos também observar, em referência à seleção lexical, que o estudo dos campos semânticos e das isotopias pode ser um caminho produtivo na formulação de estratégias de interpretação e construção de textos, favorecendo sobretudo seu entendimento/produção de sentidos. E, já que o principal objetivo do ensino de Língua Portuguesa é que o aluno possa ser capaz de entender e usar o sistema da língua com autonomia, tanto na modalidade oral, quanto na escrita, procuramos fazer uma abordagem condizente com essa prática, buscando as melhores metodologias de ensino que facilitem o aprendizado de leitura e produção de textos, além do desenvolvimento de habilidades para a análise crítica ao término de sua vivência escolar.

O modelo de análise proposto no presente trabalho, partindo de uma discussão sobre os dados apresentados no texto do livro-cópus, mostrou-se ser de grande utilidade, não só para a orientação da leitura crítica de um texto de cunho religioso, eleito por nós para a feitura deste trabalho, mas, sobretudo, pelo avanço que este estudo pode proporcionar na aquisição das estruturas linguísticas argumentativas, por meio da seleção lexical adequada

aos propósitos comunicativos, bem como na ampliação do repertório do leitor e das múltiplas possibilidades de inferências por ele produzidas. Como afirma Abreu (2007, p. 80),

[...] este discurso argumentativo não se prende tão somente à estrutura específica (prototípica), mas também às escolhas linguísticas que o falante faz, como por exemplo, as escolhas lexicais, a combinação deste léxico no eixo sintagmático, as marcas de referenciação do texto, propiciando a coesão interparágrafos e intraparágrafos.

Finalizando a discussão aqui proposta, gostaríamos de enfatizar a preocupação que temos com um ensino e uma aprendizagem de qualidade, voltados para a melhoria dos processos de aquisição da linguagem e de novos conhecimentos; que sejam proveitosos para o desenvolvimento intelectual dos alunos, partindo de suas experiências e conhecimentos prévios. E cremos ter podido demonstrar com este trabalho a importância da discussão didática de dados relativos à interdiscursividade emoldurados pela Teoria da Iconicidade Verbal. Dessa forma, verificamos uma possibilidade de orientação para uma leitura crítica de qualquer texto.

Nosso principal objetivo é formar leitores críticos e autônomos, que sejam capazes de efetuar sua própria leitura, coerente com o contexto e com as condições de produção dos textos. Pois entendemos que, dessa forma, não se deixariam manipular por uma dada ideologia que transforma a prática de leitura em uma mera decodificação dos termos, de forma descontextualizada. Percebemos que o estudo da iconicidade projetada sobre a camada lexical permite a exploração de isotopias aparentes ou subjacentes aos textos, favorecendo assim a ampliação do universo interpretativo provocado pela leitura semiótica. Entendemos que o leitor semiótico (ou crítico, cf. ECO¹⁶) é aquele capaz de discutir o texto e com o texto, formulando suas conclusões sem necessariamente submeter-se aos conceitos e ideologias que possam vir prescritos no texto, como em forma catequética.

Precisamos também nos preocupar com a atualização dos conhecimentos e com as relações entre as diversas disciplinas, que têm como base comunicativa o sistema linguístico. E que isso seja realizado de forma consciente e desprovida de preconceitos, seja no nível sócio-econômico, político ou religioso, na tentativa de nos tornarmos sujeitos pensantes, críticos e autônomos.

¹⁶ Cf. *Interpretação e Superinterpretação* ([1992]1993) e em *Os limites da Interpretação* ([1990]1995), põe em xeque as perspectivas da *intentio_auctoris*, da *intentio_operis* e da *intentio_lectoris*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antonio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. Cotia: Ateliê Editorial, 2006. 144 p.

ABREU, Maria Teresa Tedesco Vilardo. Considerações sobre o texto argumentativo. In: ANDRADE, Gisele Gama; RABELO, Mauro Luiz (Orgs.). *A produção de textos no ENEM: desafios e conquistas*. Brasília: UnB, 2007. p. 79-90.

AMÂNCIO, Moacir. O pacto de Abraão, raízes. *História Viva: Grandes Religiões n.º 2 - Judaísmo*. São Paulo: Duetto, 2007. p. 8-11.

AMÂNCIO, Edna. As mazelas das traduções bíblicas. *Revista Rónai*. Disponível em: <www.ronai.ufjf.br>. Acesso em: 04 fev. 2009.

AQUINO, Elmar Rosa de. *As estratégias de convencimento no discurso persuasivo da Igreja Universal do Reino de Deus*. 2007. 33 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 280 p.

ARISTÓTELES. *Organon*. Trad. Pinharanda Gomes. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2000. p. 77-140. (Coleção Os Pensadores)

_____. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005. 311 p.

AUERBACH, Eric. *Introdução aos estudos literários*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1987. 278 p.

AZEREDO, José Carlos de; CUNHA, Lúcia Déborah A. de S.; RODRIGUES, Márcia G. Monitoramento do sentido: análise de três aspectos gramaticais. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcilia (Orgs.). *Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2005. p. 178-189.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso: história e literatura*. São Paulo: Ed. Ática, 2007. 96 p. (Série Princípios: 246)

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Ed. HUCITEC, 2002. 196 p.

BARROS, Dianna Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: _____; FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 1-9.

BLIKSTEIN, Izidoro. Intertextualidade e polifonia. In: BARROS, Dianna L. P.; FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 45-48.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Trad. Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. As unidades de análise da psicologia e sua interpretação: interacionismo social ou interacionismo lógico? In: MACHADO, Anna Rachel; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (Orgs.). *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 25-91. (Coleção Idéias sobre Linguagem).

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. O conceito de estilística. In: _____. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977. 1-25.

CARDOSO, Silvia Helena Barbi. Linguagem, língua, fala e discurso. In: _____. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 15-59.

CARNEIRO, Marísia. Principais correntes da filosofia da linguagem no século XX. In: _____ (Org.). *Pistas e travessias I: bases para o estudo da linguagem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 127-160.

CERRILLO, Pedro C.; LARRAÑAGA, Elisa; YUBERO, Santiago. La formación de los hábitos lectores como proceso de aprendizaje. In: *Libros, lectores y mediadores*. Cuenca: Universidad de Castilla La Mancha, 2002. p. 45-59.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ed. Ática, 2005. 103 p. (Série Princípios: 17)

COUTO, Sérgio Pereira. *A incrível história da Bíblia*. São Paulo: Universo dos Livros, 2007. 112 p.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. São Paulo:

Contexto, 2004.

DUCROT, Oswald. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *História e sentido na linguagem*. São Paulo: Pontes, 1989. p. 13-38.

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2004. 322 p.

EHRMAN, Bart D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Prestígio, 2006. 248 p.

_____. *Evangelhos perdidos*. Trad. Eliziane Andrade Paiva. Rio de Janeiro: Record, 2008. 406 p.

FARIAS, Emilia Maria Peixoto; MARCUSCHI, Luís Antônio. A linguagem e o pensamento metafóricos. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; BUSSONS, Aline Freitas (Orgs.). *Faces da metáfora*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006. p. 111-130.

FARAH, Adriane Gomes. *Em nome de Jesus, eu te convenço!* 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.

FERRARI, Odêmio Antonio. *Bispo S/A - a Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007. 262 p.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1993. 87 p. (Série Princípios)

FONSECA, Arlene. *O domínio discursivo religioso: as faces do imperativo e de seus efeitos no fiel*. 2005. 326 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2005.

FURNARI, Pedro Paulo A. O contexto histórico em que viveu Jesus. *História Viva: Grandes Religiões N.º 1 – Cristianismo*. São Paulo: Duetto, 2007. p.12-15.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 14.^a ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988. 522 p.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Ed. Vozes, 1978.

_____. *Interpretação psicológica do dogma da Trindade*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Ed. Vozes, 1983. 116 p.

_____. *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1993.

KLEIMAN, Ângela. Descrevendo a leitura. In: _____. *Leitura, ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes, 1996. p. 13-35.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Referenciação. In: _____. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 51-79.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2000. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)

LEFTTEL, Ruth. Os juízes e os reis. *História Viva: Grandes Religiões n.º 2 - Judaísmo*. São Paulo: Duetto, 2007. p. 16-23.

LEONE, Alexandre. A era dos profetas. *História Viva: Grandes Religiões n.º 2 - Judaísmo*. São Paulo: Duetto, 2007. p. 28-33.

MACEDO, Edir. *Estudo do Apocalipse*. Volume único. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2007. 392 p.

MAINGUENEAU, Dominique. A leitura como enunciação. In: _____. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 31-47.

_____. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005. 189 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ed. Ática, 2004. p. 38-57.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, 2004. p. 121-138.

MATTHEW. Lógica e falácias. Trad. André Díspori Cancian. Disponível em: <www.ateus.net>. Acesso em: 31 nov. 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Um modelo interacional de leitura. In: _____. *Oficina de Lingüística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p. 137-146.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciarão. In: CAVALCANTE, Mônica M.; RODRIGUES, Bernardete B.; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciarão*. São Paulo: Contexto, 2003.

MORENO-CARVALHO, Francisco. O ressurgimento de Israel. *História Viva: Grandes Religiões 2 - Judaísmo*. São Paulo: Duetto, 2007. p. 32-35.

MUÑOZ, Rosana Acquaroni. Del texto apropiado a la apropiación del texto: el tratamiento de la comprensión lectora en la enseñanza-aprendizaje de E/LE según las principales orientaciones metodológicas. In *Carabela 48: La comprensión lectora en el aula de E/LE*, septiembre 2000. Madri: SGEL. p. 45-63.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1997.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca. Concessão e produção de textos. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; MOLLICA, Maria Cecília (Orgs.). *Espaços e interfaces da lingüística e da lingüística aplicada*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. p. 89-96. (Cadernos Didáticos/UFRJ 17)

_____. Categorias do modo argumentativo de organização do discurso e relatores. In: GÄRTNER, Eberhard *et al.*, Eds. *Estudos de lingüística textual do português*. Frankfurt, TFM, 2000. p. 173-190.

_____. Tese e argumento(s). Folha avulsa, 2007.

OLSON, David R. Lo que la escritura representa: una historia revisionista de la escritura. In _____. *El mundo sobre el papel: el impacto de la escritura y la lectura en la estructura del conocimiento*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 89-138.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O sentido dominante: a literariedade como produto da história. In: _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 124-135.

_____. Tipologia de discurso e regras conversacionais. In: _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 137-163.

_____. O discurso religioso. In: _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 214-237.

_____. *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002. 320 p.

_____ (Org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 2003. 208 p.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2005. 222 p.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2007. 100 p.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GOUVÊA, Lucia Helena Martins; RIBEIRO, Patricia Ferreira Neves. Estratégias argumentativas dos discursos sociais e suas aplicações didáticas. In: HENRIQUES, Claudio Cezar (Org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação: estudos de língua e lingüística*. Rio de Janeiro: Europa, 2003. p. 88-100.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2002. 70 p.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005. 340 p.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 581 p.

_____. *Retóricas*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 426 p.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996. 92 p. (Geografia Cultural)

SANTAELLA, Lúcia. *Produção de linguagem e ideologia*. São Paulo: Cortez, 1996. 341 p.

_____. *O que é Semiótica*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999. 85 p. (Coleção Primeiros Passos: 103)

SCHULTZE, Mary. Abraão e o dízimo... Outra vez?. Disponível em: <www.cpr.org.br>.

Acesso em: 20 jul. 2007.

SILVA, Drance Elias da. Semiótica da significação e a questão do dinheiro na prática religiosa da IURD. *Teologia e Ciências da Religião*. Ano III, n.º 3, dezembro de 2004. p. 45-72.

SILVA, Edvania Gomes da. *Os (des)encontros da fé* - análise interdiscursiva de dois movimentos da Igreja Católica. 2006. 293 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro da. *Pragmática: a ordem dêitica do discurso: as representações do EU e seus efeitos de sentido*. Rio de Janeiro: ENELIVROS, 2005. 186 p.

SILVA, Pedro. *As maiores civilizações da história*. São Paulo: Universo dos Livros, 2008. 96 p. (Coleção História Extraordinária do Mundo)

SIMÕES, Darcilia. A construção fono-semiótica dos personagens de *Desenredo* de Guimarães Rosa. *Philologus*, set-dez 1997 - p. 67-81. Disponível em: <<http://www.filologia.org>>

_____. *Semiótica e ensino: reflexões teórico-metodológicas sobre o livro-sem-legenda e a redação*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2003. (Coleção Monografias, Dissertações e Teses).

_____. Contribuições semióticas na brincadeira séria de ler. In: _____ (Org.). *Estudos semióticos: papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004. p. 9-17.

_____. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 120 p.

_____. Seleção lexical e iconicidade diagramática. Comunicação no Simpósio Leitura e Produção de Textos: Pesquisa e Ensino, 2006.

_____. Coerência, coesão e cognição em perspectiva semiótica. (Mimeo)

_____. *Iconicidade e verossimilhança*. Semiótica aplicada ao texto verbal. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. 110 p.

SOUZA, Marcelo de Barros. *Nossos pais nos contaram: nova leitura da história sagrada*. Petrópolis: Vozes, 1984. 424 p.

STRONGENSKI, Paulo Juarez Rueda. Linguagem e sujeito. Disponível em: <www.cefetpr.br/deptos/dacex/paulo.htm>. Acesso em: 14 nov. 2006.

SZKLARZ, Eduardo. Bendito ou maldito? *Aventuras na História*. São Paulo: Editora Abril, 2009. p. 30-37.

TALMY, L. Introduction. In: _____. *Toward a cognitive semantics*. Vol 1. New York: Bradford Books, 2003.

THURSTON, Robert W. A criação do Diabo. Trad. Ana Ban. *BBC História – Cristianismo*. Ano 1, Ed. N.º 5. São Paulo: Tríada, 2008. p. 32-37.

WIERZBICKA, A. Introduction. In _____. *Semantics, culture and cognition*. New York: Oxford University Press, 1992.

_____. Soul, mind and heart. In _____. *Semantics, culture and cognition*. New York: Oxford University Press, 1992.

ANEXO – Carta à Igreja em Tiatira

“Ao anjo da igreja em Tiatira escreve: Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido: Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras. Tenho, porém, contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos.

Dei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição. Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteram, caso não se arrependam das obras que ela incita. Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras.

Digo, todavia, a vós outros, os demais de Tiatira, a tantos quantos não têm essa doutrina e que não conheceram, como eles dizem, as coisas profundas de Satanás: Outra carga não jogarei sobre vós; tão-somente conservai o que tendes, até que eu venha.

Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro; assim como também eu recebi de meu Pai, dar-lhe-hei ainda a estrela da manhã. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.”

Apocalipse 2. 18-29

Tiatira era uma pequena cidade da Ásia Menor, na atual Turquia. Era rica, conhecida como um centro comercial e se localizava em um vale fértil, por onde passava o Rio Lico. Além disso, era famosa pelos seus excelentes artífices.

Tiatira permanece até hoje com o nome de Akhisar, que significa “a cidade branca”, devido às muitas pedreiras de mármore que brilham das montanhas próximas. Na década de 30, Akhisar adquiriu má fama, devido ao seu comércio de ópio.

A carta ao anjo da igreja em Tiatira é a mais extensa. Ao que tudo indica, esta igreja tinha um trabalho evangelístico intenso e saudável.

Mesmo antes de a igreja ser fundada ali, Lucas, o médico, diz que havia uma mulher chamada Lídia, vendedora de púrpura, dessa cidade, que era temente a Deus. Ela e a sua família tinham se convertido durante a segunda viagem missionária de Paulo à cidade de Filipos.

A igreja em Tiatira, que provavelmente começou com o testemunho de Lídia, possui as seguintes características:

- 1) Obras.
- 2) Amor.

- 3) Fé.
- 4) Serviço.
- 5) Perseverança.
- 6) Últimas obras mais numerosas que as primeiras.
- 7) Tolerância com Jezabel, que ensinava e seduzia os servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos.

Vejamos por parte o que o apóstolo João registrou: “... *Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido.*” (Apocalipse 2.18). Esta forma singular de expressão não deixa dúvidas quanto à Pessoa que Se dirige ao anjo da igreja em Tiatira: o Senhor Jesus Cristo glorificado!

E convém notar que ainda que a presença do Senhor Jesus não seja física, é tão real como se o fosse, pois os olhos como chama de fogo fazem revelar tudo o que está escondido.

Este olhar, como chama de fogo, ilumina até o mais profundo da alma, sendo capaz de trazer à baila os pensamentos e as intenções mais ocultas do coração, de maneira que nada, absolutamente, pode Lhe escapar.

O cristão pode até arranjar um milhão de razões para se justificar, e, assim, tentar esconder a verdadeira intenção da sua alma, mas nada pode ser camuflado diante dos olhos do Filho de Deus.

E da mesma forma que os olhos como chama de fogo revelam tudo, também os Seus pés, semelhantes ao bronze polido, esmiúçam todo e qualquer pecado, por mais insignificante que pareça ser.

Nada entristece e ofende mais ao Senhor, que lutou por nós no Calvário, a fim de nos comprar por um preço tão elevado, do que ver que o pecado continua tendo domínio na nossa vida, apesar da Sua vitória.

De fato, como está escrito e determinado, “*Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.*” (Romanos 6.14).

Isto precisa ser assumido com toda a fé do coração. Se deixarmos o pecado, por menor que seja, dominar ou mesmo influenciar o nosso caráter, então de que adiantam as obras, o amor, a fé e a perseverança?

O vencedor não é aquele que conquista uma cidade, mas aquele que vence, a cada momento, o pecado que tenazmente o assedia!

O Senhor Jesus reconhece que a igreja em Tiatira apresentava uma série de coisas que Lhe agradavam, tais como obras; amor; fé; serviço; perseverança; as últimas obras mais numerosas que as primeiras. Mas o grande erro era tolerar Jezabel em seu meio.

É justamente aqui que se revela que uma intensa atividade pode também esconder um grande pecado! Ainda que muitos servos pensem que as suas boas obras possam justificar pecados escondidos, aqui o Senhor considera essa situação e a repudia.

O pecado nunca pode ser justificado, perdoado ou mesmo encoberto por boas obras, por mais lindas e importantes que sejam! Mas, infelizmente, isto é o que muitos têm tentado fazer dentro da Igreja do nosso Senhor.

Tais pessoas têm se dedicado intensamente à Obra de Deus, tentando levar a salvação aos outros, esquecendo de cuidarem de si mesmas.

E por apresentarem tanta dedicação, pensam que o fato de fazerem algo para Deus torna-as superiores às demais, e, conseqüentemente, merecem alguma coisa a mais.

E é por aí que o orgulho entra no coração de muitos que se dizem servos, fazendo-os acreditarem no seu próprio valor e que são senhores de si mesmos.

Mas quem pode ser essa mulher, Jezabel? Seria literalmente uma mulher profetisa, que aos mesmo tempo em que ensinava também seduzia os homens de Deus, para que praticassem a prostituição e comessem coisas sacrificadas aos ídolos?

Ora, é muitíssimo improvável que aqueles que tinham obras como amor, fé e perseverança pudessem se deixar levar por pecados tão grotescos e abomináveis como esses. Até porque aqueles que são nascidos de Deus normalmente têm tido o maior cuidado com esses tipos de pecados.

Não, não cremos que Jezabel possa ser literalmente uma mulher, mas sim que representa uma situação, um sistema, uma doutrina ou mesmo uma conduta diabólicas dentro da igreja, capaz de colocar em risco todo o seu trabalho espiritual.

No Apocalipse aparece quatro vezes a representação simbólica e profética de uma mulher, tanto no sentido positivo quanto no negativo. No sentido positivo, temos:

“Alegramo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro,

cuja esposa a si mesma já ataviou,”

Apocalipse 19.7

“Então, veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro;”

Apocalipse 21.9

É a própria Igreja do Senhor Jesus. Vemos também: *“Viu-se grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça,”* (Apocalipse 12.1)

É Israel em seu significado, no plano de salvação; o remanescente, que é salvo através da Grande Tribulação. A representação simbolicamente negativa é:

“Veio um dos sete anjos que têm as sete taças e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei o julgamento da grande meretriz que se acha sentada sobre muitas águas, com quem se prostituíram os reis da terra; e, com o vinho de sua devassidão, foi que se embebedaram os que habitam na terra.

Transportou-me o anjo, em espírito, a um deserto e vi uma mulher montada numa besta escarlate, besta repleta de nomes de blasfêmia, com sete cabeças e dez chifres. Achava-se a mulher vestida de púrpura e de escarlate, adornado de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo na mão um cálice de ouro transbordante de abominações e com as imundícias da sua prostituição.”

Apocalipse 17.1-4

Creemos que “a grande meretriz” é uma figura da apóstata Igreja desses últimos tempos, comprometida com o ecumenismo, prostituída com a política, fazendo alianças e se contaminando cada vez mais com os que têm poder econômico ou político.

Ora, não seria isso um envolvimento maior com a razão do que com a fé? As vantagens que o mundo oferece para a Igreja, que vive pela fé, de repente são uma armadilha “jezabélica”.

Sim, porque ao mesmo tempo em que a Igreja se agarra às facilidades oferecidas, deixa de depender de Deus. Assim sendo, a fé, a esperança e o amor passam a ficar em segundo plano.

A Igreja fica sujeita à esperteza dos compromissos mundanos, corrompendo os princípios morais e espirituais dos servos que a compõem.

E não será isso Jezabel induzindo os servos de deus à prostituição espiritual e a comer das iguarias dos governantes deste mundo?

Quando o Senhor Jesus faz referência a Jezabel, é para que consideremos a história da vida dela em relação a Israel, e, a partir daí, possamos ter uma idéia do perigo que ela

representa, não somente para a Igreja em si, mas para cada cristão.

Jezabel havia sido criada em Tiro, uma cidade portuária fenícia. Seu pai, Etbaal, era rei e fazia sacrifícios a Baal. Era também sacerdote de Astarote, considerada deusa da fertilidade e da guerra (Juízes 10.6; I Reis 11.5). No tempo do profeta Jeremias, muitas mulheres de Judá adoravam Astarote com o nome de “Rainha dos Céus”.

Os fenícios eram um povo navegador, que negociava madeiras nobres, ouro e pedras preciosas. Habitavam em diversas cidades, às margens do Mar Mediterrâneo. Através do seu casamento com Jezabel, o rei Acabe esperava ter assegurado, para o seu reinado, a amizade da maior potência comercial na época.

Essa aliança, do ponto de vista político, parecia perfeita. Em vez de buscar alicerçar o povo de Israel com os princípios da sua fé no Deus dos seus pais, e assim consolidar o seu reinado. Acabe se aliou aos inimigos de Deus!

Ele procurou ardentemente se fortalecer, mais do que o próprio reino de Judá. Agiu pela razão e pela astúcia, à semelhança de muitos que, querendo alcançar os seus objetivos econômicos, casam-se, ou fazem alianças até mesmo com o diabo.

A verdade é que a semente se multiplica da forma como ela é: se é ruim, produzirá frutos ruins também. A união com Jezabel foi fatídica não apenas para Acabe, mas para todo o povo de Israel.

Por indução da sua mulher, idólatra, Acabe construiu uma casa para Baal, edificou-lhe um altar e o adorou. Levantou ainda um poste-ídolo, réplica do membro masculino, como símbolo da fertilização, promovendo assim mais abominações entre o povo de Israel, provocando a ira do Senhor.

E como se não bastasse, Jezabel se tornou perseguidora implacável daqueles que serviam a Deus, inclusive levando muitos deles à morte. Por causa disso, a palavra dos profetas em Israel foi silenciada.

Na verdade, quando a palavra profética, que incita à santificação, é silenciada na Igreja, por qualquer motivo, deixa espaço para outra palavra, que não é de Deus.

É por isso que muitas igrejas, que outrora foram tão usadas pelo Espírito Santo, hoje mais parecem necrotérios. O mesmo acontece com muitos cristãos que substituíram a direção da Palavra do Espírito de Deus pela direção da palavra do espírito deste mundo.

E é aí que Jezabel entra! O nome Jezabel também significa “a pura”, mas é pura somente na aparência, pois esta é justamente a sua doutrina: produzir um abismo entre a posição e a situação real, em Cristo.

A posição em Cristo é aquela em que a pessoa crê porque está escrito. Por exemplo, ela confessa que é lavada pelo sangue de Cristo, mas a situação dela permanece pura? Vejamos:

A pessoa crê, mas está escrito: *“E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.”* (2 Coríntios 5.7).

Será que as coisas antigas já passaram mesmo? Ou será que na pessoa ainda permanece a mesma criatura antiga, com gênio insuportável? Daí se chega à conclusão que a posição que ela assume é uma, e a sua situação verdadeira é outra.

Quando fazemos um abismo entre posição e situação, confessando uma coisa e vivendo outra, é porque a sombra de Jezabel está atuando no nosso ser. Isto está ocorrendo na Igreja do nosso Senhor, pois a doutrina de Jezabel está sendo praticada:

“Tendo, porém, contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos.”

Apocalipse 2.20

O espírito de Jezabel muitas vezes consegue inspirar e seduzir os servos não vigilantes a comerem coisas sacrificadas aos ídolos, ou seja, sentarem-se à mesa em comunhão com aqueles que não têm nada com o Senhor.

Nem sempre o pecado da Igreja consiste em um ato contra o Senhor Jesus, mas na tolerância passiva com o inimigo. Tolerar significa concordar, e é isto que a Igreja moderna tem abraçado nesses últimos tempos.

Quase ninguém ousa denunciar as falsas doutrinas, pois muitos não querem ficar isolados, serem rotulados de seitas e viverem na dependência exclusiva da fé em Deus.

Preferem tolerar Jezabel, em nome da paz com todos, que resistir às suas doutrinas. Mas não foi isso que o nosso Senhor ensinou! Ele disse:

“Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa.”

Mateus 10.34-36

Aqueles que toleram as profecias de Jezabel, por temerem o conflito com o sistema

político-religioso deste mundo, isto é, com as trevas, não suportarão as provações por que terão de passar! Se são covardes diante das falsas doutrinas, imagine quando tiverem de passar pela Grande Tribulação!

A prostituição espiritual é tão grave quando a física, e significa infidelidade para com o Senhor, que diz: *“Dei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição.”* (Apocalipse 2.21).

Quando o povo de Israel estava a caminho da Terra Prometida, quando surgia a suspeita de que alguém estava leproso, o sacerdote o observava bem e, então, determinava que ficasse sete dias isolado.

Se após os sete dias a sua situação física continuasse incerta, era isolado por mais sete dias. No caso de ser constatada mesmo a lepra, a pessoa era considerada imunda e expulsa da comunidade. Aplicado a Jezabel, significa que ela recebeu um prazo para se arrepender, mas não o fez. Por isso, a sentença é:

“Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteraram, caso não se arrependam das obras que ela incita. Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras.”

Apocalipse 2.22,23

Muitas pessoas que têm confessado a fé cristã vivem em uma verdadeira penúria de vida, com o casamento arruinado, a saúde abalada, a ruína financeira, os filhos enfermos, etc.

A verdade é que sempre há demônios operando por detrás disso. Entretanto, eles não poderiam fazê-lo se não houvesse a permissão de Deus. Nada acontece por acaso. Sempre há um motivo, ou uma causa, por detrás de um efeito.

Tem acontecido de pessoas assim dizerem que não há nada de errado com elas, e questionarem onde estaria o seu pecado. E na verdade há uma grande influência do espírito de Jezabel no coração delas.

Isso pode se traduzir em intenções impuras, orgulho e pensamentos malignos para com um irmão, por exemplo. Enfim, o espírito de prostituição espiritual está sempre ativo na vida delas.

Qualquer que seja o motivo pelo qual alguém tem algo contra outra pessoa, especialmente contra um irmão, é contra o próprio Senhor Jesus. E ele mesmo determina um juízo contra Jezabel, permitindo-lhe uma humilhação, através de enfermidade e de grande tribulação.

Nada é mais humilhante para o ser humano que um leito de dor. E o Senhor permite isso a Jezabel para lhe dar condições de arrependimento, porque Ele Se mantém fiel ao Seu amor para com ela, como está escrito:

“e estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco: Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele é reprovado; porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe.

É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige? Mas, se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos.”

Hebreus 12.5-8

Quando o Senhor diz *“Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações...”* (Apocalipse 2.23), significa que o envolvimento de prostituição da igreja com Jezabel fez gerar filhos.

Mas estes filhos têm estado mortos nos seus delitos e pecados. E não é isso o que tem acontecido com os filhos de muitos crentes modernos? Hoje em dia, não são poucos os pais que choram a perdição dos filhos, pois estes não querem nenhum compromisso sério com o Senhor Jesus e a Sua Palavra.

Isso acontece porque eles têm sido gerados na prostituição dos seus pais com Jezabel. O Senhor diz ainda: *“...e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras.”* (Apocalipse 2.23).

Interessante é que o Senhor, aqui, não Se refere apenas à igreja em Tiatira, mas a todas as igrejas. E isto certamente inclui cada um de nós.

Devemos reconhecer que os Seus olhos, como chamados de fogo, sondam nossa mente e nosso coração, de modo que tudo a nosso respeito está descoberto diante de Seus olhos.

Mas é também um grande consolo saber que o Senhor não perde de vista aqueles que Lhe têm sido fiéis. Ele fala mais:

“Digo, todavia, a vós outros, os demais de Tiatira, a tantos quantos não têm essa doutrina e que não conheceram, como eles dizem, as coisas profundas de Satanás: Outra carga não jogarei sobre vós;”

Apocalipse 2.24

O que significa conhecer “as coisas profundas de Satanás”? O fato é que aqueles que se relacionavam com Jezabel se justificavam com os demais, que se mantinham imunes a ela, dizendo que precisavam conhecer as profundezas de Satanás, para experimentarem a grandeza do amor de Deus.

Era uma doutrina que eles haviam abraçado. Sobre isso mesmo o apóstolo Paulo diz

para os cristão romanos: “*E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum!*” (Romanos 6.15).

Em outras palavras, ele diz: Havemos de fazer o que é do diabo, para que experimentemos tanto mais a salvação? Haveríamos de penetrar nas coisas profundas de Satanás, para que atingíssemos as profundezas do Senhor Jesus? Nunca!

Para aqueles que se firmaram contra a doutrina de Jezabel, o Senhor lhes promete não jogar outra carga: “*...Outra carga não jogarei sobre vós; tão-somente conservai o que tendes, até que eu venha.*” (Apocalipse 2.24,25).

Quem se mantém no primeiro amor ao Senhor é servo, é discípulo, e não tolera mistura. Sobre este o Senhor não impõe outra carga. Mas Ele adverte muito seriamente: “*tão-somente conservai o que tendes, até que eu venha.*” (Apocalipse 2.25).

Significa que não se deixem corromper, mas por quanto tempo? Até que o Senhor Jesus venha: “*Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações,*” (Apocalipse 2.26).

E qual é o motivo que tem impedido o guardar até o fim? O pecado escondido! É claro que sempre existe a possibilidade de perdão e reconciliação com Deus. É necessário, porém, que haja arrependimento.

E é impossível haver arrependimento enquanto não houver o reconhecimento desse pecado e o desejo sincero de abandoná-lo. É a partir daí que o Espírito Santo concede o dom do arrependimento. Vejamos a promessa do Senhor:

“Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro; assim como também eu recebi de meu Pai, dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã.”

Apocalipse 2.26-28

Esta autoridade sobre as nações foi representada profeticamente nas vitórias de Josué, Davi e Salomão. Quando Israel entrou na Terra Prometida, todas as nações que ali estavam estabelecidas lhe foram subjugadas.

Sim, porque havia uma promessa de Deus, tanto por intermédio de Moisés quanto de Josué, que dizia: “*Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, desde o deserto, desde o Líbano, desde o rio, o rio Eufrates, até ao mar ocidental, será vosso.*” (Deuteronômio 11.24).

O apóstolo Paulo disse a Timóteo: “*se perseveramos, também como ele reinaremos...*” (2 Timóteo 2.12). Esta autoridade sobre as nações foi dada pelo Senhor aos Seus discípulos

vencedores.

Se eles não assumiram ainda esta condição, é outro problema! Mas que têm a autoridade do Senhor Jesus para julgar todas as nações, e autoridade sobre todo o poder do inferno, isto é óbvio, pela própria Palavra de Deus: *“Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões e sobre todo o poder do inimigo...”* (Lucas 10.19).

Serpentes e escorpiões significam os diferentes tipos de demônios; e o inimigo aqui referido é o próprio diabo. E a autoridade dada pelo Senhor é somente para os que vencem!

Enquanto o povo de Deus não assume esta autoridade que lhe foi delegada, o diabo, através de uma infinidade de seitas e religiões pagãs, vai dominando os povos e as nações de toda a Terra.

Os vencedores, em Cristo Jesus, são a única chance de salvação para as nações da Terra, pois Ele não tem ninguém com quem contar neste mundo para salvá-las a não ser os Seus servos!

E você, amigo leitor, é um vencedor? Se você é, então saiba que o Senhor Jesus está contando com você, para levar salvação àqueles que se encontram perdidos!

Convém salientar que nessas primeiras promessas aos vencedores das quatro primeiras igrejas, temos quatro níveis, todos por intermédio do Senhor Jesus, e com Ele:

- 1) A árvore da vida.
- 2) A vida eterna, nenhum dado da segunda morte.
- 3) O maná escondido.
- 4) O exercício do poder judicial e autoridade de governo através da vitória do Senhor Jesus.

Enquanto agora está concluída a série de tipos proféticos do Antigo Testamento, as três promessas seguintes aos vencedores das demais igrejas falam de coisas ainda futuras.

Elas indicam acontecimentos solenes na história mundial, os quais ainda estão para acontecer, mas é claro que todas as promessas aos vencedores apontam de maneira singular para o indescritível e glorioso futuro da Igreja vencedora.

O apóstolo Paulo, referindo-se a isso, diz: *“...Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o*

amam.” (1 Coríntios 2.9).

Cada uma das sete cartas contém uma promessa para um determinado vencedor; entretanto, o conjunto de todas elas é para todos os que vencerem.

É muito importante lembrar que vencedor não é aquele que conquista bem materiais, mas aquele que se mantém limpo no meio de tanta sujeira, puro no meio de tanta impureza, enfim, salvo no meio de tantos que se têm desviado!

É aquele que vence a si mesmo; os seus maus hábitos; a sua vontade própria; as suas ambições pessoais. Tudo por causa do Senhor Jesus. Aquele que é servo; que vive, crê e pratica aquilo que o Senhor determinou.

Para este, o último é o primeiro e o primeiro é o último! Já os perdedores são aqueles que têm a Bíblia na mente, como a verdadeira vontade de Deus, mas praticam a vontade da carne.

São espertos para si mesmos, porém não para Deus. Têm o espírito de Jacó e se não se arrependerem e não tiverem um encontro real com Deus, nunca chegarão a ser Israel.

Para estes, a teoria é uma e a prática outra. O primeiro é o primeiro mesmo! E o último é o último mesmo! Mas o Senhor diz: “*Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.*” (Apocalipse 2.29).

Esta advertência final do Senhor vem após a promessa aos vencedores, em contraste com a seqüência das igrejas anteriores. O Espírito Santo fala a todas as igrejas, e isto significa que nenhum de nós está excluído de ouvir a Sua mensagem!